

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS  
ESCOLA BRASILEIRA DE ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA E DE EMPRESAS  
MESTRADO PROFISSIONAL EM ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA**

**VIOLÊNCIA ESCOLAR E A MILITARIZAÇÃO DAS ESCOLAS PÚBLICAS: UM  
ESTUDO SOBRE O CASO DE GOIÁS**

**TRABALHO DE FINAL DE CURSO APRESENTADO À ESCOLA BRASILEIRA DE  
ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA E DE EMPRESAS PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE**

**CAIO DE CARVALHO RANNA**

**RIO DE JANEIRO**

**2021**

**CAIO DE CARVALHO RANNA**

**VIOLÊNCIA ESCOLAR E A MILITARIZAÇÃO DAS ESCOLAS PÚBLICAS: UM  
ESTUDO SOBRE O CASO DE GOIÁS**

Dissertação apresentada à Escola Brasileira de  
Administração Pública e de Empresas (EBAPE), da  
Fundação Getúlio Vargas do Rio de Janeiro (FGV-RJ),  
como requisito para o grau de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Kaizô Iwakami Beltrão

Rio de Janeiro

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de Bibliotecas/FGV

Ranna, Caio de Carvalho

Violência escolar e a militarização das escolas públicas: um estudo sobre o caso de Goiás / Caio de Carvalho Ranna. – 2021.

133 f.

Dissertação (mestrado) - Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas, Centro de Formação Acadêmica e Pesquisa.

Orientador: Kaizô Iwakami Beltrão.

Inclui bibliografia.

1. Educação - Goiás (Estado). 2. Violência escolar. 3. Escolas públicas. 4. Educação militar. I. Beltrão, Kaizô I. (Kaizô Iwakami), 1951-. II. Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas. Centro de Formação Acadêmica e Pesquisa. III. Título.

CDD – 306.43

CAIO DE CARVALHO RANNA

**"VIOÊNCIA ESCOLAR E A MILITARIZAÇÃO DAS ESCOLAS PÚBLICAS: UM ESTUDO SOBRE O CASO DE GOIÁS".**

Trabalho de conclusão apresentado(a) ao Curso de Mestrado Profissional em Administração Pública do(a) Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas da Fundação Getúlio Vargas para obtenção do grau de Mestre(a) em Administração Pública.

Data da defesa: 03/02/2021

**ASSINATURA DOS MEMBROS DA BANCA EXAMINADORA**


Presidente da Comissão Examinadora: Prof<sup>o</sup> Kaizô Iwakami Beltrão


Kaizô Iwakami Beltrão  
Orientadora

José Henrique Peim Fernandes  
Membro Interno

Luiz Carlos Ramiro Junior  
Membro Externo

Em cumprimento Lei nº 13.979 de 06/02/20 - DOU nº 27 de 07/02/20, a Portaria MEC nº 473 de 12/05/20 - DOU nº 90 de 13/05/20 e ao Decreto nº 066 de 11/05/20 - Poder Executivo do Estado do Rio de Janeiro, DOE nº 082-A em 11/05/20 que dispõe sobre a suspensão temporária das atividades acadêmicas presenciais e a utilização de recursos tecnológicos (em conformidade à legislação vigente), face ao COVID-19, as apresentações das defesas de Tese e Dissertação, de forma excepcional, serão realizadas de forma remota e síncrona, incluindo-se nessa modalidade membros da banca e discente.

  
Flávio Carvalho de Vasconcelos  
Diretor

  
Antonio de Araujo Freitas Junior  
Pró-Reitor de Ensino, Pesquisa e Pós-Graduação FGV  
Antonio Freitas, PhD  
Pró-Reitor de Ensino, Pesquisa e Pós-Graduação  
Fundação Getúlio Vargas

Instrução Normativa nº 01/19, de 09/07/19 - Pró-Reitoria FGV

Em caso de participação de Membro(s) da Banca Examinadora de forma não-presencial\*, o Presidente da Comissão Examinadora assinará o documento como representante legal, delegado por esta I.N.

*Desde o Imperador ao homem do povo, todos por igual  
devem ter o seu aperfeiçoamento como a coisa principal.*  
(Confúcio)

*A criança deve exercitar-se a reconhecer [a autoridade]  
na palavra do educador e a submeter-se ao seu  
ascendente; é por meio dessa condição que saberá, mais  
tarde, encontrá-la na sua consciência e aí se conformar  
a ela. (Émile Durkheim)*

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, pela vida, pela saúde e por me cercar de pessoas boas com quem posso sempre aprender e me aperfeiçoar.

Aos meus pais, Eliane de Carvalho e Luiz Carlos Ranna, por todo o amor e ensinamentos que me transmitiram ao longo da vida.

Aos meus chefes da FGV/DGPE, José Henrique Paim Fernandes e Romeu Weliton Caputo, por terem me apresentado a oportunidade e por me terem dado apoio para realizar o mestrado.

Aos meus amigos de mestrado, por todas as conversas e pelo apoio recíproco.

Ao meu orientador Kaizô Iwakami Beltrão, por ter estado sempre presente no processo de construção deste trabalho.

A todos os professores do mestrado da FGV/EBAPE, por todos os ensinamentos e pelo agradável convívio.

## RESUMO

**Objetivo:** o objetivo principal deste estudo consiste em verificar, comparativamente, se há diferença em relação ao nível de violência dentro do ambiente escolar, entre as escolas públicas não-militarizadas e as militarizadas do estado de Goiás.

**Metodologia:** a metodologia do estudo é de natureza quali-quantitativa. Na primeira parte, foram realizadas entrevistas com professores e diretores de algumas escolas não-militarizadas e militarizadas. Na segunda parte, foram coletados dados quantitativos dos do Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB), de 2017, a partir das respostas de professores e diretores em seus respectivos questionários, sobre algumas perguntas que tivessem relação com a violência escolar.

**Resultados:** os resultados do SAEB indicam que os alunos das escolas estaduais militarizadas de Goiás cometem menos atos de violência (no sentido amplo do conceito, incluindo atos de indisciplina e “incivilidade”) do que os alunos das escolas não-militarizadas em relação aos seguintes aspectos: agressão verbal contra professores funcionários e alunos, roubos, índice de faltas, consumo de bebidas alcoólicas e drogas ilícitas, além terem melhor autoestima e maior assistência e acompanhamento por parte dos pais. Em compensação, os professores das escolas não-militarizadas perdem menos tempo em sala de aula procurando manter a ordem e a disciplina dos alunos. Os resultados das entrevistas da pesquisa quali se contrapõem a neste último ponto ao resultado do SAEB.

**Limitações:** a pesquisa é limitada em relação aos dados qualitativos, pois não foi possível entrevistar uma ampla quantidade de professores e diretores, devido aos problemas oriundos da pandemia e da indisponibilidade das pessoas em querer participar da pesquisa, cujo tema é considerado delicado. Além disso, a pesquisa está restrita ao estado de Goiás, não sendo possível, portanto, fazer uma generalização dos resultados obtidos para todos os outros estados que adotam a política de militarização das escolas.

**Contribuições práticas:** os resultados podem contribuir de forma prática para que os gestores e formuladores de políticas públicas em educação consigam dimensionar melhor a influência do processo de militarização das escolas públicas como alternativa para reduzir os problemas de violência nas escolas, antecipando os possíveis resultados que a implementação dessas escolas possa vir a trazer.

**Contribuições sociais:** o estudo pode contribuir para uma melhor compreensão por parte da sociedade sobre o funcionamento, a estrutura e a organização do modelo militarizado de escola pública e os seus efeitos sobre a redução da violência escolar.

**Originalidade:** o trabalho avança em um campo pouco explorado de investigação na área dos estudos sobre educação no Brasil ao tratar da relação entre as escolas públicas não-militarizadas e as militarizadas no que concerne ao problema da violência escolar, buscando fazer tanto uma análise quantitativa dos dados disponibilizados pelo governo assim como uma análise qualitativa, dando voz a professores e diretores.

**Palavras-chave:** educação, violência nas escolas, escolas militarizadas.

## ABSTRACT

**Purpose:** the main objective of this study is to verify, comparatively, if there is a difference in relation to the level of violence within the school environment, between non-militarized public and militarized schools in the state of Goiás.

**Methodology:** the study methodology is of a quali-quantitative nature. In the first part, interviews were conducted with teachers and principals from some non-militarized and militarized schools. In the second part, quantitative data were collected from the Basic Education Assessment System (SAEB), from the responses of teachers and principals in their respective questionnaires, on some questions that were related to the aspect of school violence.

**Findings:** SAEB results indicate that students from militarized schools in Goiás commit less acts of violence (in the broad sense of the concept, including acts of indiscipline and “incivility”) than students from non-militarized schools in relation to the following aspects: verbal aggression against staff and students, theft, absenteeism, consumption of alcoholic beverages and illicit drugs, in addition to better self-esteem and greater assistance and monitoring by parents. On the other hand, teachers in non-militarized schools spend less time in the classroom trying to maintain students' order and discipline. Findings in the interviews show a different perspective, in contradiction with SAEB results.

**Limitations:** the research is limited in relation to qualitative data, as it was not possible to interview a large number of teachers and principals, due to the problems arising from the pandemic and the unavailability of people in wanting to participate in the research, whose topic is considered delicate. In addition, the research is restricted to the state of Goiás, therefore, it is not possible to generalize the results obtained for all other states that adopt the militarization policy of schools.

**Practical implications:** the results can contribute in a practical way so that the managers and formulators of public policies in education can better measure the influence of the militarization process of public schools as an alternative to reduce the problems of violence in schools, anticipating the possible results that the implementation of these schools can bring.

**Social implications:** the study can contribute to a better understanding by the society about the functioning, the structure and the organization of the militarized model of public school and its effects on the reduction of school violence.

**Originality:** the work advances in a little explored field of research in the field of education studies in Brazil when dealing with the relationship between non-militarized and militarized public schools with regard to the problem of school violence, seeking to do both a quantitative analysis of the data by the government as well as a qualitative analysis, giving voice to teachers and principals.

**Keywords:** education, violence in schools, militarized schools.



## **LISTA DE FIGURAS**

Figura 1 - Estrutura do Comando de Ensino da Polícia Militar

Figura 2 - Estrutura organizacional dos Colégios Militares de Goiás

## **LISTA DE QUADROS**

Quadro 1 - Percepção sobre o problema da violência dentro da escola (diretores)

Quadro 2 - Percepção sobre as medidas práticas tomadas pela escola controlar a violência (diretores)

Quadro 3 - Percepção sobre a relação entre violência, indisciplina e aprendizagem (diretores)

Quadro 4 - Percepção comparativa entre as escolas militarizadas e as escolas não-militarizadas (diretores)

Quadro 5 - Percepção sobre o problema da violência dentro da escola (professores)

Quadro 6 - Percepção sobre as medidas práticas tomadas pela escola para controlar a violência (professores)

Quadro 7 - Percepção sobre a relação entre violência, indisciplina e aprendizagem (professores)

Quadro 8 - Percepção comparativa entre as escolas militarizadas e as escolas não-militarizadas (professores)

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 - Percentual de respostas afirmativas para os itens sobre os problemas da escola e dificuldade de gestão nas escolas segundo diretores, diferenças e significância estatística.

Tabela 2 - Percentual de respostas afirmativas para os itens de violência nas escolas segundo diretores, diferenças e significância estatística.

Tabela 3 - Percentual de respostas afirmativas para os itens sobre projetos temáticos nas escolas segundo diretores, diferenças e significância estatística.

Tabela 4 - Percentual de respostas afirmativas para os itens que afetam a aprendizagem nas escolas segundo professores, diferenças e significância estatística.

Tabela 5 - Percentual de respostas afirmativas para os itens de violência nas escolas segundo professores, diferenças e significância estatística.

## **LISTA DE GRÁFICOS**

Gráfico 1 - Percentual de respostas para os itens de uso do tempo e práticas pedagógicas nas escolas segundo professores.

Gráfico 2 - Percentual de respostas para os itens de uso do tempo de aula gasto mantendo a ordem/disciplina na sala de segundo professores.

Gráfico 3 - Percentual de respostas para os itens de uso do tempo de aula gasto realizando atividades de ensino e aprendizagem na sala de segundo professores.

Gráfico 4 - Percentual de respostas para os itens de conteúdo previsto que o professor conseguiu desenvolver com os alunos no último ano letivo segundo professores.

## **LISTA DE SIGLAS**

CPMG	Colégios Estaduais da Polícia Militar de Goiás
CEPM	Comando de Ensino da Polícia Militar
EC	Emenda Complementar
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
PECIM	Programa Nacional das Escolas Cívico-Militares
PIB	Produto Interno Bruto
QOPM	Quadro de Oficiais Policiais Militares

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>15</b>
1.1	Contextualização do estudo .....	15
1.2	Objetivos do estudo .....	19
1.3	Delimitação do estudo .....	20
1.4	Metodologia .....	21
<b>2</b>	<b>REFERENCIAL TEÓRICO .....</b>	<b>22</b>
2.1	O conceito de violência escolar .....	22
2.2	As características da personalidade violenta .....	29
2.3	A influência do ambiente interno e externo na violência escolar .....	34
<b>3</b>	<b>AS ESCOLAS MILITARIZADAS DE GOIÁS .....</b>	<b>40</b>
3.1	Questões controversas sobre a militarização das escolas .....	40
3.2	Estrutura organizacional .....	44
3.3	Regime disciplinar .....	47
<b>4</b>	<b>RESULTADOS .....</b>	<b>51</b>
4.1	Entrevistas com os diretores .....	51
4.2	Questionário dos diretores (SAEB) .....	57
4.3	Entrevistas com os professores .....	60
4.4	Questionário dos professores (SAEB) .....	67
<b>5</b>	<b>DISCUSSÃO E CONCLUSÃO .....</b>	<b>73</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>77</b>
	<b>ANEXOS .....</b>	<b>87</b>

## 1. INTRODUÇÃO

### 1.1 Contextualização do estudo

Em 5 de setembro de 2019 o governo brasileiro aprovou o Decreto nº 10.004, que instituiu o Programa Nacional das Escolas Cívico-Militares – Pecim. Dentre os diversos objetivos elencados no Art. 4º, o inciso VIII, fala da contribuição para a “redução dos altos índices de violências nas escolas públicas regulares” (BRASIL, 2019).

De acordo com o site do MEC o programa é uma iniciativa do Ministério da Educação, em parceria com o Ministério da Defesa, que apresenta um conceito de gestão nas áreas educacional, didático-pedagógica e administrativa com a participação do corpo docente da escola e apoio dos militares. A proposta é implantar 216 Escolas Cívico-Militares em todo o país, até 2023, sendo 54 por ano.

O processo de adesão segue os seguintes critérios:

- Escola em situação de vulnerabilidade social e com baixo desempenho no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB);
- Escola localizada na capital do estado ou na respectiva região metropolitana;
- Escola que ofereça as etapas Ensino Fundamental II e/ou Médio e, preferencialmente, atenda de 500 a 1000 alunos nos dois turnos;
- Escola que possua a aprovação da comunidade escolar para a implantação do modelo.

As escolas que desejarem participar do Programa precisarão manifestar interesse junto à sua secretaria de educação, que conduzirá um processo de escolha. Nos estados que não houver adesão, os municípios poderão ser apresentar como voluntários para ingressarem no Programa.

Em que pese o fato de muitas escolas ainda estarem em fase de implementação deste programa, já existem diversas outras escolas espalhadas pelo País cuja gestão é compartilhada com o apoio de instituições militares (Corpo de Bombeiros, Exército e Polícia Militar), como é o caso das escolas da Polícia Militar de Goiás, objeto deste

estudo. O processo de militarização em Goiás começou a tomar forma através da Lei Estadual nº 14.050 de dezembro de 2001, intensificando-se ao longo dos anos subsequentes, contando hoje com 60 (sessenta) escolas militarizadas.

Esse novo modelo militarizado de gestão escolar é apresentado como uma alternativa para a resolução do problema da violência nas escolas, além de projetar uma melhora substancial do rendimento dos alunos através da introdução de princípios baseados na hierarquia e na disciplina como instrumentos pedagógicos.

A ampliação do número das escolas cívico-militares advém de uma percepção geral por parte da sociedade brasileira de que há uma crise de qualidade na educação, e que apesar dos altos investimentos realizados pelo Governo Federal, ainda assim não conseguimos obter bons resultados educacionais em relação aos outros países do mundo.

Segundo dados do relatório “Aspectos Fiscais da Educação no Brasil”, a despesa federal em educação quase dobrou sua participação, passando de 4,7% para 8,3% no período 2008-2017. Em proporção do PIB, a expansão também foi significativa, passando de 1,1 para 1,8%. Em 2017, o gasto primário da União em educação totalizou R\$ 117,2 bilhões, sendo R\$ 75,4 bilhões com educação superior e R\$ 34,6 bilhões em educação básica (SECRETARIA DO TESOURO NACIONAL, 2018).

Comparativamente, o Brasil gasta atualmente, em educação pública, cerca de 6,0% do PIB, valor superior à média da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico - OCDE (5,5%) – que engloba as principais economias mundiais – e de pares como Argentina (5,3%), Colômbia (4,7%), Chile (4,8%), México (5,3%) e Estados Unidos (5,4%). Cerca de 80% dos países, incluindo vários países desenvolvidos, gastam menos que o Brasil em educação relativamente ao PIB. Tal valor coloca o Brasil no percentil 80 da distribuição mundial, considerando uma amostra de 141 países (SECRETARIA DO TESOURO NACIONAL, 2018).

E apesar do alto investimento, dados de 2018, das provas do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa) - o maior estudo sobre educação do mundo, que compara 78 países – mostram que 68,1% dos estudantes brasileiros, com 15 anos de idade, não possuem nível básico de matemática, o mínimo para o exercício pleno da cidadania. Em ciências, o número chega a 55% e, em leitura, 50%. Os índices estão estagnados desde 2009 (INEP, 2019).



Quando comparado com os países da América do Sul avaliados pelo Pisa, o Brasil é o pior país em matemática, empatado estatisticamente com a Argentina, com 384 e 379 pontos, respectivamente. Uruguai (418), Chile (417), Peru (400) e Colômbia (391) estão à frente. Em ciências, o país também fica em último lugar, junto com os vizinhos Argentina e Peru, com empate de 404 pontos. Estão melhor classificados Chile (444), Uruguai (426) e Colômbia (413). Em leitura, o Brasil é o segundo pior do ranking sul-americano, com 413 pontos, ao lado da Colômbia (412). Em último lugar, estão Argentina (402) e Peru (401) (INEP, 2019).

Comparativamente à média dos países da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), o Brasil apresenta resultados ainda piores nas três áreas avaliadas (INEP, 2019):

- Leitura: OCDE 487, Brasil 413; faixa do Brasil no ranking: entre 55° e 59°.
- Matemática: OCDE 489, Brasil 384; faixa do Brasil no ranking: entre 69° e 72°.
- Ciências: OCDE 489, Brasil 404; faixa do Brasil no ranking: entre 64° e 67°.

Situação não muito favorável para um País que gasta mais dinheiro (6,0% do PIB) do que a média dos outros países da OCDE (5,5% do PIB), como vimos acima.

Um ponto a ser levado em consideração e que consta nos dados do estudo *Education at a Glance*, de 2016, também da OCDE, é que apesar do alto investimento em educação ao olharmos pela ótica do Produto Interno Bruto (PIB), o Brasil ainda tem gastos pouco expressivos ao analisarmos os gastos por aluno. Na educação fundamental, o Brasil paga US\$ 3,8 mil por aluno enquanto a OCDE investe US\$ 8,6 mil. Já no ensino médio, o gasto nacional é de US\$ 4,1 mil, ao passo que nos países da organização o valor chega a US\$ 10 mil. Porém, para comparar os resultados é preciso levar em conta que parte do gasto por aluno é referente a salários, que tendem a ser mais altos nos países desenvolvidos (OECD, 2016).

Por esses dados, vemos que o problema na educação pública brasileira não pode ser explicado pelo fato de que o País investe pouco em educação, pelo contrário, o que vemos é um alto investimento em educação, porém, o fator qualidade parece ser a questão central, e ao falarmos em qualidade, devemos levar em conta o problema da violência

escolar. Diversas são as pesquisas que mostram como a desordem, a bagunça, a falta de autocontrole e a agressividade dos alunos dentro da escola atrapalham o processo de ensino-aprendizagem, gerando perda de tempo que os professores não conseguem repor ao longo do ano, além de criar um clima escolar que é incondizente com a missão e a função social da escola.

Dados divulgados sobre uma pesquisa feita pelo Sindicato dos Professores de São Paulo, em 2017, apontam que mais da metade (51%) dos docentes da rede estadual de ensino afirmam já ter sofrido algum tipo de agressão, sendo a mais comum a agressão verbal (44%), seguida por discriminação (9%), bullying (8%), furto/roubo (6%), e agressão física (5%) (APEOESP, 2017).

Em 2018, a OCDE, através da Pesquisa Internacional sobre Ensino e Aprendizagem (Talis) - que coletou dados comparativos internacionais sobre o âmbito da aprendizagem e as condições de trabalho dos professores e diretores nas escolas de 48 países – apontou que 28% das instituições brasileiras que ofertam os anos finais do ensino fundamental identificam, semanalmente, situações de intimidação ou bullying entre os estudantes. Na realidade brasileira, também chama atenção uma diminuição do tempo que os docentes dedicam às atividades de ensino. De 2018 para 2013, caiu o tempo dedicado ao planejamento e à preparação para as aulas. No Brasil, Croácia, Estônia, Geórgia, Coreia, Portugal, Romênia e Cingapura, os professores gastam uma hora a menos que a média dos países participantes. Além disso, no conjunto de países da Talis 2018, 3% das escolas apresentaram problemas de intimidação ou ofensa verbal a professores ou funcionários ao menos uma vez por semana. No Brasil e na Bélgica, o problema ocorre semanalmente em mais de 10% de escolas (OECD, 2018).

Em outro levantamento feito em São Paulo, pela GloboNews (ARCOVERDE, 2019), o número de agressões a professores da rede estadual cresceu 73% em 2018 em relação ao ano anterior. Houve 434 agressões a professores da rede estadual contra 251 contabilizados em 2017. Na comparação com 2014, quando foram registrados 234 casos de agressões a professores da rede estadual, as ocorrências contabilizadas em 2018 representam uma alta de 83%.

Em pesquisa divulgada pela OCDE em 2019 (FOLHA DE SÃO PAULO, 2019), utilizando dados de 2013, sobre a violência nas escolas, com mais de 100 mil professores e diretores de escola do segundo ciclo do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, foi

evidenciado que o Brasil lidera o ranking de agressão contra docentes. Dentre os professores ouvidos, 12,5% afirmaram ser vítimas de agressões verbais ou intimidações de alunos. A média entre os 34 países pesquisados é de 3,4%. O Brasil é seguido por Estônia (11%) e Austrália (9,7%). As consequências dessa realidade para os profissionais da educação são graves. Em 2018, a Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro concedeu 3.055 licenças por doenças como transtorno ou reação ao estresse, depressão e esquizofrenia - o que equivale a uma licença a cada três horas. O número corresponde a 8% do quadro de professores do município.

A pesquisa “Juventudes, Educação e Projeto de Vida” (FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, 2020), realizada com 1.500 jovens das classes C, D e E das escolas públicas de todo o Brasil, revela que na percepção dos alunos das classes mais pobres da rede pública de ensino o maior obstáculo ao aprendizado é a bagunça/zoeira dos alunos nas aulas com 68%, seguido pela falta de infraestrutura da escola com 6% e falta de motivação de professores com 6% %. Questões de infraestrutura, de formatos de aula e postura do professor aparecem em níveis muito menores, e sempre como segunda resposta. O clima escolar em geral, que inclui a bagunça e conflitos entre professores e alunos, foi mencionado em diversos momentos das entrevistas. O efeito é uma sensação de mal estar por ir à escola – o que é um preditor relevante do abandono escolar.

A partir deste cenário, o intuito desta pesquisa é contribuir para o debate sobre políticas públicas em educação discutindo o problema da violência escolar sob a perspectiva de um modelo específico que vem sendo adotado mais amplamente no País em tempos recentes, o das escolas cívico-militares, que se apresenta como uma alternativa, não apenas para ajudar a melhorar os resultados educacionais das escolas públicas, mas também para reduzir o nível de violência. Selecionamos o estado de Goiás pois este pode ser considerado o “caso de sucesso” no Brasil deste modelo de gestão escolar.

## 1.2 Objetivos do estudo

Como objetivos intermediários esta pesquisa visa:

- Apresentar a literatura sobre o que se entende por violência escolar, as categorias dos atos violentos, quem são os agentes agressores e as vítimas, os traços dominantes da personalidade violenta, a relação entre clima escolar e violência e os fatores ambientais externos que podem contribuir para gerar violência nas escolas.
- Tratar das questões controversas acerca do processo de militarização das escolas públicas em geral e descrever a estrutura organizacional e o regime disciplinar das escolas públicas militarizadas de Goiás.
- Averiguar a partir dos dados oficiais do governo (os questionários do Sistema de Avaliação da Educação Básica – SAEB, de 2017) e das entrevistas realizadas com professores e diretores, qual é a percepção desses agentes escolares sobre o problema da violência escolar, tanto nas escolas públicas estaduais militarizadas quanto nas escolas públicas estaduais regulares de Goiás.

Como objetivo final esta pesquisa visa:

- Verificar, comparativamente, se os alunos das escolas públicas estaduais militarizadas de Goiás são menos violentos do que os das escolas públicas estaduais regulares.

### 1.3 Delimitação do estudo

O presente estudo analisa unicamente a realidade das escolas públicas estaduais de Goiás, militarizadas e não-militarizadas, sob a perspectiva da violência escolar. Para a realização desta pesquisa averiguamos os resultados das respostas a alguns itens relacionados ao tema da violência nos questionários do SAEB, de 2017, por parte de diretores e professores assim como realizamos entrevistas com alguns diretores e professores dessas escolas.

Os itens dos questionários selecionados para análise foram aqueles considerados pertinentes para a compreensão do problema da violência escolar. No total, foram analisadas as respostas de 935 diretores de escolas estaduais não-militarizadas e de 48 diretores de escolas militarizadas; no caso dos professores foram analisadas 6.992 respostas das escolas não-militarizadas e 298 de escolas militarizadas.

Foram feitas entrevistas com 4 diretores de escolas não-militarizadas e 8 diretores de escolas militarizadas além de 8 entrevistas com professores de escolas não-militarizadas e 10 entrevistas com professores de escolas militarizadas.

#### 1.4 Metodologia

De acordo com a definição de Vergara (2010) trata-se de uma pesquisa exploratória e descritiva, pois há pouco conhecimento prévio sobre o assunto a ser pesquisado e também se fez necessário descrever determinada população (escolas militarizadas e não-militarizadas) e fenômeno (violência escolar). Quanto aos meios foram realizadas pesquisas bibliográficas (livros e artigos), documentais (legislações e regimentos) e trabalho de campo de modo virtual na realização de entrevistas com diretores e professores.

A caracterização desta pesquisa é de abordagem mista quali-quantitativa com coleta de dados mediante procedimentos estatísticos assim como de dados não numéricos.

Para a análise estatística analisamos a diferença das respostas dos diretores e professores das escolas militarizadas e não-militarizada, e para cada item selecionado do questionário do SAEB, calculamos o p-valor (a probabilidade da diferença não existir e ser detectada como existindo) e definimos como diferenças relevantes todas aquelas que tiveram um p-valor abaixo de 5%.

Para a análise qualitativa foi aplicado um questionário aberto com 4 perguntas a diretores e professores tratando da percepção destes acerca dos seguintes itens: o problema da violência escolar; as medidas práticas tomadas pela escola para controlar a violência; as principais diferenças entre as escolas cívico-militares e as não-militarizadas em relação ao controle da violência; e a relação entre violência e aprendizagem.

Os nomes dos profissionais foram anonimizados, conforme estabelecido no termo de consentimento assinado por todos, assim como o nome da escola e a sua localização geográfica, visando proteger a integridade dos envolvidos na pesquisa. As entrevistas foram feitas pela plataforma Zoom.

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 O conceito de violência escolar

Não há um consenso sobre a definição do conceito de violência escolar por parte dos pesquisadores da área, variando as perspectivas de acordo com o enfoque dado ao tema: sociológico, criminológico, econômico, geográfico ou cultural.

Stelko-Pereira e Williams (2010) argumentam que há três motivos essenciais para que haja uma sistematização por parte dos pesquisadores sobre o que constitui o conceito de violência escolar:

a) construir instrumentos de avaliação de violência escolar precisos; b) facilitar o diálogo entre pesquisadores e entre pesquisadores e sociedade; e c) comparar pesquisas realizadas em diferentes locais e em diferentes épocas. Além disso, uma categorização é importante para se evitar distorções do que seja violência escolar ou de termos específicos desse campo. (STELKO-PEREIRA e WILLIAMS, 2010, p. 47).

A análise empreendida por Abramovay e Rua (2002) mostra as diversas possibilidades de abordagem do problema: a violência do sistema escolar contra os alunos; a violência física, econômica e a ideia de autoridade; a distinção entre violência, incivildades e violência simbólica ou institucional; a relação entre violência e a disponibilidade de armas de fogo; a influência de gangues nas escolas; o aspecto moralista do que pode ser considerado ou não comportamento antissocial, dentre outros.

Debarbieux (2001) em sua revisão histórica do conceito ao longo de trinta anos, a partir da produção da sociologia francesa, afirma que o objeto “violência na escola” foi bastante ampliado para que fosse levado em conta elementos que vão além das tradicionais bagunças perpetradas pelos alunos no ambiente escolar. Fatores como a violência simbólica exercida pela escola e as consequências da desorganização da vida urbana (a pobreza, o conflito de classes e a exclusão social) sobre o ambiente escolar passaram a ser considerados na análise do problema. Além disso houve uma transição da

ênfase que recaía sobre a violência de alunos contra professores, para a análise da violência entre alunos ou desses contra a propriedade.

O autor faz críticas à extensão excessiva que alguns pesquisadores dão ao termo violência, incluindo atos de delinquência não necessariamente passíveis de punição ou que passam despercebidos pelo aparato jurídico estatal. Outros críticos desta “visão inflacionista da violência” são Bonafé-Schmitt (1997 *apud* DEBARBIEUX, 2001) e Prairat (2001 *apud* DEBARBIEUX, 2001), que enxergam no número ilimitado de conceitos sobre violência como uma fonte de imprecisão, criando margem para a confusão sobre a natureza do conceito.

Porém, Debarbieux acaba compartilhando desta definição mais larga e abrangente, pois “a voz das vítimas deve ser levada em consideração na definição de violência, que diz respeito tanto a incidentes múltiplos e causadores de estresse que escapam à punição quanto à agressão brutal e caótica” (2001, p. 61). Neste sentido, a avaliação do que é violência escolar deve levar em conta dois aspectos: a) aquilo que é passível de punição penal e estiver relacionado às formas mais brutais de violência; b) todo ato de agressão e incivilidade.

Bernard Charlot (1997) segue o modelo “inflacionista” de conceituação da violência escolar e equaciona em três níveis o problema:

I) a violência – golpes, ferimentos, violência sexual, roubos, crimes, vandalismo; II) incivildades – humilhações, palavras grosseiras, falta de respeito; III) violência simbólica ou institucional – falta de sentido em permanecer na escola por tantos anos; o ensino como um desprazer, que obriga o jovem a aprender matérias e conteúdos alheios aos seus interesses; as imposições de uma sociedade que não sabe acolher os seus jovens no mercado de trabalho; a violência das relações de poder entre professores e alunos; a negação da identidade e satisfação profissional aos professores, a sua obrigação de suportar o absenteísmo e a indiferença dos alunos. (CHARLOT, 1997 *apud* ABRAMOVAY, 2004, p. 69).

Em geral, os fatores que envolvem a violência explícita são os que obtêm maior ênfase na análise do problema, porém, o conceito “incivildades” representa os problemas mais recorrentes de violência na escola, sendo de natureza mais sutil e menos chocante

do que a agressão física. Este ponto reafirma a importância da expansão do conceito para aspectos que vão além dos atos criminosos mais extremos, pois tais comportamentos e atitudes também geram rupturas da ordem do cotidiano, apesar de não constarem no Código Penal. Tal distinção separa aquilo que é violência e transgressão da ordem e das regras da vida em sociedade, porém, não exclui os atos considerados menos chocantes como componentes relevantes para a compreensão do problema da violência escolar.

Sendo o ambiente escolar composto por diversos atores com atribuições de funções e papéis sociais diferenciados (diretores, coordenadores, professores, pais, inspetores, alunos, faxineiros, vigilantes, recepcionistas), na relação interpessoal entre eles, alguns têm mais competências para punir, coagir e recompensar do que outros, o que gera uma hierarquia e uma diferenciação das condições de poder, não havendo uma relação de igualdade e intensidade na possibilidade do uso da força contra alguém (WILLIAMS, 2003).

Diferenças entre etnias, classes sociais e gêneros também influenciam o processo de violência escolar. Os homens costumam se envolver mais em violência física do que as mulheres, além de serem as principais vítimas desses ataques (FURLONG e MORRISON, 2000). Negros e pessoas de baixa renda sofrem mais com este problema (WARNER; WEIST; KRULAK, 1999; ABRAMOVAY e RUA, 2002) assim como os homossexuais (CASTRO e ABRAMOVAY, 2003).

Outras divisão desenvolvida por Bernard Charlot (2002): violência *na* escola, violência *da* escola e violência *à* escola, ajuda a fazer as devidas distinções de modo a mostrar quem é o agressor e quem é o agredido em determinadas circunstâncias.

No caso da violência *na* escola, o papel de agressor é assumido por agentes externos ao ambiente escolar, são aqueles indivíduos que não fazem parte da instituição, no exemplo dado pelo autor, uma situação típica seria a de um bando que invade a escola para acertar contas de disputas que são do bairro, portanto, a escola seria apenas um de vários outros locais possíveis para o caso de violência.

A violência *da* escola (violência simbólica) é colocada pelas autoridades do sistema educacional, que impõem os seus hábitos, valores e símbolos como modelos a serem seguidos pelos estudantes, sendo de natureza mais sutil e imperceptível. Na teoria sociológica da violência simbólica, elaborada por Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron (1975), parte-se do pressuposto de que esta forma de violência é impregnada



nos indivíduos a partir de hábitos, símbolos e valores, que são lhes são impostos sem que estes reconheçam que estão sendo alvos de dominação por parte de outros. Esta forma de violência imporia aos alunos a cultura e os valores da classe dominante, que detém o monopólio da instituição escolar, impondo significações e dissimulando as relações de força. Em interpretação do conceito de Bourdieu e Passeron, Vasconcellos (2002) afirma que a violência simbólica aparece como eficaz para explicar a adesão dos dominados: “dominação imposta pela aceitação das regras, das sanções, a incapacidade de conhecer as regras de direito ou morais, as práticas linguísticas e outras” (p. 81). Neste sentido, o ato violento da escola passa como natural e a sua essência de forma despercebida, como se fosse a ordem natural das coisas.

Quanto a violência *à* escola (incêndios, agressão contra professores ou funcionários), os atos estão ligados à atividade institucional escolar. Este tipo de violência deve ser analisado conjuntamente com a violência *da* escola, pois trata-se de uma revolta dos alunos em relação a forma como a escola os trata: “modos de composição de classes, de atribuição de notas, de orientação, palavras desdenhosas dos adultos, atos considerados pelos alunos como injustos ou racistas etc.” (CHARLOT, 2002, p. 435).

Na tradição norte-americana, costuma-se empregar o termo delinquência juvenil para se falar de violência escolar, e assim como os franceses, os autores norte-americanos também fazem uso do conceito de forma abrangente:

Um problema comportamental mostrado por um menor – inclui comportamentos tais como: ofender o professor, morder o colega de classe, não fazer o dever de casa, chegar atrasado, pichar as paredes da escola, “colar” nos testes, praticar *bullying*, mentir, brigar, roubar, dirigir em alta velocidade, consumir bebida alcoólica, praticar sexo, vender drogas, roubar ou furtar, atear fogo em propriedades, estuprar e assassinar. (GOTTFREDSON, 2001, p. 4).

Neste sentido, o uso do conceito de delinquência juvenil para se referir à violência escolar engloba uma série de atos que vão desde violências físicas extremas (estupro, assassinato, agressões físicas) até comportamentos mais sutis (chegar atrasado na aula, não fazer o dever de casa, “colar” nas provas).

Muito estudado por criminologistas nos Estados Unidos, a questão da delinquência juvenil é por vezes tratada pelo conceito de crime, independentemente da gravidade do ato, como em Hirschi e Gottfredson (1990): “comportamento envolvendo o uso de força ou fraude na busca por autossatisfação” (p. 15). A característica principal que esses comportamentos revelam é a incapacidade ou a falta de vontade do indivíduo para conter os seus impulsos naturais na busca por prazer ou alívio das suas fontes de irritação, podendo o conceito ser aplicado para violências físicas extremas assim como para as mais sutis.

Em relação aos estudos brasileiros, a tendência é seguir o modelo abrangente utilizado tanto pelos franceses quanto pelos americanos, na definição do conceito de violência escolar:

Entende-se por violência a intervenção física de um indivíduo ou grupo contra a integridade de outro(s) e também contra si mesmo – abrangendo desde suicídios, espancamentos de vários tipos, roubos, assaltos e homicídios até a violência no trânsito, disfarçada sob a denominação de “acidentes”, além das diversas formas de agressão sexual. Compreende-se, igualmente, todas as formas de violência verbal, simbólica e institucional. (ABRAMOVAY e RUA, 2002, p. 94).

Os autores brasileiros buscam refinar o conceito de violência considerando a população-alvo, os jovens e o lugar social da instituição objeto, a escola, com grande preocupação e dar visibilidade a violências simbólicas, também levando em consideração os aspectos mais sutis da violência escolar. Sposito (2001) afirma que, “apesar de incipiente, a produção nacional já traça um quadro importante do fenômeno, mostrando as principais modalidades” (p. 87).

Por mais que haja uma convergência conceitual sobre a necessidade de abrangência na definição do conceito de violência escolar, a metodologia aplicada por autores de origem inglesa e francesa costuma ser diferente, sendo que os brasileiros se aproximam mais dos franceses. Nos Estados Unidos e na Inglaterra é mais recorrente o emprego de métodos objetivos e quantitativos (inventários, observações sistemáticas e intervenções com delineamentos experimentais) enquanto na França a linha de investigações segue pelo viés qualitativo (entrevistas semiabertas, observações do

cotidiano assistemáticas e intervenções sem prática apoiada em evidências) (STELKO-PEREIRA e WILLIAMS, 2010)

Outros dois conceitos que ganharam relevância nas últimas décadas e devem ser mencionados são o de *bullying* e *cyberbullying*, frequentemente utilizados para a interpretação dos problemas envolvendo violência, e mais especificamente a violência escolar. Não havendo grandes diferenças conceituais – com exceção do aspecto da constância e da repetibilidade dos atos sobre uma mesma pessoa - nas definições por parte daqueles autores que usam o termo violência escolar para aqueles que usam o conceito de *bullying*. No caso do *cyberbullying*, trata-se de uma expansão do conceito de *bullying* para que seja levado em conta os atos de violência que são perpetrados através de instrumentos tecnológicos e digitais.

De acordo com a definição de Olweus (1994), uma pessoa sofre *bullying* quando é exposta, repetidamente ao longo do tempo, a ações negativas da parte de outras pessoas.

Hinduja e Patchin (2010) expandem o conceito de Olweus e definem *bullying* como comportamento agressivo ou intenção deliberada de prejudicar alguém, por parte de uma pessoa ou grupo, geralmente de forma repetida e ao longo do tempo, numa relação que envolve diferença de poder. Quanto a sua extensão o *bullying* pode envolver uma agressão direta ou indireta, sendo a primeira violência física explícita (bater, chutar, pegar material alheio fazendo uso da força) e a segunda sendo constituída de atos de manipulação mais sutis (extorquir, ostracizar ou intimidar). Um ponto de distinção também apresentado pelos autores é a diferença entre agressão aberta e agressão relacional, a primeira envolve colocar apelidos, empurrar ou bater em alguém, enquanto a segunda refere-se a comportamento mais sutis como fazer fofoca, espalhar rumores e gerar outros tipos destrutivos de relacionamento interpessoal.

Slonje e Smith (2008) definem *bullying* como um ato ou comportamento agressivo intencional que é perpetrado por um indivíduo ou grupo repetidamente ao longo do tempo contra uma vítima que não consegue se defender facilmente dos ataques. Os autores qualificam dois tipos de ataques mais comuns. Primeiramente, há os casos de agressão física como bater, chutar, socar, roubar os pertences de outro ou atacar a propriedade alheia. Em segundo lugar, há os casos de agressão verbal incluindo implicar, provocar ou ameaçar. Assim como Hiduja e Patchin (2010) os autores também consideram formas de

agressão indiretas (espalhar rumores, excluir certas pessoas, inventar mentiras) assim como agressões relacionais (feitas para minar o relacionamento entre outras pessoas).

No caso do *cyberbullying* o ato ocorre quando o indivíduo é alvo de *bullying* através de telefones celulares ou pela internet (OLWEUS, 2012), definição similar à de Slonje e Smith (2008), que também entendem como uma forma de *bullying* que ocorre através de modernos aparelhos tecnológicos, mais especificamente telefones celulares e a internet, e de Hinduja e Patchin (2010), que compreendem como um ato deliberado e repetido cujo objetivo é prejudicar alguém mediante o uso de computadores, telefones celulares e outros meios eletrônicos.

Os atos mais recorrentes neste tipo de situação seriam: enviar, via e-mail ou mensagens de celular, mensagens de assédio ou ameaça ou postar comentários depreciativos sobre alguém na internet ou nas mídias sociais (Facebook, Twitter). As formas mais sutis de cometer *cyberbullying* envolvem ser ignorado, desrespeitado, incomodado ou virar alvo de chacota. As formas mais graves envolvem espalhar rumores sobre alguém, gerar perseguição, ou ameaçar fisicamente (HINDUJA e PATCHIN, 2010).

Os efeitos que o *bullying* e o *cyberbullying* geram são extremamente graves na vida das pessoas, levando à baixa autoestima, insegurança, somatização física, depressão e até mesmo ao suicídio. As vítimas que são constantemente abusadas caracterizam-se por um comportamento social inibido, passivo ou submisso. Estes adolescentes costumam sentir vulnerabilidade, medo ou vergonha intensos e uma autoestima cada vez mais baixa, aumentando a probabilidade de vitimização continuada (MIDDELTON-MOZ e ZAWADSKI, 2007 *apud* BANDEIRA, 2010). As vítimas de *bullying* possuem até três vezes mais chances de sofrerem com dores de cabeça e com dores abdominais, até cinco vezes mais chances de ter insônia e até duas vezes e meia mais chances de experimentar enurese noturna, quando comparadas às crianças que não são vítimas (ROLIM, 2008 *apud* BANDEIRA, 2010).

Em relação às características dos agressores, há indícios de que estes são em sua maioria do sexo masculino, com problemas de afastamento em relação à família e à escola e com histórico de consumo de substâncias ilegais (CARVALHOSA, 2001). Porém, ainda não há uma clareza se os *bullies* possuem melhor autoestima do que os vitimados (HINDUJA e PATCHIN, 2010), ou se na verdade são pessoas com baixa autoestima que

engajam-se em comportamentos delinquentes como uma forma de retaliação contra a sociedade que desdenha deles e também como uma forma de obter autoestima (ROSENBERG, 1989 *apud* BANDEIRA, 2010).

Dentro do ambiente escolar brasileiro, há uma percepção por parte dos professores de que o *bullying* prejudica o trabalho em sala de aula (FERREIRA; ROWE; ANTUNES., 2010), sobretudo porque eles veem uma relação entre *bullies*, indisciplina e dificuldades de aprendizagem (TREVISOL e DRESCH, 2011). E pesquisa realizada por Campos e Jorge (2010) apontou que 83% dos estudantes já ouviram falar em *bullying* e 97,03% relataram que há necessidade de prevenção.

Em resumo, é neste sentido que Abramovay (2005) afirma:

Apresentar um conceito de violência requer uma certa cautela, isso porque ela é, inegavelmente, algo dinâmico e mutável. Suas representações, suas dimensões e seus significados passam por adaptações à medida que as sociedades se transformam. A dependência do momento histórico, da localidade, do contexto cultural e de uma série de outros fatores lhe atribui um caráter de dinamismo próprio dos fenômenos sociais. (ABRAMOVAY, 2005, p. 53).

Portanto, é necessário termos precaução ao falar de violência escolar, porque trata-se de um conceito dinâmico, complexo e multifacetado, que à primeira vista pode parecer evidente, mas que na verdade não é objeto de consenso por parte dos pesquisadores. Entretanto, há na literatura um recorte dos atributos que compõem a natureza deste fenômeno, o que possibilita trabalhá-lo de forma científica.

## 2.2 As características da personalidade violenta

Para além dos aspectos sociais que contribuem para o problema da violência escolar é importante a discussão sobre as atitudes e as características dos indivíduos que têm mais propensão para desenvolverem traços de personalidade que podem favorecer a prática de atos de violência.

Personalidade, de acordo com a definição dada por Gottfredson (2001), é um conjunto relativamente estável de traços ou inclinações que diferem entre os indivíduos. Dentre esses traços e inclinações mais recorrentes alguns estudiosos da personalidade humana (GOLDBERG, 1992) organizaram em cinco (“Big 5”) os fatores de personalidade que estão intrinsicamente ligados a problemas comportamentais:

- *Conscienciosidade*: competência, ordem, obediência, capacidade de realização, ambição, autodisciplina e deliberação.
- *Neurose/Estabilidade Emocional*: ansiedade, raiva, hostilidade, depressão, autoconsciência, impulsividade e vulnerabilidade.
- *Extroversão*: cordialidade, espírito gregário, assertividade, atividade, entusiasmo e emoções positivas.
- *Agradabilidade*: confiança, franqueza, altruísmo, compliance, modéstia e ternura.
- *Abertura/Intelecto*: fantasia, estética, sentimentos, ações, ideias e valores.

Estudos em escala longitudinal (COSTA e MCCRAE, 1992; ROBINS e JOHN; CASPI *apud* GOTTFREDSON, 2001) que acompanharam a evolução de adolescentes e adultos revelaram que pessoas mais jovens têm maiores níveis de Neurose, Extroversão e Abertura e menores níveis de Abertura e Conscienciosidade. A estabilidade da personalidade, de acordo com Costa e McCrae, seria atingida aos 30 anos de idade, mas com possibilidades de mudanças, não sendo fixadas de uma vez por todas. Portanto, ainda na fase escolar, os indivíduos teriam margem para desenvolver traços de personalidade que estão deficientes a partir da influência do ambiente do entorno que o cerca – a educação familiar, a educação escolar e outras experiências de aprendizagem. O início do processo de formação da personalidade ocorreria entre os 7 ou 8 anos de idade (EDER e MANGELSDORF *apud* GOTTFREDSON, 2001).

Na literatura internacional diversos autores têm investigado esta questão a partir do conceito de competências socioemocionais. Indivíduos com mais *empatia* e *conscienciosidade* costumam obter maiores notas e maiores taxas de conclusão das etapas mais avançadas de ensino (ALMUD *et al.*, 2011; DUNCAN e MAGNUSON, 2013; DUCKWORTH e SELIGMAN, 2005). A ausência dessas habilidades sociais ou emocionais estariam ligadas a falta de motivação, violência na escola e depressão (DEWALL *et al.*, 2007; MAXWELL, 1989). Há diversos estudos corroborando a

influência positiva que o desenvolvimento planejado pela escola de competências socioemocionais nos alunos melhoram a capacidade dos alunos de lidar com problemas (BERGER *et al.*, 2011) e obter melhores resultados acadêmicos (PAYTON *et al.*, 2008).

Um desenvolvimento teórico relevante sobre a relação entre as características individuais da personalidade e a sua relação com atitudes antissociais, delinquentes ou violentas foi a elaboração do conceito de autocontrole, por Travis Hirschi e Michael Gottfredson, no livro *A General Theory of Crime* (1990), com diversas pesquisas já realizadas demonstrando que a ausência de autocontrole de fato é uma causa preditiva para desvios comportamentais por parte dos indivíduos (ARNEKLEV *et al.*, 1993; BURTON *et al.*, 1994; POLAKOWSKI, 1994).

Autocontrole é a tendência que certas pessoas têm para evitar atos criminosos e desvios comportamentais análogos independentemente das circunstâncias em que elas se encontram. Central para a compreensão da teoria é a ideia de que as pessoas variam na sua propensão para fazer uso de atos de força ou fraude como meios de obter o que desejam.

Os elementos que fazem parte das características da personalidade de indivíduos com baixo nível de autocontrole são:

1) Busca por obter uma gratificação imediata para os seus desejos: pessoas que tem uma visão de mundo focada no “aqui e agora”; 2) Busca por meios simples ou fáceis para a obtenção dos seus desejos: conseguir dinheiro sem trabalhar, ter relações sexuais sem precisar conquistar o parceiro, falta de diligência, tenacidade ou persistência no curso das suas ações; 3) Busca por excitação, atividades arriscadas ou emocionantes: pessoas que têm por característica serem mais aventureiras, físicas e ativas (baixo nível de autocontrole) ao invés de serem cautelosas, verbais e cognitivas (alto nível de autocontrole); 4) Incapacidade de se comprometer com ações de longo prazo: quanto menor o nível de autocontrole maior a chance da pessoa ser instável no casamento, na família, com os amigos e no emprego; 5) Baixo nível intelectual e incapacidade de planejamento: pessoas com pouco autocontrole não alcançam sucesso acadêmico e/ou não possuem habilidades manuais que possam ser conseguidas mediante treinamento e aprendizado; 6) Busca por causar dor ou desconforto em suas vítimas: pessoas autocentrada, egoístas, indiferentes ou insensíveis ao sofrimento e às necessidades alheias. (HIRSCHI e GOTTFREDSON, 1990, p. 89).

As manifestações da falta de autocontrole nos indivíduos podem ser vistas tanto através de atos criminosos como em comportamentos análogos: acidentes, consumo abusivo de álcool, constante mudança de emprego, poucas amizades, problemas financeiros, casamentos fracassados, pouco contato com a família etc.

O fator estabilidade também é importante para a compreensão da teoria, pois, de acordo com os autores, a ausência de autocontrole é a melhor forma de prever quais indivíduos tenderão a cometer mais crimes no futuro. Aqueles que apresentam baixo nível de autocontrole na adolescência tenderão a ter o mesmo tipo de comportamento na vida adulta.

O autocontrole para ser efetivado no indivíduo exige um esforço, intencional ou não, para que seja incorporado pela pessoa. Aqui há uma divergência importante com relação às outras teorias criminológicas que buscam a causa do comportamento criminoso em fatores sociais externos que pressionariam os indivíduos a agirem de forma violenta. O autocontrole é uma variável da personalidade humana que depende inteiramente da ação individual, seja ela feita pelo indivíduo por si mesmo, ou por outras pessoas sobre o indivíduo.

Portanto, cabe aqui a ideia de que instituições como a família e a escola têm um papel fundamental a cumprir para que as crianças e os adolescente desenvolvam o autocontrole, através de uma ação externa que não seja intencional por parte destes. Para os autores tanto a escola quanto a família devem contribuir para que as crianças e os adolescentes controlem o seu comportamento impulsivo, tenham metas de longo prazo, sejam mais sensíveis aos sentimentos alheios e reflitam sobre as consequências de seus atos antes de tomarem decisões.

O período de desenvolvimento do autocontrole ocorre entre os seis e oito anos de idade, período em que a criança ainda está sob a supervisão da família e já frequenta a escola. A família cumpre um papel decisivo neste processo e deve seguir o seguinte conjunto de ações: “1) monitorar o comportamento da criança; 2) reconhecer o comportamento desviante quando este ocorre; e 3) punir o comportamento desviante” (HIRSCHI e GOTTFREDSON, 1990, p. 97). Disciplina, supervisão e afeição seriam as três características que os pais deveriam dar às crianças para que estas não venham a cometer crimes e violência no futuro.



Quanto ao papel da escola, cabe ressaltar a grande responsabilidade que ela detém neste processo por ser uma instituição responsável pelo processo de socialização dos indivíduos. A escola tem uma série de vantagens que a tornam um lugar privilegiado para a promoção do autocontrole nos estudantes:

Primeiro, ela consegue monitorar melhor do que a família o comportamento das crianças. Em segundo lugar, ao contrário da família, os professores não têm dificuldade para reconhecer o comportamento violento ou desviante quando este ocorre. E, por fim, assim como a família, a escola tem autoridade para punir os alunos que não demonstrem ter autocontrole” (HIRSCHI e GOTTFREDSON, 1990, p. 105).

Porém, para que a escola consiga cumprir este papel com sucesso seria necessário haver uma cooperação por parte família.

Um outro desdobramento teórico relevante que dialoga e faz críticas à teoria do autocontrole encontra-se na obra *Crime in the Making*, por Sampson e Laub (1993). Nesta obra, Sampson e Laub, assim como Hirschi e Gottfredson (1990), também estão interessados em compreender por que determinados indivíduos são mais propensos a cometer atos de delinquência do que outros, quais são as causas que motivam o comportamento antissocial e de que forma ele pode ser controlado ao longo da vida.

Diversos estudos foram realizados para discutir e testar empiricamente os modelos de ambas as correntes teóricas (CERNKOVICH e GIORDANO, 2001; HIRSCHI e GOTTFREDSON, 1995; PATERNOSTER *et al.*, 1997; PIQUERO *et al.*, 2002; SAMPSON e LAUB, 1995; SIMONS *et al.*, 1998) com o intuito de verificar a estabilidade e a mudança na propensão ao crime ao longo da vida, os resultados apontam que é possível uma mudança comportamental do indivíduo ao longo do tempo, caso ele passe por um processo de socialização através de algumas instituições sociais que reprimam o comportamento delinquente.

A abordagem de Sampson e Laub (1993) é de caráter longitudinal, os autores procuraram acompanhar a evolução dos indivíduos ao longo da vida para verificar se o fator idade afeta a propensão ao cometimento de atos de delinquência, fazendo uma reanálise dos dados elaborados na pesquisa de Glueck e Glueck (1950), *Unraveling*

*Juvenile Delinquency*, na qual os autores acompanharam 500 jovens com histórico de delinquência e outros 500 jovens sem histórico de violência.

Os autores concluem que é de vital importância o papel das instituições sociais – incluindo a escola – no processo de mudança da personalidade dos indivíduos durante a vida, portanto, a propensão para o crime seria menos estável do que na concepção de Hirschi e Gottfredson (1990). A ideia é que indivíduos com histórico pregresso de ações delinquentes na juventude e no início da vida adulta poderiam mudar de comportamento ao criar vínculos com determinadas instituições sociais, de acordo com os autores:

Pessoas que desistiram do crime estavam inseridas em rotinas estruturadas: esposas, crianças e outros tipos de responsabilidades, obtinham recursos e apoio social dos seus relacionamentos, e eram virtualmente ou diretamente supervisionadas e monitoradas (Sampson e Laub, 2003, p. 279-280).

Em linhas gerais, eles compreendem a continuidade e a estabilidade no crime enfatizando o impacto dos laços sociais, como variável independente da personalidade individual, e afirmam que há situações e experiências de socialização na vida adulta que podem se contrapor àquilo que foi adquirido na infância e na adolescência. A escola tem dentro desta perspectiva uma função fundamental, pois é a instituição que, conjuntamente com a família, inicia o processo socializador do indivíduo na sociedade. Porém, ao contrário de Hirschi e Gottfredson, Sampson e Laub afirmam que caso a escola falhe neste processo é possível que ao longo da vida o indivíduo adquira comportamentos socialmente mais aceitáveis em outras instituições como o casamento, o exército, o emprego etc., sendo, portanto, menos estável a inclinação para atos de violência e crimes por parte do indivíduo.

### 2.3 A influência do ambiente interno e externo na violência escolar

A vivência dos estudantes é de fundamental importância para o seu sucesso escolar, pois o aprendizado e o comportamento são fortemente influenciados pelo contexto no qual ele ocorre. Este contexto pode ser definido pelas famílias dos alunos, pelos colegas com os quais eles vão para a escola, os amigos que eles escolhem para interagir e os professores que os ensinam.

O clima de trabalho no qual as pessoas estão inseridas é vital para a compreensão das suas condutas: “para podermos determinar as causas do comportamento de um indivíduo em situação de trabalho, precisamos tomar em linha de conta não apenas as suas características pessoais, mas também o seu ambiente ou clima de trabalho” (BRUNET, 1995, p. 125).

No caso das escolas, o clima escolar afeta o processo de melhoria da aprendizagem dos alunos, influenciando as atitudes, crenças, valores e motivação dos professores, alunos e funcionários (CANDIAN e REZENDE, 2013).

A perspectiva de que as relações entre os membros da comunidade escolar são positivas é um sinal de que o clima escolar é favorável, indo além do aspecto do rendimento escolar, aumentando a qualidade de vida e a produtividade dos docentes e dos alunos:

O clima de uma escola resulta do tipo de programa, dos processos utilizados, das condições ambientes que caracterizam a escola como uma instituição e como um agrupamento de alunos, dos departamentos, do pessoal e dos membros da direção. Cada escola possui o seu clima próprio. O clima determina a qualidade de vida e a produtividade dos docentes e dos alunos. O clima é um fator crítico para a saúde e para a eficácia de uma escola. (FOX, 1973 *apud* CUNHA e COSTA, 2009, p. 12-13).

O clima escolar pode ser definido como o conjunto das expectativas recíprocas compartilhadas pelos indivíduos em um ambiente institucional:

Como componentes do clima escolar, em geral, são abordados os seguintes indicadores: as realizações pedagógicas e administrativas, as atitudes dos alunos e da equipe pedagógica em relação à escola, o conjunto de relações estabelecidas, assim como as percepções de todo os seus integrantes acerca do trabalho pedagógico realizado pela instituição de ensino e sobre a participação que possuem nestes processos. (CUNHA e COSTA, 2009, p.1).

Marjoribanks (1980 *apud* CANDIAN e REZENDE, 2013) divide o conceito de clima escolar em quatro grandes grupos de contextos: contexto imaginativo, contexto instrucional, interrelacional e normativo (regulatório):

- O contexto imaginativo envolve a percepção, especificamente por parte dos alunos, do ambiente escolar como incentivador da criatividade e da imaginação.
- O contexto instrucional envolve as percepções dos alunos acerca do interesse (ou desinteresse) dos professores pela aprendizagem.
- O contexto interrelacional envolve a percepção da qualidade com que as relações são estabelecidas no ambiente escolar, no nível do aluno, entre professores e diretores.
- O contexto normativo envolve as percepções sobre a severidade com que se desenvolvem as relações de autoridade no interior da escola, assim como as percepções acerca do nível de participação dos agentes no estabelecimento das regras que coordenarão.

Dentro desta perspectiva normativa do clima escolar, Denise Gottfredson (1985) fala da importância das decisões criadas e implementadas pelos responsáveis pela escola em relação aos aspectos envolvendo regras, punições e premiações - tanto ao corpo de alunos quanto ao corpo de funcionários - que podem determinar a forma como alunos e professores percebem o ambiente escolar. Em alguns casos, as regras não são bem compreendidas pelos professores e pelos alunos; em outros casos há constantes discussões entre diretores e professores sobre as regras aplicadas dentro da escola. O ponto central está na compreensão de como a escola é organizada para que se mantenha a ordem e todos os agentes escolares consigam trabalhar de modo a fazer com que a escola seja gerida de forma eficiente, contribuindo também para uma sensação de bem-estar dentro do ambiente escolar.

Para que a escola consiga de fato implementar um clima escolar de contexto normativo que funcione duas variáveis ambientais, sob o controle das escolas, devem ser levadas em consideração: *fairness of rules* e *clarity of rules* (GOTTFREDSON *et al.*, 2005). Os agentes escolares, principalmente os estudantes, devem saber que a escola possui regras justas e claras de conduta, que geram expectativas com relação aos seus

comportamentos, e que desvios de comportamento não serão tolerados por parte de professores e diretores, gerando punição e aplicação de atos coercitivos sobre os mesmos.

Outro aspecto relevante para a compreensão do conceito de violência escolar é a influência do ambiente externo que circunda a escola. Na literatura brasileira muito se discutiu sobre a influência do narcotráfico, da exclusão social e das ações de gangues nas escolas localizadas em bairros de periferia durante os anos 80 e 90 (ABRAMOVAY e RUA, 2002). Neste sentido, a escola seria um recipiente que receberia o conteúdo da violência estrutural da sociedade, característica de *déficit* civilizacional que afeta todas as relações humanas e sociais:

Há como uma integração recíproca entre essas duas esferas da atividade humana que, aparentemente, estão bem distantes uma da outra. No caso brasileira, a crise da educação vem sendo agravada pela inserção da violência em suas diversificadas formas no mundo racional da escola, derrubando os alicerces da educação, desde a autoridade do professor até o abandono de exigências mínimas de aprovação. (BARRETO, 1992, p. 59-60).

Entretanto, seria preciso ter cuidado ao se fazer essas associações deterministas entre pobreza e violência no bairro e na escola, pois haveria nas escolas níveis diferenciados de violência, visto que as escolas não são iguais umas às outras, segundo Sposito (1998): “A diversidade também sinaliza o fato de que ambientes sociais violentos nem sempre produzem práticas escolares caracterizadas pela violência” (p. 64). O que pode ser identificado é a função “potencializadora” de violências, mas sem um automatismo que conjuga pobreza com violência escolar.

Na literatura norte-americana há estudos que confirmam a hipótese de que a desorganização e a violência nas comunidades em que se encontram localizadas as escolas contribuem para o aumento da violência nas escolas. Pesquisa realizada por Gottfredson e Gottfredson (1985) demonstrou que escolas em áreas urbanizadas, com maiores níveis de pobreza e desorganização da comunidade, experienciam muito mais violência e outras formas de desordem do que as escolas em ambientes rurais ou em bairros com comunidades melhores organizadas. KAUFMAN *et al.* (1998 *apud* GOTTFREDSON, 2001) constatou que professores das áreas urbanas (39 para cada

1.000) teriam maior propensão para serem vítimas de violência do que professores das áreas rurais com menos população (20 para cada 1.000). Uma pesquisa em escala nacional (LOUIS HARRIS AND ASSOCIATES, 1993 *apud* GOTTFREDSON, 2001) demonstrou que 24% dos estudantes das áreas urbanas consideravam o uso de facas e armas como um problema grave em suas escolas contra 16% dos estudantes das áreas rurais e menos populosas.

O apoio conceitual para esta perspectiva é encontrado na abordagem teórica da desorganização social (SHAW e MCKAY, 1969 *apud* GOTTFREDSON, 2001). De acordo com esta teoria, a instituição escolar, que têm por objetivo cumprir uma função socializadora e civilizadora no indivíduo, é menos eficaz na sua ação quando está colocada dentro de um ambiente social desorganizado pelas seguintes razões:

- a) as normas comportamentais da comunidade são ambíguas, inconsistentes ou não convencionais, o que dificulta o trabalho dos educadores no processo pedagógico com os alunos;
- b) faltam recursos humanos e de outros tipos na comunidade para serem usados dentro ambiente escolar;
- c) as carências sociais e emocionais dos alunos são maiores, exigindo maiores níveis de esforço por parte dos educadores para efetivarem o processo de socialização; e
- d) escolas em áreas mais desorganizadas têm dificuldades em atrair e reter os educadores e gestores escolares de maior talento.

A localização geográfica da escola seria relevante em dois sentidos: em primeiro lugar, pelo fato de que o local onde a escola está localizada afeta a sua composição demográfica; e em segundo lugar, porque dependendo da cultura do bairro em que a escola se encontra determinados valores comportamentais e culturais não são valorizados, dificultando o processo de socialização e educacional dos estudantes.

A presença de bares e traficantes de drogas também pode ser em fator preditivo de violência nas escolas (ABRAMOVAY e RUA, 2002) o que tornam esses ambientes “sitiados”, trazendo a desorganização e a violência de fora para dentro. A presença de traficantes ao redor da escola facilita e amplia o acesso dos estudantes ao consumo de entorpecentes. No caso dos bares e botequins, por vezes visto como um problema menor, cabe ressaltar que o consumo de bebida alcoólica é potencializado com esta proximidade,

gerando também maior consumo de tabaco, o que pode fazer com que os alunos cheguem alcoolizados nas escolas, possibilitando maior violência no ambiente escolar.

Furlong e Morrison (2000) analisam a questão da localização geográfica não por seus aspectos de desorganização social ou econômica, mas pelo fato da violência poder ocorrer em espaços fisicamente diversos: dentro da escola, no trajeto de casa para a escola, durante festas escolares ou passeios. Com a evolução da internet o conceito de localização geográfica foi expandido e a violência também passou a ser realizada através de mensagens de celular e *posts* na internet, sendo um outro tipo de violência caracterizado na literatura por *cyberbullying* (HINDUJA e PATCHIN, 2010; OLWEUS, 2012; SLONJE e SMITH, 2008). Portanto, o estudo da localização geográfica da violência escolar depende do viés analítico do pesquisador, não sendo restrito apenas ao bairro ou à estrutura física interna da escola, hoje é possível pensar em espaços de violência mais abrangentes que englobem o uso da tecnologia digital.

### 3. AS ESCOLAS MILITARIZADAS DE GOIÁS

#### 3.1 Questões controversas sobre a militarização das escolas

O processo de militarização das escolas públicas levantou uma série de questões polêmicas sobre a validade jurídica deste modelo de gestão escolar principalmente a partir dos princípios que constam no direito constitucional, no direito administrativo e no direito educacional brasileiro (XIMENES; STUCHI; MOREIRA, 2019), além de críticas a respeito da efetividade da presença militar como fator de melhoria da qualidade da educação (MENDONÇA, 2019; PINHEIRO; PEREIRA; SABINO, 2019).

A Constituição Federal de 1988, no seu art. 206, destaca os seguintes princípios de cumprimento obrigatório para o ensino:

I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola; II – liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber; III - pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas, e coexistência de instituições públicas e privadas de ensino; IV - gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais; V - valorização dos profissionais da educação escolar, garantidos, na forma da lei, planos de carreira, com ingresso exclusivamente por concurso público de provas e títulos, aos das redes públicas; VI – gestão democrática do ensino público, na forma da lei; VII - garantia de padrão de qualidade; VIII - piso salarial profissional nacional para os profissionais da educação escolar pública, nos termos de lei federal. (BRASIL, 1988).

A questão da igualdade de condições para o acesso e permanência na escola no modelo militarizado é problemático, pois é realizada a cobrança de uma taxa mensal, além de incluir despesas com fardamento, o que poderia ser caracterizado como ofensa ao princípio da gratuidade do ensino e de igualdade de condições para o acesso e permanência e ao princípio da gratuidade do ensino público.

Por serem instituições custeadas com o dinheiro público, essa cobrança seria indevida, porém, a Polícia Militar, denomina essa cobrança de “contribuição voluntária”, não obrigatória sendo destinadas para as despesas gerais visando melhorar a qualidade do serviço do CPMG conforme consta no Regimento Interno:



Art. 79. § 3º A entidade poderá receber contribuições voluntárias de seus associados e demais seguimentos da comunidade. § 4º A contribuição voluntária será destinada a prover as despesas gerais do CPMG para a melhoria do ensino e na forma estabelecida em seu estatuto. (Regimento Interno do CPMG, 2018).

Mesmo sob o pretexto de “contribuição voluntária” e de que o uso do recurso é realizado na própria escola, a cobrança, além de atingir as famílias de baixa renda, ameaçando as políticas de inclusão na educação, restringindo o acesso àquelas famílias que têm melhores condições financeiras, podendo ser encarada como um instrumento de controle e segregação (TIELLET, 2019).

Para Tavares (2016, *apud* XIMENES; STUCHI; MOREIRA, 2019), a cobrança de taxas, do ponto de vista administrativo, deve seguir as normas contábeis e de fiscalização pública, não podendo ser de natureza informal:

o Militar que aceita receber valores informais de particulares, sem que esse dinheiro integre a contabilidade pública, está a contribuir para o vilipêndio do princípio da gratuidade do ensino público e, destarte, como falta grave. Ademais, deve-se indagar sobre como se dá a escrituração e a fiscalização, por órgãos como o TCE e o MP, do dinheiro que segue para um serviço estatal, como escolas. (p. 625).

Questionável também é o modelo de ingresso de novos alunos nas escolas que reserva um percentual de vagas a serem destinadas aos filhos de policiais militares e outro percentual destinado ao sorteio público aberto à comunidade estudantil mediante inscrição para a participação do processo seletivo. Esses percentuais variam de estado para estado, por exemplo, em Mato Grosso, as escolas militarizadas reservam 50% das vagas para filhos e dependentes legais de militares, em até 50%, e o restante é destinado ao público em geral (TIELLET, 2019). No Estado da Bahia, as escolas militarizadas sob a gestão da Polícia Militar reservam 50% das vagas das unidades do interior e 70% nas vagas da Capital para filhos de militares estaduais e servidores públicos civis da corporação (PINHEIRO; PEREIRA; SABINO, 2019). No Rio de Janeiro, os editais de seleção para estudantes de três escolas controladas pela Polícia Militar fixaram uma reserva de 90% das vagas para filhos de policiais (SABOIA, 2019). No caso do estado de Goiás, o critério é de 50% das vagas destinadas para os dependentes de militares e 50% para o público em geral.

Os princípios da liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber e do pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas também são vistos como problemáticos, pois um ambiente educacional voltado para o controle, à disciplina e à hierarquia em tese não seria o mais propício para o desenvolvimento de uma prática educacional de liberdade e com pluralismo de ideias. A necessidade de obediência a um determinado código militar de comportamento pode vir a ser um fator de inibição ao aluno e ao professor no processo educacional.

O princípio da gestão democrática, no qual as definições do Projeto Político Pedagógico devem envolver a participação de diversos atores da sociedade: trabalhadores, gestores, estudantes e familiares seria outro ponto crítico. As definições do que é admitido ou não na prática escolar deve ser definido de forma plural, e pela própria comunidade escolar como um todo. O fato de não haver eleição para a escolha dos diretores, por exemplo, seria um sinal de que o modelo de gestão não atenderia ao princípio democrático (ALVES e TOSCHI, 2019).

O princípio da qualidade da educação também poderia ser questionado, pois não é possível qualidade sem o cumprimento do princípio da gestão democrática. A dimensão da qualidade em educação dialoga com a pluralidade de ideias, pensamento e de práticas pedagógicas, características que para muitos não estão associadas ao perfil militar, baseado na hierarquia e no cumprimento de ordens providas dos superiores.

Com relação aos profissionais do magistério a LDB delimita quem está habilitado e legalmente autorizado ao trabalho no ensino, são eles os professores e os trabalhadores da educação com habilitação específica, não estando contemplados os policiais militares:

I – professores habilitados em nível médio ou superior para a docência na educação infantil e nos ensinos fundamental e médio; II – trabalhadores em educação portadores de diploma de pedagogia, com habilitação em administração, planejamento, supervisão, inspeção e orientação educacional, bem como com títulos de mestrado ou doutorado nas mesmas áreas; III – trabalhadores em educação, portadores de diploma de curso técnico ou superior em área pedagógica ou afim; IV - profissionais com notório saber reconhecido pelos respectivos sistemas de ensino, para ministrar conteúdos de áreas afins à sua formação ou experiência profissional, atestados por titulação específica ou prática de ensino em unidades educacionais da rede pública ou privada ou das corporações privadas em que tenham atuado, exclusivamente para atender ao inciso V do caput do art. 36; V - profissionais graduados que tenham feito complementação pedagógica, conforme disposto pelo Conselho Nacional de Educação. (LDB, art. 61).

Pelo ponto de vista do arranjo institucional relacionado às funções do Estado, não parece caber aos policiais militares uma função educacional, conforme o art. 144 da Constituição Federal:

§ 5º Às polícias militares cabem a polícia ostensiva e a preservação da ordem pública; aos corpos de bombeiros militares, além das atribuições definidas em lei, incumbe a execução de atividades de defesa civil. (BRASIL, 1988).

Pela leitura do dispositivo vemos que não está dentre as atribuições da polícia e dos bombeiros militares administrar as escolas públicas. A segurança pública destina-se à preservação da ordem pública e da incolumidade das pessoas e do patrimônio, segundo caput do art. 144 da Constituição Federal. Não havendo qualquer menção, na função constitucionalmente reservada às forças de segurança, relacionada à administração de escolas, o que pode ser caracterizado como um desvio de finalidade.

Contudo, por meio da EC 101/2019 (inclusão do § 3º do art. 42), passou-se a permitir que militares dos Estados, do Distrito Federal e dos Territórios possam acumular seus cargos de militares dos Estados com: “i) um cargo de professor; ii) um cargo técnico ou científico; ou iii) um cargo ou emprego privativo de profissionais de saúde, com profissões regulamentadas” (conforme consta no art. 37, inciso XVI).

Mais um ponto controverso alegado pelos críticos da militarização escolar é ideia de que essas escolas obteriam resultados educacionais superiores às escolas públicas regulares em decorrência da militarização. A crítica que se faz a esse ponto de vista (MENDONÇA, 2019; PINHEIRO; PEREIRA; SABINO, 2019) é que não é a militarização que melhora os resultados, mas as condições específicas de que são dotadas essas unidades escolares como: reforço de pessoal, “contribuições voluntárias”, cobrança na compra de uniforme militar, processos seletivos e, especialmente, com a dispensa de alunos que não se adaptam aos rigores dos padrões militares e dos indesejados.

O perfil socioeconômico das militarizadas é distinto da maioria das escolas da rede pública. Saddi (2015) demonstrou que, nas escolas do Estado de Goiás, praticamente não havia estudantes com renda menor que um salário-mínimo. Destes apenas 5% com renda de um salário e a maioria entre cinco e sete salários, o que caracteriza por um perfil

socioeconômico médio-alto e alto, gerando uma exclusão das famílias mais pobres devido aos custos de manter um filho nelas. Portanto, os indicadores educacionais devem ser analisados levando-se em conta a origem dos alunos e as desigualdades iniciais de rendimento (SANTOS, 2011).

### 3.2 Estrutura organizacional

Os Colégios da Polícia Militar de Goiás são subordinados à Secretaria de Segurança Pública através da Polícia Militar do Estado de Goiás, tendo como parceira a Secretaria Estadual de Educação. Os colégios estaduais militares estão ligados ao Comando de Ensino da Polícia Militar, com uma estrutura (Figura 1) cujos postos de direção da escola – Comandante Diretor e Subcomandante (Vice Direção) são ocupados por militares e não por profissionais do magistério.

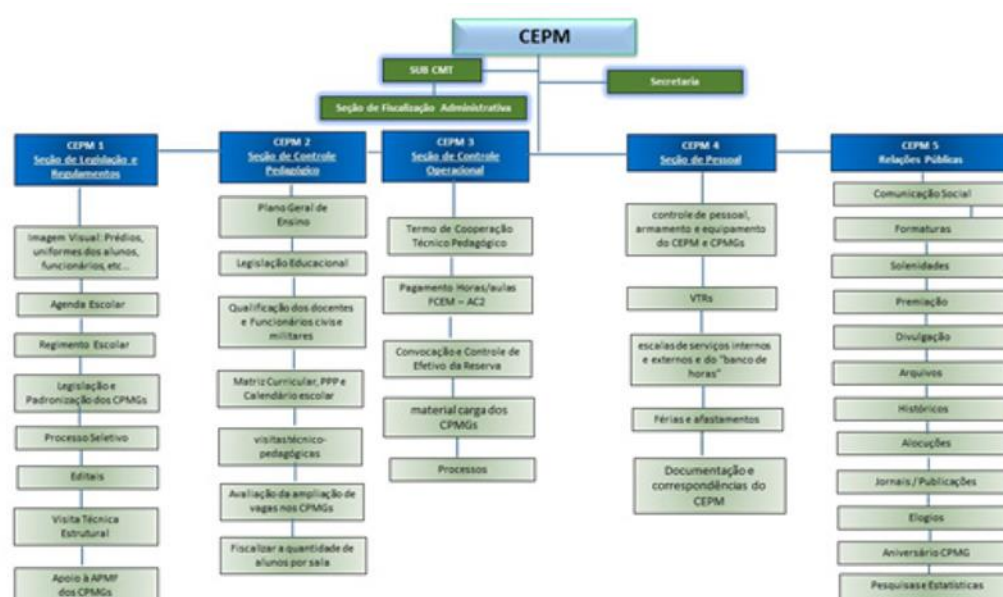


Figura 1 – Estrutura do Comando de Ensino da Polícia Militar

Fonte: Portal CPMG, Goiás, 2020.

A Lei n. 14.044, de 2001 (GOIÁS, 2001), que dispõe sobre os Colégios Estaduais da Polícia Militar do Estado de Goiás, no seu artigo 1º, afirma que estes ficam “sob comando e direção de oficiais da ativa (QOPM) dos postos de Tenente Coronel e Major, com graduação acadêmica superior e possuidores de curso de especialização em ensino



Conforme a Figura 2, vemos que há 6 (seis) órgãos estruturais, que estão sob o Comando de Ensino da Polícia Militar, sendo 3 (três) destes chefiados, preferencialmente, por militares: a Divisão Disciplinar (cargo de Oficial), a Divisão de Ensino (cargo de Comandante) e a Divisão Administrativa (cargo de Oficial).

De acordo com o Regimento Interno dos Colégios Estaduais Militares de Goiás (GOIÁS, 2018), o Oficial da Polícia Militar de Goiás que comanda a Divisão deve ser possuidor de Curso Superior e Curso de Especialização em Educação, ou equivalente, assim como o Capitão da Polícia Militar de Goiás, chefe da Divisão de Ensino. Para a Divisão Administrativa (controle de pessoal, relações públicas, finanças, material, patrimônio e compras) não há especificação quanto a diplomação acadêmica do Oficial, sendo este assessorado por profissionais civis e militares.

A Seção de Coordenação Técnica de Alimentação e a Secretaria Geral podem ser chefiadas por civis oriundos da Secretaria de Educação, com algum grau de participação por parte dos militares, mediante assessoramento, escolha ou indicação.

Os Órgãos Auxiliares são compostos pelo Conselho Disciplinar, Conselho de Classe, Conselho Escolar e Grêmio Estudantil.

O Conselho Disciplinar é um colegiado de natureza consultiva e deliberativa, que tem por finalidade acompanhar e avaliar o processo ensino-aprendizagem, bem como o comportamento dos alunos. Este órgão é fundamental na questão do controle da violência escolar sendo responsável por: “I - opinar nos casos de aplicação de sanções disciplinares ao corpo discente do CPMG e II - deliberar sobre medidas preventivas e socioeducativas de atos de indisciplina individual e coletiva dos discentes” (Art. 68, § 2º e § 3º).

O Conselho de Classe é um colegiado de natureza deliberativa e consultiva, em assuntos didáticos-pedagógicos, cujo objetivo é acompanhar o processo ensino-aprendizagem. O Conselho Escolar é órgão auxiliar do comando e direção, criado para mediar os interesses do CPMG, composto de alunos, pais e/ou responsáveis dos alunos, professores e funcionários administrativos civis e militares do CPMG. E, por fim, o Grêmio Estudantil, que é um órgão auxiliar representativo dos interesses do corpo discente.

Em linhas gerais, esta é a estrutura das escolas militarizadas que, como podemos ver, é prioritariamente conduzida pelos militares nas questões disciplinares, de ensino e administrativas, mas que também têm a participação de civis, professores, pais e alunos.

### 3.3 Regime disciplinar

O regime disciplinar das escolas militarizadas é bastante extenso na redação dos deveres, das vedações e das transgressões em relação aos alunos, sendo mais analítico e detalhado, nestes aspectos, do que as escolas públicas regulares. Um ponto importante de diferenciação entre as escolas militarizadas e as não-militarizadas é o fato de que o regimento interno das escolas militarizadas é único, não havendo a possibilidade de cada escolar elaborar o seu próprio regimento. O mesmo não ocorre nas escolas públicas regulares, que têm a liberdade para elaborar o seu regimento interno de forma individualizada.

O art. 47 do Regimento Interno das escolas militarizadas dispõe os seguintes deveres aos alunos:

I - observar o que prescreve as normas em vigência, primando por uma conduta exemplar, tanto em âmbito interno quanto externo; II - primar pela probidade na execução de qualquer atividade escolar; III - obter o máximo de aproveitamento no ensino ministrado, desenvolvendo o espírito de organização e métodos de estudos; IV - apresentar sempre corretamente uniformizado e observar as atitudes regulamentares; V - zelar pela boa conservação do patrimônio do CPMG e de seu material escolar; VI - adquirir todo material didático indicado pela coordenação pedagógica; VII - manter-se informado pelos meios de comunicação disponibilizados pelo CPMG, especificamente os eletrônicos; VIII – Possuir a agenda escolar adotada pelo CPMG. (Regimento Interno do CPMG, 2018, p. 18).

Os princípios básicos dos deveres a serem cumpridos pelos alunos, como podemos ver, são de natureza geral como: primar por uma conduta exemplar, probidade nas ações, a necessidade de organização e método de estudo, regras de padronização de vestimenta, conservação do patrimônio escolar, estar em dia com o material didático, estar informado sobre os acontecimentos da escola e utilizar a agenda específico do CPMG.

A função do Chefe de Turma, cujas competências estão dispostas no Art. 259, § 1º do Regimento Interno, é de fundamental importância no controle da disciplina dos alunos e na execução de algumas tarefas administrativas que contribuem para que o professor não perca tempo com tarefas burocráticas em sala de aula. Fazer a chamada, colocar a turma em forma no início e no fim de cada aula, manter a disciplina da classe na ausência do professor, cuidar do asseio da sala de aula e repassar informações relevantes aos Coordenador de Turno ou ao Chefe da Divisão Disciplinar, são algumas dessas tarefas.

Além do Chefe de Turma, colabora para a administração e a organização da escola o Subchefe de Turma, substituindo o Chefe de Turma em sua ausência, providenciando a limpeza do quadro de giz antes da chegada do professor/instrutor, pegando e devolvendo o registro de faltas diariamente, comunicando à Coordenação Pedagógica o não comparecimento do professor/instrutor após 05 (cinco) minutos de espera em sala de aula e permanecer à porta da sala nas chamadas gerais e formaturas, dentre outras atribuições.

A lista de vedações das escolas Militarizadas, conforme Art. 262 do Regimento Interno, descreve de forma precisa e detalhada questões de vestuário: é proibido usar o uniforme em desalinho, com mangas da jaqueta arregaçadas ou zíper aberto; deixar de cortar o cabelo e/ou usar costeletas; comparecer com a barba por fazer e usar adereços (gargantilhas, pulseiras, tornozeleiras, óculos escuros). No caso das meninas, detalha-se até mesmo o tipo de brinco que é aceito, a sua espessura (0,4 mm), quando se pode usar maquiagem (quando uniformizadas) e que tipos de esmalte são permitidos (de cores e desenhos discretos). Este ponto é bastante específico das escolas militarizadas, pois na análise dos regimentos internos das 4 (quatro) escolas públicas regulares que tivemos acesso, não vimos nenhuma restrição específica ao uso de roupas e adereços, sendo mencionado apenas que o aluno deve se apresentar ao colégio vestido de “forma adequada”, sem maiores especificações.

Na questão das maneiras e sobre como o aluno deve se portar dentro do ambiente é vedado andar com as mãos no bolso, sentar no chão ou em locais não apropriados e falar com o Comandante e Diretor do CPMG sem autorização. Também não vimos menção tão detalhada sobre o comportamento esperado dos alunos nos regimentos das escolas públicas regulares. Naquilo que se aplica a ambos os modelos de escola, vemos a questão da entrada e saída do aluno do ambiente da sala de aula sem a devida autorização, que está contemplada tanto nos regimentos das escolas militarizadas quanto das não-



militarizadas, assim como questões referentes à rasura e adulteração de documentos relacionados à escola.

O conjunto de atitudes caracterizadas como transgressões (Art. 168) pelas escolas militarizadas é bastante extenso, composto por 85 (oitenta e cinco) itens, divididos entre transgressões de natureza leve, média e grave. Em comparação aos regimentos internos das 4 (quatro) escolas públicas regulares que tivemos acesso, não há nenhuma que chegue próxima à quantidade de transgressões elencadas pelas escolas militarizadas. No regimento da primeira escola há 11 (onze) itens, na segunda escola 21 (vinte e um) itens, na terceira escola 26 (vinte e seis) itens e na quarta escola 17 (dezessete) itens.

As escolas militarizadas também fazem uma mensuração do comportamento dos alunos (Art. 190) que é classificado por um grau numérico, seguindo os seguintes critérios: I - Excepcional (10,0); II - Ótimo (9,0 a 9,99); III - Bom Grau (7,0 a 8,99); IV - Regular (5,0 a 6,99); V - Insuficiente (2,0 a 4,99); e VI - Incompatível (abaixo de 2,0). O aluno, ao matricular-se pela primeira vez no Colégio, é classificado no Bom Comportamento com o grau numérico 8,0 (oito), e no início de cada ano letivo, o aluno rematriculado é classificado com o grau de comportamento que possuía ao final do ano letivo imediatamente anterior.

Visando incentivar os alunos a terem sempre boas notas e bom comportamento, as escolas militarizadas identificam os discentes que obtiveram médias gerais a partir de 9,0 (nove) pontos para que, em uma solenidade onde estejam presentes todos os integrantes da comunidade escolar, eles possam ser agraciados com o Alamar Legião de Honra. O Alamar “Legião de Honra” é “composto de cinco cordões, sendo três na cor amarelo canário e dois na cor marrom, confeccionado em polipropileno, arranjado de forma que os dois cordões laterais e o cordão central sejam na cor amarelo canário; devendo ser usado à passadeira do ombro esquerdo, com os cordões soltos em volta do braço” (Art. 253, II). O aluno poderá utilizar o alamar enquanto permanecer com a média acima mencionada.

As sanções (Art. 191) são computadas negativamente no cálculo da classificação do comportamento, abatendo-se os valores numéricos da seguinte forma: I – Advertência (- 0,25); II – Repreensão (- 0,35); III – Suspensão da sala de aula até dois dias (- 0,50); e IV - Suspensão da sala de aula de três dias (- 1,00). As anotações na agenda, embora não

sejam tidas como punições disciplinares, possuem o caráter de interromper a contagem de pontos positivos acumulados por ausência de punição.

Os elogios (Art. 192) constituem fatores de melhoria de comportamento e recebem valores que irão influir no cômputo positivo do grau de comportamento: I - Elogio Individual (+ 0,50) e II - Elogio Coletivo (+ 0,25). Decorridos 02 (dois) meses consecutivos, sem que o aluno tenha sofrido qualquer sanção ou anotação em sua agenda, são computados (+ 0,03) pontos por dia, até o Excepcional Comportamento (Grau 10,0).

Estes são outros pontos de divergência em relação aos regimentos internos das escolas públicas regulares analisadas, pois estas não fazem uma mensuração numérica do comportamento dos alunos, não havendo uma contabilização específica para cada ato de infração ou de boas atitudes no histórico do aluno.

## 4. RESULTADOS

### 4.1 Entrevistas com os diretores

**Quadro 1 - Percepção sobre o problema da violência dentro da escola**

<b>Há problemas de violência na sua escola?</b>	
<b>Categorias</b>	<b>Algumas verbalizações</b>
Escolas militarizadas	<ul style="list-style-type: none"> <li>• “Os problemas socioeconômicos da sociedade brasileira refletem na educação”.</li> <li>• “A violência nas escolas militarizadas é praticamente impossível, apesar da indisciplina estar presente”.</li> <li>• “A presença policial dentro da escola inibe os desvios de conduta dos alunos, o regimento interno é diferenciado das escolas regulares”.</li> </ul>
Escolas não-militarizadas	<ul style="list-style-type: none"> <li>• “As escolas públicas integrais têm menos casos de violência do que restante da rede”.</li> <li>• “A violência está em todos os lugares, não só na escola, ela está arraigada na própria família, e a escola é uma caixa de ressonância”.</li> <li>• “As violências mais comuns são xingamentos e em alguns casos raros brigas físicas”.</li> </ul>

Fonte: Pesquisa de campo

A percepção geral dos diretores, tanto das militarizadas quanto das não-militarizadas, sobre a violência escolar é que se trata antes de tudo de um problema estrutural da sociedade brasileira, ou seja, a nossa sociedade é violenta e isto transparece na instituição escolar. A influência familiar na educação dos estudantes também foi ressaltada como um componente essencial na compreensão deste problema. Porém, a maioria dos diretores afirmou que casos de violência física extrema são raros em ambos os modelos escolares, sendo mais frequentes a indisciplina, o *bullying* e as agressões verbais.

No caso das escolas militarizadas, os diretores ressaltaram a importância da presença policial como um fator de controle que gera inibição para eventuais atos de

violência por parte dos alunos, assim como, a força do regimento interno, que por ser bastante analítico acerca das condutas esperadas por parte dos alunos, contribui para que a escola seja mais pacífica. O fato dos pais serem mais engajados na vida escolar do aluno também foi reforçado.

No caso das não-militarizadas, os diretores que trabalham nas escolas integrais afirmaram que este modelo é mais efetivo do que as outras escolas da rede no controle da violência, pois o aluno fica mais tempo dentro da escola, criando vínculos afetivos com a instituição e passando mais tempo dedicado às atividades escolares. Alunos de periferia, que vêm de lares onde há maior agressão verbal e física por parte dos pais parecem ter maiores dificuldades em se comportar da forma adequada dentro da escola, sendo mais violentos e arredios.

**Quadro 2 - Percepção sobre as medidas práticas tomadas pela escola para controlar a violência**

<b>Quais medidas práticas a sua escola vem tomando para prevenir e coibir atos de violência?</b>	
<b>Categorias</b>	<b>Algumas verbalizações</b>
Escolas militarizadas	<ul style="list-style-type: none"> <li>• “Procuramos resgatar os princípios de respeito, civismo e cidadania nos alunos”.</li> <li>• “O aluno tem que prestar continência, pedir permissão para sair da sala, cantar o hino nacional e usar o uniforme adequado”.</li> <li>• “Há um forte controle da área externa e interna da escola pelos militares”</li> </ul>
Escolas não-militarizadas	<ul style="list-style-type: none"> <li>• “Primeiro pedimos que os representantes de turma dialoguem com os alunos mais problemáticos”.</li> <li>• “Ensinamos que é importante colocar-se no lugar do outro, também não descartamos os alunos problemáticos, procuramos resgatar a todos”.</li> <li>• “A política da escola é tratar os alunos na base do diálogo e do respeito”.</li> </ul>

Fonte: Pesquisa de campo

De acordo com os diretores das escolas militarizadas, a ação disciplinar dos policiais militares nas escolas militarizadas é fundamental para oferecer um ambiente de trabalho interno seguro para os professores e coordenadores pedagógicos, para que eles tenham paz para realizar o seu trabalho pedagógico.

Há uma mensuração do comportamento do estudante que vai do excepcional ao incompatível, no caso do incompatível, faz-se uma reunião para decidir o caso do aluno e, caso se perceba que o aluno tem condições de melhorar, este permanece na escola. O controle do comportamento dos alunos é mensurado por um sistema de gestão escolar chamado GR8 que gerencia a avaliação do aluno. Como já visto no Regimento Interno, aqueles com melhor comportamento e melhores notas obtém o ALAMAR (condecoração de honra). Ao entrar no colégio, todos começam com a nota 8 (oito), e para obter o ALAMAR precisam manter nota média acima de 9 (nove), além de não poderem ter nenhuma nota abaixo de 8 (oito). Isto contribui para que os alunos procurem melhorar o seu comportamento.

O aluno para sair da sala tem que pedir permissão para a professora, na ausência da professora tem um chefe da sala de aula (que muda toda semana, é rotativo), ou seja, sempre tem alguém mandando e controlando a sala de aula. No recreio os militares ficam observando com a ajuda dos professores e dos demais funcionários o comportamento dos estudantes. A continência também ajuda a gerar respeito e a controlar a indisciplina dos alunos.

Os diretores das não-militarizadas, que não têm os instrumentos de controle das escolas militarizadas, procuram trabalhar a questão disciplinar através do diálogo durante o ano com os alunos sobre o tema da violência com o intuito de orientar e prevenir violência sexual, verbal, racismo e homofobia, antes de partir para a punição. Também não “descartam” os alunos inadaptados, algo que parece ser mais recorrente nas escolas militarizadas, pois não têm o apoio do governo para tomar medidas mais enérgicas contra os alunos.

**Quadro 3 - Percepção sobre a relação entre violência, indisciplina e aprendizagem**

<b>A violência e a indisciplina afetam a aprendizagem dos alunos?</b>	
<b>Categorias</b>	<b>Algumas verbalizações</b>
Escolas militarizadas	<ul style="list-style-type: none"> <li>• “Se o aluno não gosta de estudar, orientamos que saia da escola”.</li> <li>• “Não adianta ter apenas disciplina, o foco da escola é a aprendizagem”.</li> <li>• “Para que haja aprendizagem tem que ter disciplina (horário para estudar, ter autocontrole para receber os ensinamentos do professor). O aluno tem que ter no mínimo duas horas de estudo por dia, não pode faltar, não pode atrapalhar o colega, não pode chegar atrasado”.</li> </ul>
Escolas não-militarizadas	<ul style="list-style-type: none"> <li>• “Não vejo uma relação direta entre disciplina e aprendizagem, a questão central é que os alunos das escolas militarizadas são oriundos de famílias com situação socioeconômica mais favorável”.</li> <li>• “A disciplina é o ponto de partida das demais ações, nós estamos sempre reforçando para os alunos que eles precisam respeitar o professor, respeitar o colega e cuidar do patrimônio escolar”.</li> <li>• “Uma escola mais controlada com menos bagunça e conversa em sala de aula contribui para a aprendizagem”.</li> </ul>

Fonte: Pesquisa de campo

Segundo os diretores das escolas militarizadas, há uma política para transferir os alunos que não se adaptam ao sistema de regras e não tiram boas notas. Reforçaram que, por mais que o sistema disciplinar seja mais rígido do que o das outras escolas, o foco do trabalho está no processo de ensino e aprendizagem, sendo a disciplina apenas um meio para alcançar a finalidade. Neste sentido, é importante que a escola desenvolva nos alunos a disciplina para que este tenha regras de estudo, respeito os profissionais e aos outros alunos da escola.

Os diretores das escolas não-militarizadas variam na percepção de que a disciplina seja um fator essencial para o processo de aprendizagem dos alunos. Os que não concordam, afirmam que uma imposição muito restrita de regras para os alunos, faz

com que estes não aprendam a exercer a sua liberdade de escolha pessoal. Além disso, frisaram que não é a disciplina o grande diferencial dos resultados educacionais das escolas militarizadas, mas o fator socioeconômico, pois os alunos destas escolas seriam selecionados das classes mais privilegiadas. A disciplina é um fator importante porque a bagunça, a conversa excessiva e o desrespeito atrapalham o processo de convivência e ensino nas escolas. Mas o foco é sempre no diálogo, tentando melhorar a situação do aluno, não costumam expelir os alunos indesejados, como fazem as escolas militarizadas.

**Quadro 4 - Percepção comparativa entre as escolas militarizadas e as escolas não-militarizadas**

<b>Quais as principais diferenças entre as escolas cívico-militares e as não-militarizadas?</b>	
<b>Categorias</b>	<b>Verbalizações</b>
Escolas militarizadas	<ul style="list-style-type: none"> <li>• “Os alunos das escolas militarizadas são mais disciplinados e tem uma postura diferenciada em relação as outras escolas pela força do regimento interno”.</li> <li>• “Há uma inveja por parte das escolas civis pelos resultados expressivos da escola, pois os professores são os mesmos das outras escolas”.</li> <li>• “O que uma escola militarizada tem: segurança, patriotismo, civismo e filosofia de disciplina (cumprimento de normas, respeito à hierarquia), esse é o diferencial”.</li> </ul>
Escolas não-militarizadas	<ul style="list-style-type: none"> <li>• “As escolas militarizadas possuem mais ferramentas de controle”.</li> <li>• “Os alunos das militarizadas são mais disciplinados sim, mas isto se dá através de um sistema de imposição”.</li> <li>• “Eles (escolas militarizadas) têm uma série de regalias, nós das regulares não temos os poderes deles”.</li> <li>• “Nós recebemos muitos alunos inadaptados das escolas militarizadas”.</li> </ul>

Fonte: Pesquisa de campo

A percepção dos diretores das escolas militarizadas é de que há uma diferença de qualidade entre o trabalho que eles realizam em relação ao das outras escolas. Os alunos das militarizadas seriam mais disciplinados, teriam uma postura diferenciada e com resultados acadêmicos melhores. O fato dos professores das escolas militarizadas sejam os mesmos das escolas públicas regulares ressalta, na visão deles, a diferença que a presença da Polícia Militar traz na melhoria dentro do ambiente escolar. Esse diferencial é perceptível nas virtudes que eles procuram passar para os alunos: civismo, patriotismo, disciplina, além da aplicação do regimento interno de forma mais rigorosa do que nas outras escolas.

Os diretores das escolas não-militarizadas são críticos em relação ao modelo das militarizadas por achar que o processo educacional se dá através de um processo de coerção e de imposição que não se coaduna com um modelo escolar contemporâneo que deve dar maior liberdade para o aluno. Além disso, ressaltaram que eles não têm os mesmos instrumentos de controle do ambiente escolar que os militares têm como, por exemplo, pode transferir os alunos que não se adaptam às regras da escola ou que têm notas baixas. O regimento interno diferenciado, o uso de uniforme obrigatório e a própria presença dos policiais são “regalias” que facilitam o trabalho disciplinar e, consequentemente, geram alunos mais dedicados e com melhor rendimento acadêmico.



#### 4.2 Questionário dos diretores (SAEB)

**Tabela 1.** Percentual de respostas afirmativas para os itens sobre os problemas da escola e dificuldade de gestão nas escolas segundo diretores, diferenças e significância estatística.

<b>Item</b>	<b>Não - Militarizadas (%)</b>	<b>Militarizadas (%)</b>	<b>Diferença (%)</b>	<b>Estatisticamente significativo</b>
1 – Alto índice de faltas por parte dos alunos	55,7	56,3	0,6	Não
2 – Alta rotatividade do corpo docente	55,5	58,3	2,8	Não
3 – Indisciplina por parte dos alunos	68,4	52,1	16,3	Sim

Na tabela 1, segundo as respostas dos diretores das escolas não-militarizadas e militarizadas, respectivamente, pode-se verificar que não há uma diferença estatisticamente significativa para o alto índice de faltas por parte dos alunos (55,7% e 56,3%), que embora não seja um problema de violência escolar, pode ser encarado como uma atitude de indisciplina por parte dos estudantes. Também não houve uma diferença estatisticamente significativa para a alta rotatividade do corpo docente (55,5% e 58,3%), importante fator preditivo de violência escolar, pois escolas com mais violência tendem a ter mais dificuldade em reter o corpo docente.

O item indisciplina por parte dos alunos foi o único que se mostrou estatisticamente significativo revelando um resultado desfavorável para as não-militarizadas (68,4% e 52,1%), o que parece sugerir que o sistema mais rígido e restritivo de regras de conduta das escolas militarizadas pode contribuir para a redução da indisciplina dos estudantes.

**Tabela 2.** Percentual de respostas afirmativas para os itens de violência nas escolas segundo diretores, diferenças e significância estatística.

<b>Item</b>	<b>Não - Militarizada (%)</b>	<b>Militarizada (%)</b>	<b>Diferença (%)</b>	<b>Estatisticamente significativo</b>
1 – Agressão aluno-professor/funcionário	61,3	43,8	17,5	Sim
2 – Agressão aluno-aluno	76,5	62,5	14,0	Sim
3 - Atentado à vida	3,9	4,2	0,3	Não
4 – Ameaça	14,2	14,9	0,7	Não
5 – Furto (sem uso de violência)	13,1	6,3	6,8	Sim
6 – Roubo (com uso de violência)	2,8	4,2	1,4	Não
7 – Álcool	36,6	25,0	11,56	Sim
8 – Drogas ilícitas	44,8	27,1	17,7	Sim
9 – Arma branca	31,0	27,1	3,9	Não
10 – Arma de fogo	5,2	6,3	1,1	Não

Pela tabela 2, pode-se verificar que há diferenças estatisticamente significativas para ocorrências de agressão verbal ou física de alunos a professor/funcionário (61,3% e 43,8%), de alunos contra alunos (76,5% e 62,5%), furto (13,1% e 6,3%), mais do que o dobro nas não-militarizadas, consumo de álcool (36,6% e 25,0%) e drogas ilícitas (44,8% e 27,1%).

Atentado à vida (3,9% e 4,2%), roubo (2,8% e 4,2%) e ameaça (14,2% e 14,9%) não apresentaram diferenças estatisticamente significativas.

Como pode ser visto na tabela 3, tanto as escolas não-militarizadas quanto as escolas militarizadas procuram desenvolver projetos educativos para a conscientização dos alunos sobre alguns desses desvios comportamentais, porém, os dados demonstram que os alunos das não-militarizadas são mais agressivos, consomem mais álcool, drogas ilícitas e cometem mais furtos do que os das militarizadas.

**Tabela 3.** Percentual de respostas afirmativas para os itens sobre projetos temáticos nas escolas segundo diretores, diferenças e significância estatística.

<b>Item</b>	<b>Não - Militarizada (%)</b>	<b>Militarizada (%)</b>	<b>Diferença (%)</b>	<b>Estatisticamente significativo</b>
1 - Violência	85,0	83,3	1,7	Não
2 – Uso de drogas	92,9	91,7	1,2	Não
3 – Racismo	86,2	89,6	3,4	Não
4 – Machismo e homofobia	54,8	70,8	16,0	Sim
5 – <i>Bullying</i>	96,1	95,8	0,3	Não
6 – Sexualidade e gravidez	84,6	87,5	2,9	Não

Na tabela 3, os dados tratam de projetos temáticos nas escolas sobre violência e outros temas sensíveis, ambos os modelos escolares mostram-se ativos em educar os alunos para temas como violência (85,0% e 83,3%), uso de drogas (92,9% e 91,7%), racismo (86,2% e 89,6%), *bullying* (96,1% e 95,8%) e sexualidade e gravidez (84,6% e 87,5%), não sendo nenhum dos itens estatisticamente significativo.

A diferença estatisticamente significativa, favorável às militarizadas, foi encontrada no item sobre machismo e homofobia (54,8% e 70,8%), o que parece ir de encontro à percepção de senso comum que a educação militar é alheia a questões sociais contemporâneas como a igualdade de gênero e o respeito aos homossexuais.

## 4.3 Entrevistas com os professores

**Quadro 5 - Percepção sobre o problema da violência dentro da escola**

<b>Há problemas de violência na sua escola?</b>	
<b>Categorias</b>	<b>Algumas verbalizações</b>
Escolas militarizadas	<ul style="list-style-type: none"> <li>• “O problema da violência está ligado à base familiar, principalmente nos alunos de periferia.”</li> <li>• “Há <i>bullying</i>, racismo, violência velada, não há tanta violência física, mas a indisciplina existe.”</li> <li>• “Desde que virou militar zerou o problema da violência.”</li> </ul>
Escolas não-militarizadas	<ul style="list-style-type: none"> <li>• “A violência é um problema sistêmico da sociedade brasileira que perpassa todas as escolas em maior ou menor grau.”</li> <li>• “Nós temos casos corriqueiros de violência na escola, principalmente brigas entre crianças por motivos banais de desentendimento.”</li> <li>• “Os casos de violência são bastante raros, o problema maior está na indisciplina: xingamento, falta de educação, <i>bullying</i>.”</li> </ul>

Fonte: Pesquisa de campo

A percepção geral dos professores das militarizadas e das não-militarizadas sobre a violência é de que se trata de um problema estrutural da sociedade brasileira, que está em todos os lugares, não só na escola, ela está arraigada na própria família, e a escola é uma caixa de ressonância. Há muita intolerância e desrespeito na sociedade brasileira.

A família é fundamental no processo educacional dos estudantes, pais e mães que são agressivos verbalmente e fisicamente com os filhos acabam por gerar alunos mais indisciplinados e violentos. Esses casos seriam mais comuns em alunos da periferia, que vivem em bairros mais violentos e tem um status socioeconômico mais baixo, o que seria um fator diferencial positivo para as militarizadas, pois essas escolas teriam um público de status econômico mais elevado, de acordo com a percepção dos professores das não-militarizadas.

Casos de violência extrema não são comuns, tanto nas militarizadas quanto nas não militarizadas, os atos mais recorrentes são de “incivilidade” como *bullying*, racismo,

xingamentos e desentendimentos, que podem ser melhor caracterizados como indisciplina.

As escolas públicas regulares integrais parecem se diferenciar das outras escolas públicas regulares em relação ao comportamento do corpo discente, segundo as palavras de um professor: “Na escola que eu trabalho a incidência de casos de violência é menor em comparação com o restante da rede, eu trabalho numa escola de regime integral, então a gente consegue estabelecer alguns vínculos com os estudantes e esses vínculos fazem com que consigamos evitar situações de conflitos, além de termos protocolos de resolução um pouco diferente das escolas das redes regulares”.

**Quadro 6 - Percepção sobre as medidas práticas tomadas pela escola para controlar a violência**

<b>Quais medidas práticas a sua escola vem tomando para prevenir e coibir atos de violência?</b>	
<b>Categorias</b>	<b>Algumas verbalizações</b>
Escolas militarizadas	<ul style="list-style-type: none"> <li>• “O regimento escolar é forte e é cumprido.”</li> <li>• “O simples fato de ter a presença dos militares contribui bastante para a melhoria do comportamento dos alunos.”</li> <li>• “Temos uma disciplina chamada “Cidadania”, que trabalha a conscientização dos educandos.”</li> </ul>
Escolas não-militarizadas	<ul style="list-style-type: none"> <li>• “É importante educar o aluno para que ele seja capaz de resolver problemas, nisso o rigor não ajuda”.</li> <li>• “Estabelecemos uma conversa entre diretores, pais, coordenadores e funcionários com o intuito de desenvolver uma política de prevenção, procuramos agir antes dos problemas aparecerem.”</li> <li>• “Não sou a favor de punição exagerada e coerção, o melhor método é educar o aluno.”</li> </ul>

Fonte: Pesquisa de campo

Quanto a medidas práticas os professores da militarizadas reforçaram a importância do regimento interno da escola, a presença policial e a contribuição

pedagógica que os militares dão na formação dos valores dos estudantes através da disciplina de Cidadania.

Os pais dos alunos são informados sobre o regimento interno assim como o regimento também consta na agenda dos alunos, não havendo, portanto, a possibilidade de alegação de desconhecimento do documento que, como foi frisado por diversos diretores e professores, é cumprido rigorosamente.

A presença policial visa a uma ação pacificadora baseada no diálogo e não na violência e na punição, sendo estas ações extremas que são utilizadas apenas quando o caso é mais grave. Os professores têm o domínio da sala de aula, porém, quando há casos de indisciplina ou violência mais graves, os militares são acionados para exercerem a sua função disciplinar.

A disciplina de Cidadania procura trabalhar a conscientização dos alunos para que estes tenham atitudes sociais adequadas de convivência, desenvolvendo determinadas virtudes, tais como: civismo, patriotismo, respeito ao próximo, disciplina e persistência.

Os professores das não-militarizadas mostraram-se menos favoráveis a uma disciplina excessiva por parte da escola para controlar os alunos, muitos afirmaram que o foco deve ser o diálogo, e não na penalização dos estudantes. A questão da prevenção foi frisada como sendo um instrumento mais eficaz no controle da violência, sendo importante educar o aluno para que este entenda que não pode usar a sua liberdade para agir incorretamente. O mais importante seria desenvolver um ambiente de respeito, ensinar aos alunos que é importante aprender a lidar com as diferenças, mas não necessariamente fazendo um controle muito rígido do comportamento. A ideia é dar mais liberdade ao aluno e educar com base no diálogo que este saiba fazer bom uso desta liberdade.

**Quadro 7 - Percepção sobre a relação entre violência, indisciplina e aprendizagem**

<b>A violência e a indisciplina afetam a aprendizagem dos alunos?</b>	
<b>Categorias</b>	<b>Algumas verbalizações</b>
Escolas militarizadas	<ul style="list-style-type: none"> <li>• “A vantagem da presença do militar na escola é que a preocupação do professor passa a ser exclusivamente ensinar e dar aula, não precisa intervir em questões disciplinares.”</li> <li>• “O processo de aprendizagem do aluno necessita de organização, disciplina e planejamento daquilo que vai ser executado.”</li> <li>• “A disciplina não coíbe a criatividade, pelo contrário, os alunos também são estimulados à criatividade, O que não se pode fazer é confundir bagunça e desordem com criatividade.”</li> </ul>
Escolas não-militarizadas	<ul style="list-style-type: none"> <li>• “Uma disciplina muito rigorosa não cabe mais num modelo de escola contemporânea, hoje nós temos que estar abertos à criatividade, estimular o pensamento criativo do aluno com foco na resolução de problemas e conflitos, a liberdade tem que ser exercida.”</li> <li>• “Pode até ser que o controle mais rígido gere melhores notas, mas nós não podemos esquecer que conhecimento não é “decoreba” e cumprimento de regras apenas, é importante educar o aluno para que ele seja capaz de resolver problemas.”</li> <li>• “A escola deve ser um local para a sociabilização saudável, e não um lugar para algazarra, violência e depredação.”</li> </ul>

Fonte: Pesquisa de campo

Na questão da relação entre violência e aprendizagem os professores das militarizadas reforçaram que a presença policial é um fator que ajuda no repasse do conteúdo programática, pois o aspecto disciplinar fica sob a responsabilidade dos militares, havendo mais tempo para o professor dar a aula. O fato da chamada ser feita

pelo Chefe de Turma ainda no pátio de entrada, sendo a lista repassada posteriormente para o professor, também contribui para que não haja perda de tempo com questões burocráticas.

A necessidade de disciplina, organização e planejamento do aluno é visto como algo essencial, porém, de uma forma que não iniba a criatividade do estudante, devendo haver um balanço entre disciplina e liberdade criativa. Nenhum professor afirmou sentir-se tolhido pelos militares na parte pedagógica, pelo contrário, afirmaram ter liberdade para repassar o conteúdo das matérias, não havendo controle de ideias.

Os professores das não-militarizadas afirmaram que uma escola com violência e indisciplina tende a gerar dispersão e tirar o foco dos alunos e dos professores no foco da escola que deve ser a aprendizagem. A violência é um problema mais grave, mas a indisciplina é mais sutil e pode ir minando o processo pedagógico aos poucos. Ter o controle da escola é fundamental para eles para que a escola gere resultados.

Porém, salientaram que uma disciplina muito rigorosa não cabe mais num modelo de escola contemporânea, que deve estimular a criatividade, o pensamento criativo e a capacidade resolução de problemas e conflitos. Corroborando esse posicionamento um professor afirmou: “A escola não pode ser um quartel, a função é educar para a vida, não é nossa função formar soldados”. Outro professor disse: “Pode até ser que o controle mais rígido gere melhores notas, mas nós não podemos esquecer que conhecimento não é “decoreba” e cumprimento de regras apenas, é importante educar o aluno para que ele seja capaz de resolver problemas, nisso o rigor não ajuda”.

Questões de educação doméstica também foram ressaltados: “Eu vejo que os alunos vêm com uma bagagem problemática de casa, os pais não ensinam as regras básicas de conduta moral e social, muitos alunos têm uma postura agressiva e acham aquilo natural porque os pais deles agem daquela forma. A escola vira um receptáculo dos problemas familiares dos alunos”.

Outro problema mencionado é a má influência que os alunos indisciplinados têm sobre os alunos mais interessados e com melhor comportamento, a postura deles atrapalha o rendimento dos outros. Alunos violentos e indisciplinados prejudicam o andamento das aulas e fazem com que os professores tenham que perder tempo chamando a atenção e tomando medidas disciplinares, além de atrapalhar os outros colegas de turma que estão tentando prestar atenção, gerando baixa aprendizagem.



**Quadro 8 - Percepção comparativa entre as escolas militarizadas e as escolas não-militarizadas**

<b>Quais as principais diferenças entre as escolas cívico-militares e as não-militarizadas?</b>	
<b>Categorias</b>	<b>Algumas verbalizações</b>
Escolas militarizadas	<ul style="list-style-type: none"> <li>• “Quando é observado que o aluno não quer estar ali, a coordenação pedagógica junto com o comando militar senta com os pais para discutir o futuro do aluno.”</li> <li>• “Os professores têm liberdade para ensinar e dar a aula, mas tem que ter um perfil para trabalhar neste tipo de escola.”</li> <li>• “Os militares tomam as decisões em conjunto com os civis (divisão de ensino). não há imposição na relação”</li> </ul>
Escolas não-militarizadas	<ul style="list-style-type: none"> <li>• “O fato de expelirem os alunos indesejados facilita muito o processo de gestão da escola militarizada”.</li> <li>• “Eles têm carga horária diferenciada, cobram taxa, podem exigir o uso do uniforme e tem a presença policial”</li> <li>• “Os alunos das cívico-militares costumam ter uma base familiar melhor e um nível socioeconômico mais elevado”.</li> </ul>

Fonte: Pesquisa de campo

Os professores das escolas militarizadas afirmaram que a convivência entre civis e militares é boa, que se sentem confortáveis em relação ao modelo e que não há autoritarismo. A ideia é de que há liberdade, porém, dentro das regras estipuladas pelos militares. Não há pedidos recorrentes de transferência para outra unidade de ensino, por parte de alunos e professores, por alguma insatisfação com o modelo de gestão da escola.

Há também a percepção de que os professores preferem dar aula na escola militarizada, porque a presença policial inibe o comportamento violento e indisciplinado, facilitando o processo de repasse dos conteúdos. Professores, que já trabalharam em outros colégios públicos, afirmaram que consideram os alunos das escolas militarizadas mais autocontrolados, menos violentos e indisciplinados.

A grande procura e fila de espera para o acesso as escolas militarizadas foi outro ponto ressaltado, as comunidades locais parecem apreciar este modelo – principalmente

os pais -, pois estes não conseguem educar os filhos no aspecto disciplinar e acabam depositando na escola cívico-militar essa responsabilidade. A escola acaba suprimindo as deficiências da educação doméstica e das escolas públicas regulares

Os professores das escolas públicas regulares ressaltaram o fato de que as escolas militarizadas têm mais autonomia e liberdade para gerir a escola do que nas regulares: carga horária diferenciada, cobrança de taxa, exigência do uso de uniforme e o auxílio da presença policial, que ajuda a conter os casos de desvio de comportamento

O fato de expelirem os alunos indesejados facilita muito o processo de gestão da escola e não há nenhuma crítica por parte do governo quanto a esse aspecto, o que na escola cívico-militar é visto como natural, nas regulares é visto como repressão e autoritarismo. Eles querem apenas os melhores alunos o que faz com que não seja possível estabelecer uma paridade em relação a ambos os modelos escolares. Um professor apresentou a seguinte alternativa: “Eu até dei uma ideia uma vez para a secretaria de colocar os militares nas escolas regulares ao invés de aglomerar todos em apenas algumas instituições, isso poderia ter um efeito benéfico para nós”. Outra proposta oferecida foi a de enviar os alunos problemáticos para as escolas militarizadas para serem ressocializados e deixar os melhores alunos nas redes regulares”.

Uma professora afirmou que acha a ideia da disciplina nas escolas cívico-militares valiosa, mas que essa disciplina deve ser construída junto com os alunos, os valores devem ser incorporados de forma livre e autônoma. “Ter um policial lhe vigiando o tempo inteiro pode evitar que você cometa infrações naquele momento, mas quando essa situação acabar como é que esse indivíduo vai agir?”, disse outra professora.

Houve também a percepção de que as escolas militarizadas controlam o ambiente na base do medo da punição, o que tiraria a autonomia do aluno, gerando medo e não educando para a vida, visto que a escola tem a missão de ensinar o certo e o errado, mas sempre dando opção de escolha para o aluno, estimulando a reflexão: “A figura dos oficiais ajuda a impor mais respeito do que a presença do professor, podemos falar até em medo do aluno, não há como comparar a capacidade de impor a autoridade de um policial e um professor. O professor precisa conquistar o aluno pelo diálogo democrático, já os militares podem se impor de forma mais repressiva e coercitiva”.

#### 4.4 Questionário dos professores (SAEB)

**Tabela 4.** Percentual de respostas afirmativas para os itens que afetam a aprendizagem nas escolas segundo professores, diferenças e significância estatística.

<b>Item</b>	<b>Não - Militarizada (%)</b>	<b>Militarizada (%)</b>	<b>Diferença (%)</b>	<b>Estatisticamente significativo</b>
1 – Falta de assistência e acompanhamento dos pais	94,3	89,3	5,0	Sim
2 – Baixa autoestima dos alunos	73,4	63,1	10,3	Sim
3 – Desinteresse e falta de esforço do aluno	93,3	89,3	4,0	Não
4 – Indisciplina dos alunos em sala de aula	66,8	52,5	14,3	Sim
5 – Alto índice de faltas por parte dos alunos	51,2	32,8	18,4	Sim

Na tabela 4, são analisados os itens que tratam das questões ligadas à aprendizagem a partir da perspectiva dos professores das não-militarizadas e das militarizadas, respectivamente, embora nem todos os itens estejam diretamente ligados ao problema da violência, estes são úteis para uma compreensão mais abrangente da relação dos alunos com a escola. Dos cinco itens listados apenas o item desinteresse e falta de esforço do aluno não se mostrou estatisticamente significativo (93,3% e 89,3%).

A falta de assistência e acompanhamento dos pais (94,3% e 89,3%), baixa autoestima dos alunos (73,4% e 63,1%), indisciplina dos alunos em sala de aula (66,8% e 52,5%) e alto índice de faltas por parte dos alunos (51,2 e 32,8%) mostram-se estatisticamente significativas e desfavoráveis para as escolas não-militarizadas.

É importante ressaltar que em relação às respostas dos diretores (Tabela 1) a questão da indisciplina dos alunos em sala de aula apresentou uma diferença expressiva entre a percepção dos diretores e dos professores das não-militarizadas (31,6% e 51,2%),

porém, no caso das militarizadas ocorreu o inverso, os diretores consideraram os alunos mais indisciplinados do que os professores (47,9% e 32,8%).

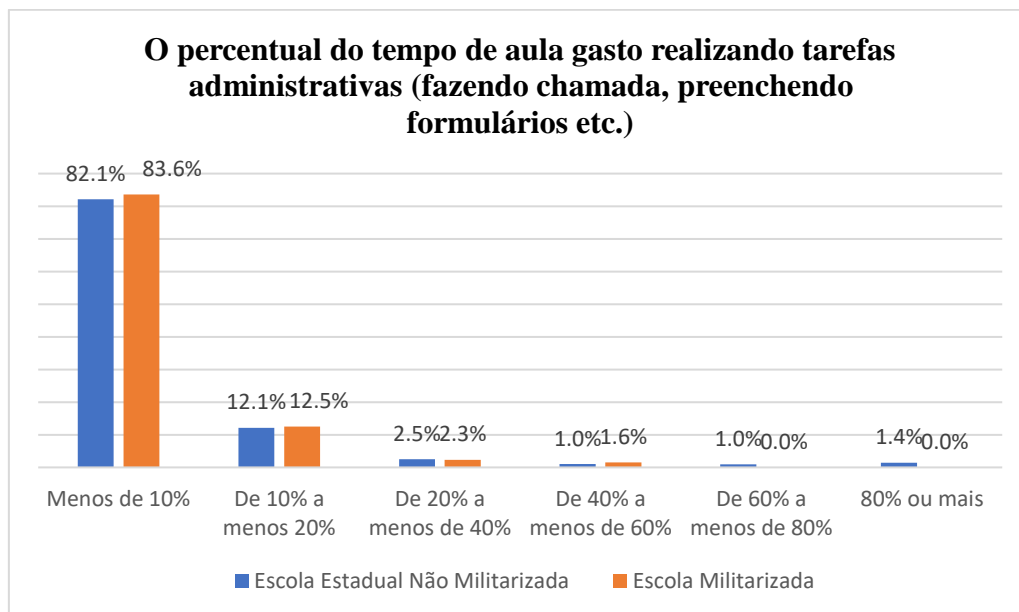
**Tabela 5.** Percentual de respostas afirmativas para os itens de violência nas escolas segundo professores, diferenças e significância estatística.

<b>Item</b>	<b>Não - Militarizada (%)</b>	<b>Militarizada (%)</b>	<b>Diferença (%)</b>	<b>Estatisticamente significativo</b>
1 – Agressão aluno-professor/funcionário	51,0	32,8	18,2	Sim
2 – Agressão aluno-aluno	64,4	46,7	17,7	Sim
3 - Atentado à vida	1,8	5,0	3,2	Não
4 – Ameaça	10,4	13,9	3,5	Não
5 – Furto (sem uso de violência)	5,6	4,1	1,5	Não
6 – Roubo (com uso de violência)	1,1	0,0	1,1	Sim
7 – Álcool	17,7	9,0	8,7	Sim
8 – Drogas ilícitas	27,6	13,9	13,7	Sim
9 – Arma branca	9,3	8,2	1,1	Não
10 – Arma de fogo	1,3	1,6	0,3	Não

De acordo com a tabela 5, há diferenças estatisticamente significativas, todas desfavoráveis às escolas não-militarizadas para: agressão de alunos contra professor/funcionário (51,0% e 32,8%), agressão de alunos contra alunos (64,4% e 46,7%), consumo de álcool (17,7% e 9,0%), consumo de drogas ilícitas (27,6% e 13,9%) e de modo menos expressivo roubo (1,1% e 0,0%).

Atentado à vida (1,8% e 5,0%), ameaça (10,4% e 13,9%), furto (5,6% e 4,1%), porte de arma branca (9,3% e 8,2%) e de arma de fogo (1,3% e 1,6%) não apresentaram diferenças estatisticamente significativas.

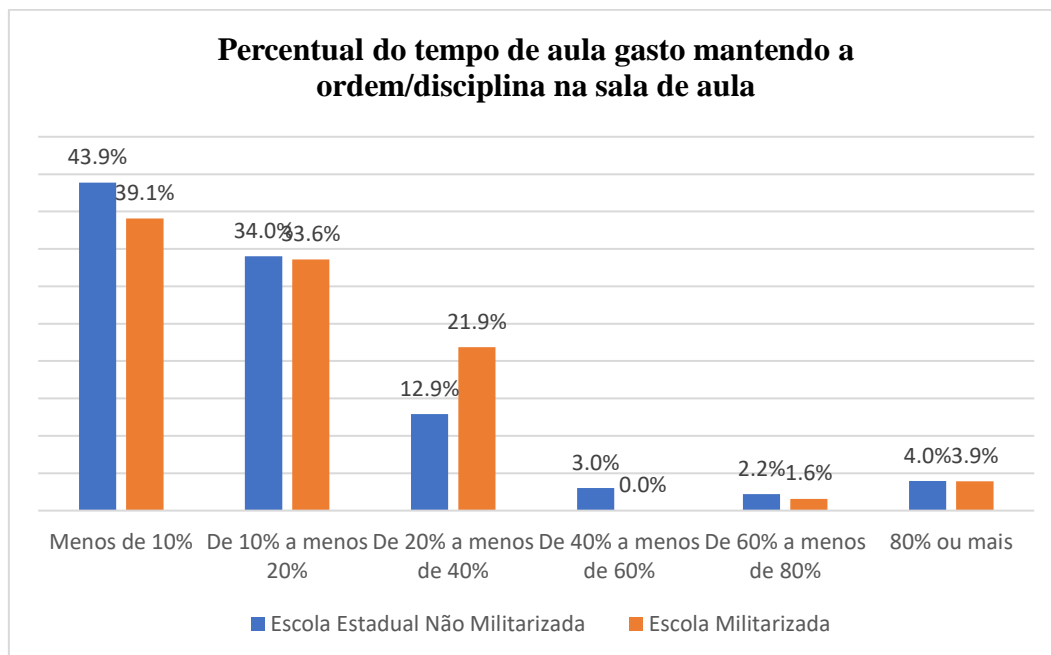
**Gráfico 1.** Percentual de respostas para os itens de uso do tempo e práticas pedagógicas nas escolas segundo professores.



No gráfico 1, analisamos como o tempo gasto realizando tarefas administrativas (fazendo chamada, preenchendo formulários). A maioria dos professores de ambos os modelos escolares respondeu que gasta “menos de 10%” realizando este tipo de tarefa (82,1% e 83,6%) e em algumas escolas há casos de perda “de 10% a menos de 20%” (12,1% e 12,5%), não sendo estatisticamente significativas nenhuma das categorias.

As categorias cujos valores são menos representativos “de 60% a menos de 80%” (1,0% e 0,0) e “de 80% ou mais” (1,4% e 0,0%) revelaram-se estatisticamente significativas, desfavoravelmente às escolas não-militarizadas. Porém, pela sua baixa representatividade não consideramos esses dados como relevantes para tirar conclusões sobre as diferenças entre ambos os modelos escolares.

**Gráfico 2.** Percentual de respostas para os itens de uso do tempo de aula gasto mantendo a ordem/disciplina na sala de segundo professores.

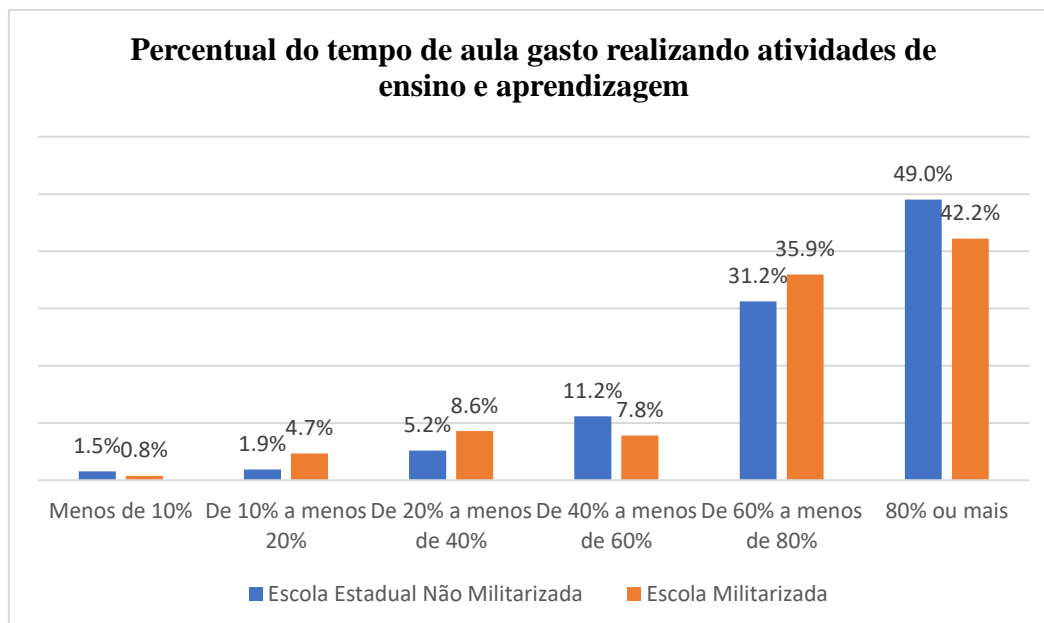


O gráfico 2, referente a uso do tempo para manter a ordem e a disciplina em sala de aula, a maioria dos professores respondeu que gastam “menos de 10%” do tempo de aula mantendo a ordem/disciplina (43,9% e 39,1%), seguido “de 10% a menos de 20%” (34,0% e 33,6%), não sendo nenhuma das diferenças estatisticamente significativas.

Obtivemos diferença estatisticamente significativa desfavorável para as escolas militarizadas na categoria “de 20% a menos de 40%” (12,9% e 21,9%) e de modo menos representativo na categoria “de 40% a menos de 60%” (3,0% e 0,0%) favoravelmente às militarizadas.

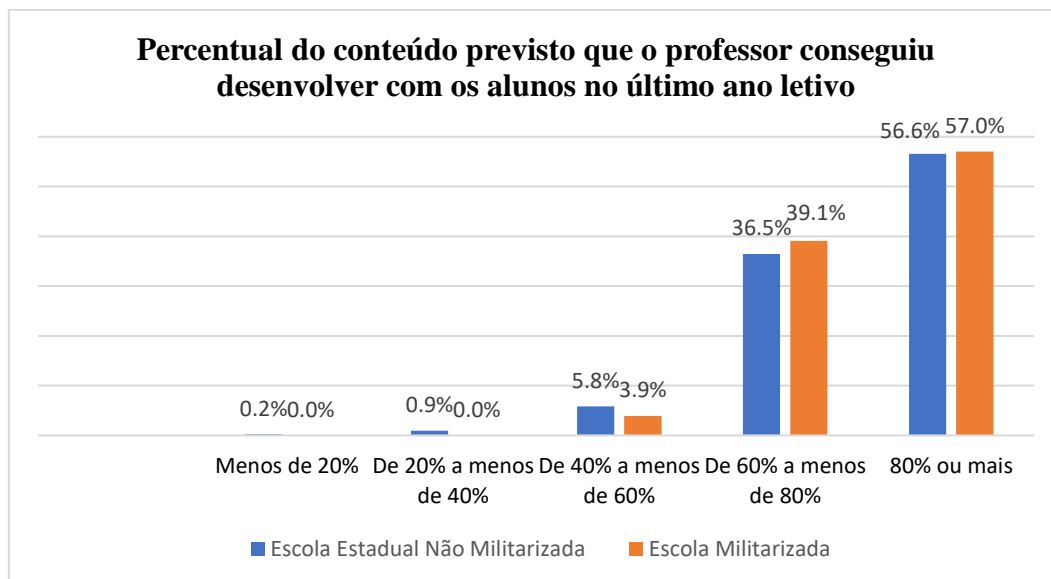
Esses dados não corroboram a percepção obtida nas entrevistas de diretores e professores das escolas militarizadas que frequentemente afirmaram que o problema de bagunça e desordem em sala de aula seria menor devido a atuação do Chefe de Turma na organização da classe e dos policiais militares em casos de desordem e indisciplina mais extremos.

**Gráfico 3.** Percentual de respostas para os itens de uso do tempo de aula gasto realizando atividades de ensino e aprendizagem na sala de segundo professores.



No gráfico 3, sobre o uso do tempo gasto realizando atividades de ensino e aprendizagem, as categorias menos representativas “menos de 10%” (1,5% e 0,8%), “de 10% a menos de 20%” (1,9% e 4,7%), “de 20% a menos de 40%” (11,2% e 7,8%) não são estatisticamente significativas, assim como, as categorias mais representativas “de 60% a menos de 80%” (31,2% e 35,9%) e “80% ou mais” (49,0% e 42,5%) também não são estatisticamente significativas.

**Gráfico 4.** Percentual de respostas para os itens de conteúdo previsto que o professor conseguiu desenvolver com os alunos no último ano letivo segundo professores.



Pelo gráfico 4, conteúdo desenvolvido no último ano letivo, vemos que são mais representativas as categorias “de 60% a menos de 80%” (36,5 e 39,1%) e “80% ou mais” (56,6% e 57,0%), porém, não há diferença estatisticamente significativa em nenhuma das duas categorias.

Observamos diferença estatisticamente significativa nas categorias de “menos de 20%” (0,2% e 0,0%) e “de 20% a menos de 40%” (0,9% e 0,0%), porém, os valores não são representativos no cálculo geral.



## 5. DISCUSSÃO E CONCLUSÃO

O intuito deste trabalho foi contribuir para um problema grave que aflige o sistema escolar público brasileiro, e que, por vezes, passa despercebido pelos analistas de política educacional: a violência escolar. Diversas pesquisas recentes realizadas por organismos internacionais e fundações brasileiras revelam que o Brasil obtém, infelizmente, as primeiras colocações no ranking de violência escolar. Além da imobilidade dos governantes para enfrentar a questão de forma prioritária, vemos também uma falta de imaginação por parte dos gestores públicos (que pode ser oriunda da ausência de pesquisas inovadoras na área, que possam fornecer alternativas para um melhor controle da violência nas escolas), que ao não saberem como lidar com o problema, acabam recorrendo à saída mais fácil, qual seja: entregar para os militares a função de cuidar do ambiente escolar. Não que os militares não possam dar a sua parcela de contribuição para ajudar a atenuar o problema, mas é preciso que os estudiosos e pesquisadores das diversas ciências sociais pensem em modelos de controle do ambiente escolar que possam ir além da delegação de tarefas aos militares, pois estes também têm outras tarefas a cumprir na sociedade.

De início, procuramos fazer um apanhado geral do debate conceitual acerca do tema da violência escolar, sem nenhum intuito de entrar no detalhe de todos os seus aspectos mais relevantes, dando apenas uma “pincelada” naquilo que nos parece ser mais fundamental para a compreensão do problema: a definição do conceito de violência escolar, o tipo de personalidade individual que tem maior propensão para cometer atos violentos e a influência do ambiente interno e externo nas escolas. Cada um desses temas, por si só, pode ser transformado em outras dissertações e até mesmo teses de doutoramento por outros pesquisadores. É impossível esgotar um tema de tamanha amplitude num único trabalho, sendo necessária a conjugação de diversos pesquisadores de múltiplas áreas para que o problema possa ser compreendido de uma forma mais integral e ampla.

É importante salientar que, como foi discutido no referencial teórico sobre a definição de violência escolar, optamos por utilizar um conceito mais abrangente de violência, indo além daqueles atos considerados mais graves e explícitos de violência física, analisando dados sobre rotatividade do corpo docente, índice de faltas por alunos

e percentual de tempo gasto com práticas pedagógicas e atividade de ensino. Por mais que esses dados não sejam num primeiro momento associados ao tema da violência, eles podem revelar os aspectos mais sutis de incivilidades, desordem e indisciplina que vão minando o clima escolar de forma menos evidente.

Vimos que o processo de criação das escolas militarizadas é controverso nos seus aspectos jurídicos, por vezes parecendo conflitar com aquilo que está disposto na Constituição Federal de 1988, assim como na sua relação com o direito administrativo e educacional. A ideia de que as escolas militarizadas são melhores apenas por contarem com a presença militar também é passível de contestação, porque é inegável que há um filtro na seleção dos alunos que são escolhidos e retidos por essas escolas. A cobrança de taxas, a despesa com uniformes, a destinação de percentual de vagas para filhos de militares e a transferência de alunos inadaptados ao regime escolar faz com que haja uma exclusão de alguns setores da população mais pobre e vulnerável.

A análise do regimento interno das escolas militarizadas revela que o modelo é rígido naquilo que exige do comportamento dos seus estudantes, com descrições detalhadas sobre vestimentas e o comportamento esperado. Além disso, possui um longo rol de itens que são considerados como atos de indisciplina por parte dos estudantes, que vão muito além daquilo que é exigido nas escolas públicas regulares. A leitura do regimento interno nos mostra que as escolas militarizadas têm mais *fairness of rules* e *clarity of rules*, conforme Gottfredson (2005), do que as escolas não-militarizadas, pois o documento é preciso nas suas indicações, além de ser constantemente reforçada a necessidade de o aluno conhecê-lo e respeitá-lo. Portanto, as regras são claras para os alunos desde o início assim como as sanções que serão aplicadas em caso de descumprimento.

Quanto a estrutura organizacional das escolas militarizadas vemos que, de fato, há maior poder de decisão por parte dos militares, pois estes têm os principais cargos de comando, mas os civis também têm a sua parcela de contribuição na gestão escolar, não sendo, portanto, uma escola de perfil autoritário (como muitos autores contrários ao modelo costumam apontar), havendo uma pluralidade de vozes dentro da instituição. Nesse sentido, não seria possível dizer que a escola segue um perfil autoritário e antidemocrático, o que há é uma ascendência dos militares nessas instituições, mas sem a exclusão da participação da sociedade civil.

Com relação aos resultados das entrevistas, vemos que os diretores e professores das escolas militarizadas têm um certo orgulho de trabalhar neste tipo de instituição. Entendem que este modelo escolar é diferenciado em relação às outras escolas porque conseguem obter um ambiente escolar menos conflituoso e violento, o que favoreceria o processo de ensino e aprendizagem. Os professores das escolas não-militarizadas são críticos, em sua maioria, do modelo militar de educação, pois seria baseado na coerção e na imposição, além de terem uma série de facilidades dadas pelo governo para a gestão escolar. O ponto de conflito entre o modelo militar e o modelo regular de ensino estaria na questão da liberdade do aluno, até que ponto um regime disciplinar excessivo pode atrapalhar o processo formativo do estudante para viver numa democracia em que o indivíduo não pode ser o tempo todo tutelado por um superior hierárquico, devendo impor a si mesmo os freios morais para bem viver em sociedade.

Os resultados estatísticos obtidos a partir da percepção dos diretores, revelam que os alunos das escolas militarizadas são mais autocontrolados, disciplinados e menos violentos do que os das escolas não-militarizadas: sendo menos agressivos verbalmente contra professores funcionários e alunos; cometendo menos roubos e furtos; e consumindo menos bebidas alcoólicas e drogas ilícitas. Outro ponto relevante é que as escolas militarizadas desenvolvem mais atividades de discussão sobre machismo e homofobia com os alunos do que as escolas não-militarizadas, o que parece ir de encontro com a percepção geral sobre o *ethos* militar.

O resultado do questionário dos professores corrobora os dados obtidos dos diretores sobre a postura dos alunos das escolas militarizadas: estes são menos agressivos verbalmente contra professores funcionários e alunos; cometem menos roubos; e consomem menos bebidas alcoólicas e drogas ilícitas. Além disso, nas escolas militarizadas há maior assistência e acompanhamento por parte dos pais, menor índice de faltas e melhor autoestima por parte dos alunos.

Dados do SAEB sobre o uso do tempo em sala de aula gasto mantendo a ordem e a disciplina mostram que os professores das militarizadas perdem mais tempo com este tipo de atividade, o que parece conflitar com os relatos de que nas escolas militarizadas os professores, por terem o apoio dos policiais militares e dos Chefes de Turma na gestão administrativa e disciplinar da sala de aula, teriam a possibilidade de se dedicar mais a tarefas pedagógicas e menos a tarefas disciplinares, contradição que precisa ser melhor analisada em estudos posteriores.

Portanto, podemos concluir que as escolas estaduais militarizadas de Goiás têm menos casos de violência por parte dos alunos do que as escolas estaduais não-militarizadas, tendo como possíveis causas explicativas o regimento interno diferenciado, a maior presença da família na vida escolar dos alunos e a presença policial como fator de inibição para o comportamento desviante. Porém, os professores das escolas não-militarizadas parecem fazer melhor uso do tempo, pois se dedicam menos a tarefa de manter a ordem e a disciplina dentro de sala de aula.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M.; RUA, M. das G. **Violências nas escolas**. Brasília: UNESCO no Brasil, 2002

ABRAMOVAY, M. **Cotidiano das escolas: entre violências**. Brasília: UNESCO no Brasil, 2005.

ALMLUND, M. *et al.* **Personality psychology and economics**. [S.l.], 2011

ALVES, Miriam Fábila; TOSCHI, Mirza Seabra. A militarização das escolas públicas: uma análise a partir das pesquisas da área de educação no Brasil. **Revista Brasileira de Política e Administração da Educação** - Periódico científico editado pela ANPAE, [S.l.], v. 35, n. 3, p. 633, dez. 2019. ISSN 2447-4193. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/rbpae/article/view/96283/55500>. Acesso em: 02 jan. 2021.

APEOESP. **Pesquisa aponta que 44% dos professores já sofreram agressão verbal nas escolas estaduais de SP**. Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo, 2017. Disponível em: <http://www.apoesp.org.br/publicacoes/observatorio-da-violencia/pesquisa-aponta-que-44-dos-professores-ja-sofreram-agressao-verbal-nas-escolas-estaduais-de-sp/>. Acesso em: 12 jan. 2021.

ARCOVERDE, Léo. **Casos de agressões a professores da rede estadual têm alta de 73% em SP**. GloboNews, 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2019/03/25/casos-de-agressoes-a-professores-da-rede-estadual-tem-alta-de-73percent-em-sp-aponta-secretaria-da-educacao.ghtml>. Acesso em: 12 jan. 2021.

ARNEKLEV, B. J. *et al.* Low self-control and imprudent behavior. **Journal of Quantitative Criminology**, 9, 225–239, 1993. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/BF01064461#citeas>. Acesso: 12 jan. 2021.

BANDEIRA, Cláudia de Moraes; HUTZ, Claudio Simon. As implicações do bullying na auto-estima de adolescentes. **Psicol. Esc. Educ.** (Impr.), Campinas, v. 14, n. 1, p. 131-138, June 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pee/v14n1/v14n1a14.pdf>. Acesso em: 02 jan. 2021.

BERGER, C. *et al.* Socio-emotional well-being and academic achievement: Evidence from a multilevel approach. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, SciELO Brasil, v. 24, n. 2, p. 344–351, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/prc/v24n2/16.pdf>. Acesso em: 02 jan. 2021.

BOURDIEU, P.; PASSERON, J. C. (1975). **A reprodução. Elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Rio de Janeiro: Francisco Alves

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em 19 dez. 2020.

\_\_\_\_\_. Decreto nº 10.004, de 5 de setembro de 2019. **Institui o Programa Nacional das Escolas Cívico-Militares**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2019-2022/2019/decreto/D10004.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/decreto/D10004.htm). Acesso em 19 dez. 2020.

\_\_\_\_\_. Emenda Constitucional nº 101, de 3 de julho de 2019. **Acrescenta § 3º ao art. 42 da Constituição Federal para estender aos militares dos Estados, do Distrito Federal e dos Territórios o direito à acumulação de cargos públicos prevista no art. 37, inciso XVI**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/Emendas/Emc/emc101.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/Emendas/Emc/emc101.htm). Acesso em 19 dez. 2020.

\_\_\_\_\_. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm) Acesso em 19 dez. 2020.

BRUNET, Luc. Clima de trabalho e eficácia da escola. In: NÓVOA, António (Coord.). **As organizações escolares em análise**. 2. ed. Lisboa: Dom Quixote, 1995. p. 123-140. Disponível em: <http://www3.uma.pt/nunosilvafraga/wp-content/uploads/2008/04/climas-escolares-e-eficacia-da-escola.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2021.

BURTON, V. S. *et al.* Reconsidering strain theory: Operationalization, rival theories, and adult criminality. **Journal of Quantitative Criminology**, 10, 213–239, 1994. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007%2F02221211>. Acesso em: 02 jan. 2021.

CAMPOS, H. R.; JORGE, S. D. C. (2010). **Violência na escola; uma reflexão sobre o bullying e a prática educativa**. Em Aberto, 23(83), 107-128. Disponível em: [https://www.academia.edu/225491/Viol%C3%Aancia\\_na\\_escola\\_uma\\_reflex%C3%A3o\\_sobre\\_bullying](https://www.academia.edu/225491/Viol%C3%Aancia_na_escola_uma_reflex%C3%A3o_sobre_bullying). Acesso em: 15 jan. 2021

CANDIAN, J. F.; REZENDE, W. S. O contexto normativo do clima escolar e o desempenho dos alunos: implicações para o debate sobre gestão escolar. **Pesquisa e Debate em Educação**, Juiz de Fora, v. 3, n. 2, p. 25-41, 2013. Disponível em: <http://www.revistappgp.caedufjf.net/index.php/revista1/article/view/66/42>. Acesso em: 02 jan. 2021.

CARVALHOSA, Susana Fonseca de *et al.* Bullying: a provocação/vitimação entre pares no contexto escolar português. **Análise Psicológica**, Lisboa, v. 19, n. 4, p. 523-537, out. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/pdf/aps/v19n4/v19n4a04.pdf>. Acesso em: 02 jan. 2021.

CASTRO, M. G.; ABRAMOVAY, M. Marcas de gênero na escola- sexualidade, violência e discriminações: representações de alunos e professores. **Revista Brasileira De Sexualidade Humana**, 14 (2), 2003. Disponível em: [https://www.rbsh.org.br/revista\\_sbrash/issue/view/34](https://www.rbsh.org.br/revista_sbrash/issue/view/34). Acesso em: 15 jan. 2021.

CERNKOVICH, Stephen A.; GIORDANO, Peggy C. Stability and change in antisocial behavior: The transition from adolescence to early adulthood. **Criminology** 39:371-410, 2001. Disponível em: <http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download;jsessionid=A1CBC7F0FE1C3351C3DFF E00D8EA3784?doi=10.1.1.543.1447&rep=rep1&type=pdf>. Acesso em: 02 jan. 2021.

CHARLOT, Bernard; EMIN, Jean Claude (Coords). Violence à école – état des savoirs. Paris: Masson e Armand Colin editores, 1997. IN: ABRAMOVAY, Miriam et alii. **Violência nas Escolas**. Brasília: UNESCO, Instituto Ayrton Sena, UNAIDS, Banco Mundial, USAID, Fundação Ford, CONSED, UNDIME, 2004.

CHARLOT, B. A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão. **Sociologias**, 4(8), 432-443, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/soc/n8/n8a16.pdf>. Acesso em: 02 jan. 2021.

CUNHA, Marcela. B.; COSTA, Márcio. O clima escolar de escolas de alto e baixo prestígio. In: **Reunião da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação**, 32., Anais... 2009, Caxambu-MG. Sociedade, cultura e educação: novas regulações, 2009. Disponível em: <http://32reuniao.anped.org.br/arquivos/trabalhos/GT14-5645--Int.pdf>. Acesso em: 02 jan. 2021.

DEBARBIEUX, Éric. A violência na escola francesa: 30 anos de construção social do objeto (1967-1997). **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 163-193, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ep/v27n1/a11v27n1.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2021.

DEWALL, C. N. *et al.* Violence restrained: Effects of self-regulation and its depletion on aggression. **Journal of Experimental social psychology**, Elsevier, v. 43, n. 1, p. 62-76, 2007. Disponível em:

<https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0022103105001551?via%3Dihub>. Acesso em: 02 jan. 2021.

DUCKWORTH, A. L.; SELIGMAN, M. E. Self-discipline outdoes iq in predicting academic performance of adolescents. **Psychological science**, SAGE Publications, v. 16, n. 12, p. 939-944, 2005. Disponível em:

<https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1111/j.1467-9280.2005.01641.x>. Acesso em: 02 jan. 2021.

DUNCAN, G. J.; MAGNUSON, K. Investing in preschool programs. **The journal of economic perspectives**: a journal of the American Economic Association, NIH Public Access, v. 27, n. 2, p. 109, 2013. Disponível em:

[https://www.researchgate.net/publication/256063616\\_Investing\\_in\\_Preschool\\_Program/link/585676c508aeff086bfb44f/download](https://www.researchgate.net/publication/256063616_Investing_in_Preschool_Program/link/585676c508aeff086bfb44f/download). Acesso em: 02 jan. 2021.

FERREIRA, V.; ROWE, J. F.; ANTUNES de Oliveira, L. (2010). **Percepção do professor sobre o fenômeno bullying no ambiente escolar**. Unoesc & Ciência - ACHS, 1(1), 57-64. Disponível em:

[https://portalperiodicos.unoesc.edu.br/achs/article/view/138/pdf\\_15](https://portalperiodicos.unoesc.edu.br/achs/article/view/138/pdf_15). Acesso em: 15 jan. 2021

FOLHA DE SÃO PAULO. **Brasil lidera ranking da OCDE de violência contra professores**. 2019. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2019/04/brasil-lidera-ranking-da-ocde-de-violencia-contra-professores.shtml>. Acesso em: 02 jan. 2021.

FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO. **Pesquisa: Juventudes, Educação e Projeto de Vida**. 2020. Disponível em: <https://frm.org.br/sem-categoria/pesquisa-juventudes-educacao-e-projeto-de-vida/>. Acesso em: 12 jan. 2021.

FURLONG, M.; MORRISON, H. The school in school violence: Definitions and facts. **Journal of Emotional and Behavioral Disorders**, 8(2), 71-82, 2000.

Disponível em:

[https://www.researchgate.net/publication/258134410\\_The\\_SCHOOL\\_in\\_school\\_violence\\_Definitions\\_and\\_facts/link/54b4886e0cf28ebe92e47f87/download](https://www.researchgate.net/publication/258134410_The_SCHOOL_in_school_violence_Definitions_and_facts/link/54b4886e0cf28ebe92e47f87/download). Acesso em: 02 jan. 2021.



GLUECK, Sheldon; GLUECK, Eleanor. **Unraveling Juvenile Delinquency**. New York: The Commonwealth Fund, 1950.

GOIÁS. Polícia Militar do Estado de Goiás. Comando de Ensino Policial Militar. **Regimento Interno dos Colégios Estaduais Militares de Goiás**, 2018. Disponível em: <https://www.portalcepmg.com.br/wp-content/uploads/2018/05/document.pdf>. Acesso em: 1 dez. 2020.

\_\_\_\_\_. Lei nº 14.050, de 21 de dezembro de 2001. **Dispõe sobre a criação, instalação e transferência de Unidades na Polícia Militar do Estado de Goiás e dá outras providências**, 2001. Disponível em: [https://legisla.casacivil.go.gov.br/pesquisa\\_legislacao/81616/lei-14050](https://legisla.casacivil.go.gov.br/pesquisa_legislacao/81616/lei-14050). Acesso em: 12 já.. 2021.

\_\_\_\_\_. Lei nº 14.044, de 21 de dezembro de 2001. **Dispõe sobre as unidades do Colégio da Polícia Militar do Estado de Goiás (CPMG)**. Disponível em: [http://www.gabinetecivil.go.gov.br/pagina\\_leis.php?id=2151](http://www.gabinetecivil.go.gov.br/pagina_leis.php?id=2151). Acesso em: 24 dez. 2020.

\_\_\_\_\_. Lei n.º 19.865 de 16 de outubro de 2017. **Introduz alterações na organização administrativa do Poder Executivo**. Disponível em: [http://www.gabinetecivil.goias.gov.br/leis\\_ordinarias/2011/lei\\_17257.htm](http://www.gabinetecivil.goias.gov.br/leis_ordinarias/2011/lei_17257.htm). Acesso em: 17 dez. 2020.

\_\_\_\_\_. **Comando de Ensino Policial Militar. Portal CEPMG, 2020**. Disponível em: <https://www.portalcepmg.com.br/estrutura-organizacional/>. Acesso em: 24 dez. 2020.

GOLDBERG, L. R. The development of markers for the Big-Five fator structure. **Psychological Assessment**, 4, 26–42, 1992. Disponível em: [https://projects.ori.org/lrg/PDFs\\_papers/Goldberg.Big-Five-Markers-Psych.Assess.1992.pdf](https://projects.ori.org/lrg/PDFs_papers/Goldberg.Big-Five-Markers-Psych.Assess.1992.pdf). Acesso em: 24 dez. 2020.

GOTTFREDSON, G. D.; GOTTFREDSON, D. C. **Victimization in schools**. New York: Plenum Press, 1985.

GOTTFREDSON, D. C. **Schools and delinquency**. Cambridge University Press, 2001.

GOTTFREDSON G.D., *et al.* School Climate Predictors of School Disorder: Results from a National Study of Delinquency Prevention in Schools. **Journal of Research in Crime and Delinquency**; 42(4):412-444, 2005. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/0022427804271931>. Acesso em: 02 jan. 2021.

GOTTFREDSON, M. R.; HIRSCHI, T. **A general theory of crime**. Stanford, CA: Stanford University Press, 1990.

HINDUJA, Sameer; PATCHIN, Justin. Bullying, Cyberbullying, and Suicide. **Archives of suicide research: official journal of the International Academy for Suicide Research**. 14. 206-21, 2010. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/13811118.2010.494133?needAccess=true>. Acesso em: 02 jan. 2021.

HIRSCHI, Travis; GOTTFREDSON Michael R. Control theory and the life-course perspective. **Studies on Crime and Crime Prevention** 4:131- 42, 1995. Disponível em: <https://www.ncjrs.gov/App/abstractdb/AbstractDBDetails.aspx?id=158805>. Acesso em: 12 jan. 2021.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA - INEP. **Relatório Brasil no PISA 2018**. Brasília, 2019. 158 p. Disponível em: [https://download.inep.gov.br/acoes\\_internacionais/pisa/documentos/2019/relatorio\\_PISA\\_2018\\_preliminar.pdf](https://download.inep.gov.br/acoes_internacionais/pisa/documentos/2019/relatorio_PISA_2018_preliminar.pdf). Acesso em: 12 jan. 2021.

MAXWELL, J. P. Mediation in the schools: Self-regulation, self-esteem, and selfdiscipline. **Mediation Quarterly**, Wiley Online Library, v. 7, n. 2, p. 149–155, 1989. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/crq.3900070206>. Acesso em: 12 jan. 2021.

MENDONÇA, Erasto Fortes. Militarização de escolas públicas no DF: a gestão democrática sob ameaça. **Revista Brasileira de Política e Administração da Educação** - Periódico científico editado pela ANPAE, [S.l.], v. 35, n. 3, p. 594, dez. 2019. ISSN 2447-4193. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/rbpae/article/view/96052>. Acesso em: 02 jan. 2021.

OECD INDICATORS. **Education at a glance 2016**. OECD Publishing. Disponível em: <http://www.spef.pt/image-gallery/19147490949112-Colgios-Educao-Docs-de-Referencia-Education-at-a-Glance-2016-OCDE-Indicators.pdf>. Acesso em: 02 jan. 2021.

OECD INDICATORS. **TALIS - The OECD Teaching and Learning International Survey**, 2018. OECD Publishing. Disponível em: <http://www.oecd.org/education/talis/>. Acesso em: 14 jan. 2021.

OLWEUS, Dan. Bullying at School: Basic Facts and Effects of a School Based Intervention Program. **Journal of child psychology and psychiatry, and allied disciplines**, 1994. Disponível em: [https://www.researchgate.net/profile/Dan\\_Olweus/publication/15391812\\_Bullying\\_at\\_School\\_Basic\\_Facts\\_and\\_Effects\\_of\\_a\\_School\\_Based\\_Intervention\\_Program/links/59ddf4a3aca272204c2bca5d/Bullying-at-School-Basic-Facts-and-Effects-of-a-School-Based-Intervention-Program.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Dan_Olweus/publication/15391812_Bullying_at_School_Basic_Facts_and_Effects_of_a_School_Based_Intervention_Program/links/59ddf4a3aca272204c2bca5d/Bullying-at-School-Basic-Facts-and-Effects-of-a-School-Based-Intervention-Program.pdf). Acesso em: 12 jan. 2021.

OLWEUS, Dan. (2012). Cyberbullying: An overrated phenomenon?. **European Journal of Developmental Psychology** - EUR J DEV PSYCHOL. 9. 1-19. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/17405629.2012.682358?needAccess=true>. Acesso em: 12 jan. 2021.

PATERNOSTER, Raymond, *et al.* Generality, continuity, and change in offending. **Journal of Quantitative Criminology** 13:231-66, 1997. Disponível em: <https://www.scopus.com/record/display.uri?eid=2-s2.0-85061526935&origin=inward&txGid=5edc803534f4ce510d6515c551ead17d>. Acesso em: 12 jan. 2021.

PAYTON, J. *et al.* The positive impact of social and emotional learning for kindergarten to eighth-grade students: Findings from three scientific reviews. technical report. **Collaborative for Academic, Social, and Emotional Learning (NJ1)**, ERIC, 2008. Disponível em: <https://files.eric.ed.gov/fulltext/ED505370.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2021.

PINHEIRO, Daniel Calbino; PEREIRA, Rafael Diogo; SABINO, Geruza de Fátima Tomé. Militarização das escolas e a narrativa da qualidade da educação. **Revista Brasileira de Política e Administração da Educação** - Periódico científico editado pela ANPAE, [S.l.], v. 35, n. 3, p. 667, dez. 2019. ISSN 2447-4193. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/rbpae/article/view/95957>. Acesso em: 02 jan. 2021.

PIQUERO, Alex R., *et al.* Assessing the impact of exposure time and incapacitation on longitudinal trajectories of criminal offending. **Journal of Adolescent Research** 16:54-74, 2001. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/0743558401161005>. Acesso em: 02 jan. 2021.

POLAKOWSKI, M. Linking self- and social control with deviance: Illuminating the structure underlying a general theory of crime and its relation to deviant activity. **Journal of Quantitative Criminology**, 10, 41-78, 1994. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/BF02221008>. Acesso em: 12 jan. 2021.

ROBINS, R. W. *et al.* Major dimensions of personality in early adolescence: The Big Five and beyond. In C. F. Halverson Jr., G. A. Kohnstamm, and R. P. Martin (Eds.), *The developing structure of temperament and personality from infancy to adulthood* (pp. 267–292). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum, 1994. Disponível em: [https://books.google.com.br/books?hl=en&lr=&id=bn-OAwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA267&ots=8CS\\_0CdvaS&sig=HCL07BwguRkbvXeLR6HtAgk5rrQ&redir\\_esc=y#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.br/books?hl=en&lr=&id=bn-OAwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA267&ots=8CS_0CdvaS&sig=HCL07BwguRkbvXeLR6HtAgk5rrQ&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false). Acesso em: 12 jan. 2021.

SABOIA, G. **Maior espaço para filhos de PMs em escolas militares é questionado no Rio**. Educação Uol, 2019. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/noticias/2019/01/17/maior-espaco-para-filhos-de-pms-em-escolas-militares-e-questionado-no-rio.htm>. Acesso em: 12 jan. 2021.

SADDI, R. **Colégio da Polícia Militar exclui os alunos mais pobres**. Diário da Manhã, 2015. Disponível em: <https://secom.ufg.br/p/11799-colegios-dapolicia-militar-excluem-os-alunos-mais-pobres>. Acesso em: 20 dez. 2020.

SAMPSON, Robert J.; LAUB John H. **Crime in the Making: Pathways and Turning Points Through Life**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1993.

SAMPSON, Robert J.; LAUB John H. Understanding variability in lives through time: Contributions of life-course criminology. **Studies on Crime and Crime Prevention** 4:143-58, 1995. Disponível em: <https://www.ncjrs.gov/App/abstractdb/AbstractDBDetails.aspx?id=158806>. Acesso em: 12 jan. 2021.

SANTOS, Cleber Borges dos. **Desigualdades escolares: as diferenças de rendimento escolar dos alunos amparados e concursados no Colégio Militar de Fortaleza**. 2011. 100 f. Dissertação (Mestrado em Educação...) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011. Disponível em: [http://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/2969/1/2011\\_Dis\\_CBSantos.pdf](http://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/2969/1/2011_Dis_CBSantos.pdf). Acesso em: 12 jan. 2021.

SECRETARIA DO TESOUREIRO NACIONAL. **Aspectos Fiscais da Educação no Brasil**. Brasília, 2018. 13 p. Disponível em: [https://sisweb.tesouro.gov.br/apex/f?p=2501:9:::9:P9\\_ID\\_PUBLICACAO:28264](https://sisweb.tesouro.gov.br/apex/f?p=2501:9:::9:P9_ID_PUBLICACAO:28264). Acesso em: 12 jan. 2021.

SIMONS, Ronald L. *et al.* A test of latent trait versus life-course perspectives on the stability of adolescent antisocial behavior. **Criminology** 36:217-42, 1998. <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1111/j.1745-9125.1998.tb01247.x>. Acesso em: 12 jan. 2021.

SLONJE, Robert; SMITH, Peter. Cyberbullying: Another main type of bullying?. **Scandinavian journal of psychology**. 49. 147-54, 2008. Disponível em: [https://onlinelibrary.wiley.com/doi/pdf/10.1111/j.1467-9450.2007.00611.x?casa\\_token=yu1dadcpMoAAAAA:MMUjdII4LPRznL32Uhq9B-a0RKXd5qJggwFMgClG-kBSWyhdfxOJd-BuN7C6sd4KNbBqu2PVDy3tBY](https://onlinelibrary.wiley.com/doi/pdf/10.1111/j.1467-9450.2007.00611.x?casa_token=yu1dadcpMoAAAAA:MMUjdII4LPRznL32Uhq9B-a0RKXd5qJggwFMgClG-kBSWyhdfxOJd-BuN7C6sd4KNbBqu2PVDy3tBY). Acesso em: 12 jan. 2021.

SPOSITO, Marília Pontes. **Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil**. In: Revista da Faculdade de Educação da USP – Educação e Pesquisa. São Paulo: USP, v:27, nº 1, p.87-103. Jan/Jun 2001. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-97022001000100007&script=sci\\_abstract&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-97022001000100007&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso em: 15 jan. 2021.

STELKO-PEREIRA, Ana Carina; WILLIAMS, Lúcia Cavalcanti de Albuquerque. Reflexões sobre o conceito de violência escolar e a busca por uma definição abrangente. *Temas psicol.*, Ribeirão Preto, v. 18, n. 1, p. 45-55, 2010. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-389X2010000100005&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2010000100005&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 29 dez. 2020.

TIELLET, Maria do Horto Salles. Expansão das escolas e colégios militares retoma a lógica da exclusão. **Revista Brasileira de Política e Administração da Educação** - Periódico científico editado pela ANPAE, [S.l.], v. 35, n. 3, p. 806, dez. 2019. ISSN 2447-4193. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/rbpae/article/view/93780>. Acesso em: 02 jan. 2021.

TREVISOL, M. T.; DRESCH, D. **Escola e bullying: a compreensão dos educadores**. Revista Múltiplas Leituras, 4(2), 41-55, 2011. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/ML/article/view/2842/2905>. Acesso em: 15 jan. 2021.

VASCONCELLOS, M. D. Pierre Bourdieu: a herança sociológica. **Educação e Sociedade**, 78, 77-87, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/es/v23n78/a06v2378.pdf>. Acesso em: 02 jan. 2021.

VEGARA, Sylvia Constant. **Projetos e Relatórios de Pesquisa em Administração**. 12. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

WARNER, B. S.; WEIST M. D.; KRULAK Amy. Risk factors for school violence. **Urban Education**, 34(1), 52-68, 1999. Disponível em: [https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/0042085999341004?casa\\_token=UpxsSI](https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/0042085999341004?casa_token=UpxsSI)



## ANEXOS

### **ANEXO A: ENTREVISTAS COM OS DIRETORES DAS ESCOLAS MILITARIZADAS**

#### Diretor 1

**Em linhas gerais, o que você pensa acerca do problema da violência e da indisciplina dentro das escolas brasileiras atualmente? A sua escola sofre deste problema? Em caso afirmativo, poderia citar os casos de violência e indisciplina mais comuns que ocorrem?**

Na percepção do diretor da escola 1 a escola pública sempre teve problemas de violência, mas no contexto social atual, com o aumento da violência na sociedade brasileira, a situação piorou.

**Quais medidas práticas a sua escola vem tomando para prevenir e coibir atos de violência e indisciplina? Como funciona o sistema de regras, punições, recompensas e controle do ambiente escolar?**

No caso das escolas cívico-militares afirmou que é raro ter casos de violência, fator que pode ser explicado pela presença do policial militar dentro da escola ajudando na prevenção dos desvios comportamentais dos alunos, os professores costumam acionar rapidamente os militares para resolver problemas disciplinares minorando os conflitos.

**Na sua opinião, há uma correlação entre a violência e a indisciplina escolar com os resultados educacionais obtidos pelos alunos? Em caso afirmativo, poderia exemplificar de que forma isto ocorre?**

Se o aluno não gosta de estudar, orientam o aluno a sair da escola. Há uma mensuração do comportamento do estudante que vai do excepcional ao incompatível. No caso do incompatível faz-se uma reunião para decidir o caso do aluno e, caso se perceba que o aluno tem condições de melhorar, este permanece na escola.

Todo excesso é prejudicial, incluindo a disciplina, o objetivo não é formar robôs ou soldados, mas estamos formando alunos dentro de uma disciplina mínima, para que

estes dediquem algumas horas do dia ao estudo. O lazer também é importante, os alunos têm que ter liberdade, mas liberdade para a aprendizagem, não para fazer bagunça.

**Quais as principais diferenças entre as escolas cívico-militares e as escolas públicas regulares no processo de controle da violência e da indisciplina no ambiente escolar?**

Há uma separação de funções na qual os civis cuidam parte pedagógica enquanto os militares focam na parte disciplinar. A função dos militares é dar meios para que os professores e a coordenação pedagógica possam focar na aprendizagem dos alunos e não tenham que ficar cuidando dos problemas disciplinares dos estudantes. Nesse sentido, não haveria interferência entre nenhuma das partes nas funções respectivas de cada área da gestão da escola. O nosso diferencial em relação às outras escolas está nessa parceria que auxilia o professor a focar no repasse do conteúdo programático.

#### Diretor 2

**Em linhas gerais, o que você pensa acerca do problema da violência e da indisciplina dentro das escolas brasileiras atualmente? A sua escola sofre deste problema? Em caso afirmativo, poderia citar os casos de violência e indisciplina mais comuns que ocorrem?**

Para este diretor o problema da violência nas escolas advém de duas fontes principais: a falta de base familiar e a perda de autoridade dos professores. Na cultura atual há um excesso de liberdade para as crianças e os adolescentes, o que atrapalha o processo de formação moral e social dos estudantes. Haveria uma falta de civismo e cidadania por parte dos alunos, e é exatamente este ponto que os militares procuram trabalhar na escola, principalmente através da disciplina “Noções de Cidadania”.

**Quais medidas práticas a sua escola vem tomando para prevenir e coibir atos de violência e indisciplina? Como funciona o sistema de regras, punições, recompensas e controle do ambiente escolar?**

Há separação de atividades entre civis e militares e a relação profissional é boa. Em caso de dificuldades disciplinares o professor aciona o PM para repor a ordem em sala de aula. Na sala de aula o professor tem autoridade, o militar não interfere, o militar



só intervém quando o professor perdeu o controle e solicita ajuda. O papel do militar é disciplinar o aluno para que o professor consiga dar a sua aula de forma tranquila.

O controle do comportamento dos alunos é mensurado por um sistema chamado GR8 que gerencia a avaliação do aluno. Aqueles com melhor comportamento e melhores notas obtêm o ALAMAR (condecoração de honra). Ao entrar no colégio, todos começam com a nota 8, e para obter o ALAMAR precisam manter nota média acima de 9, além de não poderem ter nenhuma nota abaixo de 8.

Em caso de atraso devem justificar, também é proibido mascar chiclete e colar na carteira. O portão tem horário certo para abrir (tolerância de 5 minutos). Um aluno é o chefe de turma (responsável pela ordem), este conta o quantitativo de alunos e os apresenta ao comandante, enquanto o subchefe faz a parte escriturária (carimbo, chamada). Em seguida, há o hasteamento da bandeira, cantam o hino militar ou da própria cidade, e depois são dados os avisos (cada dia tem uma situação), nas quartas-feiras há a "formatura geral" (desfile de honra e continência ao comando). Em seguida, vão em fila para a sala de aula, cada sala tem uma câmera, e ao entrar em sala os alunos colocam os objetos na carteira e entram em forma, sendo apresentados de forma geral ao professor. O professor não faz chamada, ele entra em sala, pede para a turma ficar de pé e dá permissão para sentar, e somente após esse procedimento o professor começa a ministrar a aula

**Na sua opinião, há uma correlação entre a violência e a indisciplina escolar com os resultados educacionais obtidos pelos alunos? Em caso afirmativo, poderia exemplificar de que forma isto ocorre?**

Para que haja aprendizagem tem que ter disciplina (horário para estudar, ter controle para receber os ensinamentos do professor). O aluno tem que ter no mínimo duas horas de estudo por dia, não pode faltar, não pode atrapalhar o colega, não pode chegar atrasado.

**Quais as principais diferenças entre as escolas cívico-militares e as escolas públicas regulares no processo de controle da violência e da indisciplina no ambiente escolar?**

Têm pessoas que não se adaptam ao modelo cívico-militar, porque acham que a vida tem que ser solta e desregrada, sem freios. É uma escola que para a maioria das

peças funciona, há também uma parceria com os pais chama-se Associação de Pais e Mestres: os pais contribuem mensalmente e esse dinheiro é utilizado para a reestruturação das escolas (quadras, banheiros, iluminação, premiação, eventos). A escola militar resgata o respeito, o civismo e a cidadania. Missão dada, missão cumprida.

### Diretor 3

**Em linhas gerais, o que você pensa acerca do problema da violência e da indisciplina dentro das escolas brasileiras atualmente? A sua escola sofre deste problema? Em caso afirmativo, poderia citar os casos de violência e indisciplina mais comuns que ocorrem?**

Os problemas socioeconômicos da sociedade brasileira refletem na educação. O fato de ser uma escola militarizada faz com que não haja casos de violência, pois o regimento da escola é cumprido em toda a sua extensão e tanto os alunos quanto os pais têm consciência dele: ao ser aceito na instituição os alunos recebem uma agenda na qual consta todo o regimento interno, portanto, não podem alegar desconhecimento.

**Quais medidas práticas a sua escola vem tomando para prevenir e coibir atos de violência e indisciplina? Como funciona o sistema de regras, punições, recompensas e controle do ambiente escolar?**

O convívio é harmonioso entre civis e militares. Há dois comandos dentro da escola cívico-militar, o que difere das escolas comuns que são vinculadas apenas à secretaria de educação. Por um lado, existe o Comando de Ensino (militares) e por outro a Seduc (servidores civis da educação); a administração e a disciplina cabem à PM e a parte pedagógica à SEDUC. A função dos militares é proporcionar um ambiente saudável para que o professor e o aluno consigam realizar o processo de ensino e aprendizagem.

As vagas são por sorteio, o que gera um ambiente mais variado e democrático, não sendo uma instituição elitista. Há uma procura muito grande para poucas vagas, os alunos costumam permanecer na escola e eles valorizam a vaga, não havendo evasão escolar em larga escala. Também há poucas mudanças no quadro de professores.

**Na sua opinião, há uma correlação entre a violência e a indisciplina escolar com os resultados educacionais obtidos pelos alunos? Em caso afirmativo, poderia exemplificar de que forma isto ocorre?**

Não há aprendizagem sem disciplina, mas não é uma disciplina radical para engessar a criatividade. Os alunos têm liberdade dentro da ética, da moral e desde que não firam as regras da instituição. O principal objetivo do projeto é fazer os alunos virarem cidadãos de bem com ênfase na família, nos preceitos morais, companheirismo, urbanidade. O objetivo do modelo escolar é formar futuros líderes para a sociedade.

**Quais as principais diferenças entre as escolas cívico-militares e as escolas públicas regulares no processo de controle da violência e da indisciplina no ambiente escolar?**

Por essa conjunção de fatores é possível dizer que os alunos das escolas cívico-militares são mais autocontrolados e disciplinados que os das escolas públicas regulares. Um ambiente moralmente saudável, com boa socialização, respeito ao próximo e higiene ajuda a aumentar a aprendizagem.

#### Diretor 4

**Em linhas gerais, o que você pensa acerca do problema da violência e da indisciplina dentro das escolas brasileiras atualmente? A sua escola sofre deste problema? Em caso afirmativo, poderia citar os casos de violência e indisciplina mais comuns que ocorrem?**

A violência nas escolas militarizadas é praticamente impossível, apesar da indisciplina estar presente. O que diferencia as escolas militarizadas é um efetivo cumprimento do regimento interno. O colégio é muito vigiado: há 38 câmeras e 14 militares na escola, ao primeiro sinal de violência eminente os responsáveis pela escola tomam providências, sempre preservando a integridade moral e física do aluno.

**Quais medidas práticas a sua escola vem tomando para prevenir e coibir atos de violência e indisciplina? Como funciona o sistema de regras, punições, recompensas e controle do ambiente escolar?**

A indisciplina começa a ser controlada na entrada do colégio: há apenas uma entrada e uma saída, o aluno tem que entrar 10 minutos antes de qualquer evento dentro do colégio. Após a entrada, os alunos são perfilados e recepcionados pelos policiais

militares. A chamada é feita na entrada, e não na sala de aula, quem faz a chamada são os próprios alunos (3ª ano, são os chefes gerais), os mais velhos controlam os mais novos. Uniforme, apresentação pessoal e postura dos alunos são analisadas na entrada do colégio.

O aluno para sair da sala tem que pedir permissão para a professora, na ausência da professora tem um chefe da sala de aula (que muda toda semana, é rotativo), ou seja, sempre tem alguém mandando e controlando a sala de aula. No recreio os militares ficam observando com a ajuda dos professores e dos demais funcionários o comportamento dos estudantes. A continência também ajuda a gerar respeito e a controlar a indisciplina dos alunos.

Este tipo de colégio é uma parceria entre a Seduc e os militares, há uma parte pedagógica específica dos militares e, caso os professores atrasem ou faltem, a norma afirma que os militares devem assumir a sala de aula. Inclusive, o militar pode dar aula (noções de cidadania, falam da sua história de vida etc.). Trata-se de uma parceria disciplinar e pedagógica que pelos resultados no IDEB, tem gerado excelentes resultados.

A escola também trabalha a questão do “senso de pertencimento”: os professores por vezes chegam assustados, mas uma vez adaptados, eles gostam do modelo, porque ele tem condições para dar a aula de forma tranquila, com segurança.

Não há muita rotatividade de professores, não é comum pedirem para sair por não gostarem da escola, as saídas são casos pontuais; o mesmo se passa com os alunos, no começo há um “pé atrás”, um certo receio do militarismo, mas depois eles pegam gosto. Muitos alunos, mesmo após a formatura, continuam visitando a escola, há um forte vínculo que é criado entre eles e a instituição.

**Na sua opinião, há uma correlação entre a violência e a indisciplina escolar com os resultados educacionais obtidos pelos alunos? Em caso afirmativo, poderia exemplificar de que forma isto ocorre?**

Sem disciplina fica difícil para o aluno aprender o conteúdo.

**Quais as principais diferenças entre as escolas cívico-militares e as escolas públicas regulares no processo de controle da violência e da indisciplina no ambiente escolar?**

As escolas militares não são melhores do que as outras - há uma inveja por parte das outras escolas pelos resultados obtidos -, mas elas são diferentes das outras, o diferencial está na questão disciplinar que busca favorecer o processo de geração de conhecimento no aluno. Não adianta ter apenas disciplina, o foco da escola é a aprendizagem, mas não dá para aprender num ambiente bagunçado: as escolas são limpas, não há pichação, os alunos não usam drogas, o ambiente é suave, valorizamos o cumprimento dos horários, o respeito para com os professores, diretores e outros profissionais da escola.

#### Diretor 5

**Em linhas gerais, o que você pensa acerca do problema da violência e da indisciplina dentro das escolas brasileiras atualmente? A sua escola sofre deste problema? Em caso afirmativo, poderia citar os casos de violência e indisciplina mais comuns que ocorrem?**

Não há problemas de violência na escola, o que há são casos leves de indisciplina (desentendimentos, agressão verbal, aluno que chega atrasado, sai para o corredor sem autorização, conversa em sala de aula etc.). A presença policial dentro da escola inibe os desvios de conduta dos alunos, o regimento interno é diferenciado das escolas regulares: cabelo curto, uniforme, proibição de uso de adereços e maquiagens. Não se permite que os alunos circulem ao redor da escola, há 50 câmeras de monitoramento, que são fundamentais para o processo de controle da violência e da indisciplina.

**Quais medidas práticas a sua escola vem tomando para prevenir e coibir atos de violência e indisciplina? Como funciona o sistema de regras, punições, recompensas e controle do ambiente escolar?**

A função dos policiais militares é oferecer um ambiente de trabalho seguro para os professores e coordenadores pedagógicos, para que eles tenham paz para realizar o seu trabalho. Há um controle forte da área externa também para evitar que traficantes ou sedutores de jovens possam agir sobre os alunos.

**Na sua opinião, há uma correlação entre a violência e a indisciplina escolar com os resultados educacionais obtidos pelos alunos? Em caso afirmativo, poderia exemplificar de que forma isto ocorre?**

**Quais as principais diferenças entre as escolas cívico-militares e as escolas públicas regulares no processo de controle da violência e da indisciplina no ambiente escolar?**

Os alunos das escolas militarizadas são mais disciplinados e tem uma postura diferenciada em relação as outras escolas pela força do regimento e pelas exigências estéticas do apresentação do uniforme, do cabelo, da aparência como um todo.

Não há seleção dos alunos, a entrada é por sorteio, portanto, não há exclusão de classes sociais. Também não tiram a liberdade do aluno, mas é preciso ter clareza que hora de brincar é hora de brincar; hora de estudar é hora de estudar.

#### Diretor 6

**Em linhas gerais, o que você pensa acerca do problema da violência e da indisciplina dentro das escolas brasileiras atualmente? A sua escola sofre deste problema? Em caso afirmativo, poderia citar os casos de violência e indisciplina mais comuns que ocorrem?**

A violência é um problema da sociedade brasileira que se reflete na educação.

**Quais medidas práticas a sua escola vem tomando para prevenir e coibir atos de violência e indisciplina? Como funciona o sistema de regras, punições, recompensas e controle do ambiente escolar?**

Há escolas que não são militares que lidam com eficácia em relação aos problemas de indisciplina e violência na escola. O diferencial da escola cívico-militar está na forma da gestão da escola. Além do cumprimento mais estrito do regimento interno, tentam recuperar as crianças que cometem uma transgressão com atendimento psicológico dentro da escola, procuram ouvir os pais, os alunos e dão orientação para a família.

**Na sua opinião, há uma correlação entre a violência e a indisciplina escolar com os resultados educacionais obtidos pelos alunos? Em caso afirmativo, poderia exemplificar de que forma isto ocorre?**

O aluno tem liberdade de expressão, o que não se compactua é com a quebradeira, a bagunça e o desrespeito ao professor. Tem uma disciplina chamada "cidadania" para

combater o bullying e o preconceito (os valores morais e éticos são trabalhados ao longo de todo o ano).

A relação entre os civis e os militares é de parceria, há um militar à frente da divisão de ensino ajudando as coordenadoras pedagógicas nas questões de pedagogia e na parte disciplinar. Não há imposição ideológica por parte dos militares na aula dos professores.

Quando o professor entra em sala de aula, os alunos têm que ficar de pé para demonstrar respeito, o chefe de turma apresenta o professor para a turma, a turma vê que o professor tem de ser respeitado.

**Quais as principais diferenças entre as escolas cívico-militares e as escolas públicas regulares no processo de controle da violência e da indisciplina no ambiente escolar?**

Os militares não educam pela farda, eles educam pelo exemplo: não gritam com o aluno, controlam os gestos, são educados, corteses. Os alunos retornam nas escolas militares depois de formados, os pais gostam da escola, a comunidade aprecia o modelo. Não vemos esse tipo de atitude nas outras escolas, em geral.

#### Diretor 7

**Em linhas gerais, o que você pensa acerca do problema da violência e da indisciplina dentro das escolas brasileiras atualmente? A sua escola sofre deste problema? Em caso afirmativo, poderia citar os casos de violência e indisciplina mais comuns que ocorrem?**

A violência é um problema cultural, a sociedade brasileira é violenta, a escola pode ser um mediador dessa violência.

**Quais medidas práticas a sua escola vem tomando para prevenir e coibir atos de violência e indisciplina? Como funciona o sistema de regras, punições, recompensas e controle do ambiente escolar?**

A escola não tem problemas de violência e agressão. Isso é facilitado pela interação constante entre os pais e a escola, o diretor explica para os pais a filosofia da escola (cortar cabelo, tratamento com os professores), apresenta o regimento escolar.

Passam a ideia de que o mundo é uma competição é que é preciso formar bons cidadãos com valores cívicos para atuarem na sociedade.

Não há interferência na parte pedagógica, não há interferência ideológica na aula dos professores e não há autoritarismo. O foco dos militares está no controle da parte disciplinar, e não no pedagógico.

Os professores são contratados, saem mais por problemas contratuais do que por insatisfação com o modelo da escola. Raros alunos ficam insatisfeitos com as regras (alguns não querem cortar o cabelo, por exemplo), mas como o colégio militarizado é uma opção, e não uma obrigação, quem fica preza pela escola. É um modelo dentre outros, o aluno tem que se adaptar e se engajar: cantar o hino, prestar continência, usar o uniforme etc.

**Na sua opinião, há uma correlação entre a violência e a indisciplina escolar com os resultados educacionais obtidos pelos alunos? Em caso afirmativo, poderia exemplificar de que forma isto ocorre?**

Goiás bateu a meta do IDEB 2019, é o primeiro colocado do Brasil, e os colégios militares ocuparam algumas das primeiras posições no ranking estadual.

A indisciplina atrapalha o processo de aprendizagem (perda de informação da aula) e ela pode ser oriunda de diversos fatores externos. Os militares procuram fazer o papel de pais dos alunos, aconselhando e orientando.

**Quais as principais diferenças entre as escolas cívico-militares e as escolas públicas regulares no processo de controle da violência e da indisciplina no ambiente escolar?**

Há excelentes escolas civis, não é que os militares são melhores, é um modelo que tem dado certo, mas não tem a pretensão de se julgar superior. O que uma escola militarizada tem: segurança, patriotismo, civismo e filosofia de disciplina (cumprimento de normas, respeito à hierarquia), esse é o diferencial.

Há uma inveja por parte das escolas civis pelos resultados expressivos da escola, pois os professores são os mesmos das outras escolas, o que muda é o controle do ambiente escolar feito pelos militares, essa é a chave para entender o sucesso desse modelo escolar.



Diretor 8

**Em linhas gerais, o que você pensa acerca do problema da violência e da indisciplina dentro das escolas brasileiras atualmente? A sua escola sofre deste problema? Em caso afirmativo, poderia citar os casos de violência e indisciplina mais comuns que ocorrem?**

A violência e a indisciplina é um problema grave e real que atrapalha o trabalho dos professores. A sociedade é violenta e criminalizada, com diferenças sociais imensas, isso é refletido nas escolas. As escolas militarizadas investem mais em segurança nas escolas: policiais militares nos corredores, assessorando a coordenação pedagógica, controlando o pátio, tudo sempre em pareceria com as diretrizes da Seduc.

**Quais medidas práticas a sua escola vem tomando para prevenir e coibir atos de violência e indisciplina? Como funciona o sistema de regras, punições, recompensas e controle do ambiente escolar?**

A escola não é um quartel, é um colégio estadual. Os alunos tem a percepção de que não estão num colégio público. O regimento interno é forte, bem detalhado, a escola busca atacar de forma consciente os problemas de indisciplina, e tem mecanismos para agir: a presença diária do policial militar, há um comandante de cada ano ou série (uma espécie de chefe que acompanha,), a existência dos chefes de turma, de alunos, fiscais.

**Na sua opinião, há uma correlação entre a violência e a indisciplina escolar com os resultados educacionais obtidos pelos alunos? Em caso afirmativo, poderia exemplificar de que forma isto ocorre?**

O colégio é heterogêneo, tem ricos e pobres. Muitos pais colocam os filhos na escola com a intenção de discipliná-los, como se fosse uma espécie de reformatório, o que é uma ideia errada, a função do colégio é agregar valores de cidadania, ética, moralidade, mérito, honestidade etc.

A farda se impõe quase por si só, todos trabalham fardados, isso cria um respeito por parte dos alunos. Os militares estão sempre checando se o aluno trouxe a agenda, se o cabelo está cortado, se a roupa está limpa (o regimento impõe isso), há fiscalização nos corredores, em todas as salas e o pátio têm sistema de monitoramento. Mas, ainda assim, a maior autoridade dentro da sala são os professores, os militares não tiram a autoridade

do professor, quem autoriza a entrada do militar em sala é o professor. A função do policial militar é agregar valores aplicando o know-how que eles adquirem na corporação.

Os professores, em geral, gostam de trabalhar dentro deste modelo de escola porque se sentem seguros e apoiados. Os militares ouvem os civis, e vice-versa, é um colegiado com gestão compartilhada. A disciplina não é um fim em si mesmo, o intuito é criar respeito ao próximo, a disciplina potencializa a escolarização, junto com o culto à bandeira ao hino nacional. O aluno internaliza os compromissos: cumprimento de horários, dever de realizar as atividades, respeito para com as pessoas, equilíbrio na vida, tudo isso ajuda a formar alunos mais centrados.

**Quais as principais diferenças entre as escolas cívico-militares e as escolas públicas regulares no processo de controle da violência e da indisciplina no ambiente escolar?**

As escolas militarizadas não são melhores, o que eles têm é uma proposta pedagógica diferente. A disciplina é posta de forma clara, positivada no regimento, que busca fortalecer a disciplina como elemento potencializador do processo de aprendizagem. Também há colégios regulares de excelência, nós somos uma proposta, há outras alternativas também. Também não exigimos que os alunos virem militares, mas ele tem que se adequar ao regimento. Ninguém é obrigado a entrar ali.

## **ANEXO B: ENTREVISTAS COM OS DIRETORES DAS ESCOLAS NÃO-MILITARIZADAS**

### Diretor 1

**Em linhas gerais, o que você pensa acerca do problema da violência e da indisciplina dentro das escolas brasileiras atualmente? A sua escola sofre deste problema? Em caso afirmativo, poderia citar os casos de violência e indisciplina mais comuns que ocorrem?**

A violência é um problema sistêmico que perpassa todas as escolas em maior ou menor grau. Na escola que eu trabalho a incidência de casos de violência é menor em comparação com o restante da rede, eu trabalho numa escola de regime integral, então a gente consegue estabelecer alguns vínculos com os estudantes e esses vínculos fazem com que consigamos evitar situações de conflitos, além de termos protocolos de resolução um pouco diferente das escolas das redes regulares. As violências mais comuns são xingamentos e em alguns casos raros brigas físicas, mas desde 2013 eu não percebi nenhum caso mais grave envolvendo arma branca ou arma de fogo.

**Quais medidas práticas a sua escola vem tomando para prevenir e coibir atos de violência e indisciplina? Como funciona o sistema de regras, punições, recompensas e controle do ambiente escolar?**

Trabalhamos na escola com as lideranças de turma – nós trabalhamos da segunda fase do ensino fundamental ao ensino médio -, cada turma tem dois líderes de turma, que são figuras similares ao que antigamente eram os representantes de turma. Esses alunos têm uma posição de liderança e fazem reuniões quinzenais com a direção da escola para discutir problemas da escola e entre esses problemas nós discutimos questões ligadas à violência, então esses estudantes acabam sendo mediadores de conflito. Normalmente nós não esperamos que os conflitos se tornem mais graves para chamarmos os alunos para uma conversa, partimos do pressuposto de que este comportamento inadequado pode ter uma raiz que não está necessariamente dentro do ambiente escolar, diagnosticar o catalizador da violência nos ajuda a evitá-la e a suprir as necessidades dos estudantes. Primeiro pedimos que os representantes de turma dialoguem com os alunos mais problemáticos pois acreditamos que a conversa entre alunos é algo importante porque eles

têm uma linguagem própria, quando a situação não é resolvida nesses termos nós partimos para duas ações que envolvem a equipe da escola: a primeira é acionar o professor-tutor (cada turma de 20 alunos é tutorado por um professor, a escolha do tutor parte dos próprios alunos) e a segunda é levar o aluno para conversar com a coordenação ou com o diretor. Também procuramos fazer duas ou três amplas rodas de conversa durante o ano sobre o tema da violência com o intuito de orientar e prevenir violência sexual, racismo, homofobia etc.

**Na sua opinião, há uma correlação entre a violência e a indisciplina escolar com os resultados educacionais obtidos pelos alunos? Em caso afirmativo, poderia exemplificar de que forma isto ocorre?**

Não vejo uma relação direta entre disciplina e aprendizagem, a questão central é que os alunos das escolas militarizadas são oriundos de famílias com situação socioeconômica mais favorável, este apoio familiar contribui bastante para os resultados educacionais. Podemos ver nos rankings do ENEM, SAEB e do IDEB que as escolas integrais conseguem competir de igual para igual com as escolas militarizadas, portanto, não há como dizer que o modelo cívico-militar é o melhor para o processo de aprendizagem dos estudantes. Há outras possibilidades de abordagem metodológica de sucesso que não seguem esta estrutura mais rígida de controle como é o caso das cívico-militares. Não dá para negar que as escolas cívico-militares obtêm bons resultados educacionais, mas não é a única escola que consegue garantir bons resultados em Goiás.

**Quais as principais diferenças entre as escolas cívico-militares e as escolas públicas regulares no processo de controle da violência e da indisciplina no ambiente escolar?**

As escolas militarizadas possuem mais ferramentas de controle, porém, isso nem sempre gera autonomia ou emancipação do aluno, essas ferramentas são efetivas enquanto os alunos estão colocados naquele ambiente mas não sabemos se ele levará esta disciplina para a vida. Tenho muitos amigos que trabalham em escolas militarizadas e eles dizem que os problemas são os mesmos das regulares, apesar de todo o aparato de coerção disponível para os militares, tem bullying e agressão física. Os alunos das escolas militarizadas passam por um processo de homogeneização, principalmente na parte estética (cabelo, uniforme e acessórios), tudo aquilo que tem um padrão passa mais a ideia de segurança para o público externo, mas eu não vejo que há maior efetividade não. As

escolas militarizadas acabam por fazer uma seleção dos alunos, o que eleva o nível socioeconômico em relação às regulares, isso contribui para que haja menos conflitos dentro das escolas militarizadas, pois são alunos que não vivem a violência no seu cotidiano familiar. A escola militarizada do meu município praticamente não tem negros matriculados o quadro de alunos é composto em sua maioria pela classe média parda e branca. Um aluno da periferia não consegue pagar um fardamento de 700 ou 800 reais menos ainda uma mensalidade de 150 reais – que é uma contribuição, mas uma contribuição com carnê e data de vencimento não é contribuição. Portanto, eu não saberia dizer se o que gera maior segurança nas escolas militarizadas é a metodologia de trabalho, o processo coercitivo imposto aos alunos ou o aspecto da seleção dos alunos.

#### Diretora 2

**Em linhas gerais, o que você pensa acerca do problema da violência e da indisciplina dentro das escolas brasileiras atualmente? A sua escola sofre deste problema? Em caso afirmativo, poderia citar os casos de violência e indisciplina mais comuns que ocorrem?**

Na nossa escola nós não temos muito problema com a questão de violência. Nós tivemos problemas de violência em 2018, em 2019 não tivemos casos, geralmente as ocorrências acontecem no período noturno de aulas. Geralmente, quando acontece, é um caso muito raro, nós chamamos o aluno para uma conversa na sala da diretoria – no ano passado ocorreram casos de agressão verbal entre alunos ou de alunos contra o professor em sala de aula -, em dois casos tivemos que chamar a polícia, mas no dia seguinte a situação estava resolvida e os alunos retornaram à escola.

**Quais medidas práticas a sua escola vem tomando para prevenir e coibir atos de violência e indisciplina? Como funciona o sistema de regras, punições, recompensas e controle do ambiente escolar?**

Tomamos medidas administrativas, disciplinares e fazemos uso da “patrulha escolar”, que é um projeto do governo de Goiás no qual acionamos os policiais militares em caso de necessidade. A patrulha procura passar na escola diariamente, o horário varia, pode ser de manhã, de tarde ou de noite. Esta parceria com a polícia nos ajuda muito porque quando a gente precisa falar com o aluno que ele está com um comportamento

arredio, ele já sabe que a escola tem este respaldo. Repreendemos os alunos sim, mas respeitando os direitos e cumprindo o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).

**Na sua opinião, há uma correlação entre a violência e a indisciplina escolar com os resultados educacionais obtidos pelos alunos? Em caso afirmativo, poderia exemplificar de que forma isto ocorre?**

A disciplina é o ponto de partida das demais ações, nós estamos sempre reforçando para os alunos que eles precisam respeitar o professor, respeitar o colega e cuidar do patrimônio escolar. O aluno indisciplinado traz consigo um problema que a escola deve avaliar: drogas e problemas domésticos, principalmente. Quando este aluno não consegue externalizar esses problemas, ele acaba levando os problemas para a escola. Na nossa unidade nós consideramos a disciplina como ponto de partida, a gente exige bastante, os alunos são avisados sobre as regras escolar desde o início do período letivo, em geral, eles acabam se adequando.

**Quais as principais diferenças entre as escolas cívico-militares e as escolas públicas regulares no processo de controle da violência e da indisciplina no ambiente escolar?**

Os alunos das militarizadas são mais disciplinados sim, mas isto se dá através de um sistema de imposição, por exemplo, nós temos vários alunos que estiveram numa escola cívico-militar e, quando eles não seguem as regras da escola, acabam sendo transferidos para as escolas públicas regulares. Nas cívico-militares ou você segue as regras das escolas ou você está fora, não há opção. Acredito que os militares têm uma facilidade maior de controlar a violência e a indisciplina do que na regular.

### Diretora 3

**Em linhas gerais, o que você pensa acerca do problema da violência e da indisciplina dentro das escolas brasileiras atualmente? A sua escola sofre deste problema? Em caso afirmativo, poderia citar os casos de violência e indisciplina mais comuns que ocorrem?**

A violência está em todos os lugares, não só na escola, ela está arraigada na própria família, e a escola é uma caixa de ressonância. Há muita intolerância e desrespeito na sociedade brasileira, as pessoas não conseguem amar o próximo como a si mesmos, as

peças valorizam mais os animais do que os seres humanos hoje em dia, é preciso valorizar mais o outro, acreditar no ser humano. Na escola há violência sim, e ela ocorre de várias formas: física e com palavras. As pessoas não conseguem lidar com decepções e não gostam de ouvir a palavra “não”, isso gera violência e agressividade.

**Quais medidas práticas a sua escola vem tomando para prevenir e coibir atos de violência e indisciplina? Como funciona o sistema de regras, punições, recompensas e controle do ambiente escolar?**

A nossa escola trabalha com direitos, deveres e a valorização do outro, ensinamos que é importante colocar-se no lugar do outro, também não descartamos os alunos problemáticos, procuramos resgatar a todos. Os alunos são muito ciosos dos seus direitos mas frequentemente esquecem de que devem cumprir deveres, é preciso manter uma cobrança nesse sentido sobre os alunos. Esse ano foi um ano muito difícil, houve casos de mortes, assassinatos e suicídio, apesar de não estarem na escola, os alunos sofreram essa violência na sociedade, por isso que eu digo que a violência escolar é um reflexo de sociedade brasileira. Novamente eu reforço a questão familiar, querendo ou não, pai e mãe são o espelho que refletem o comportamento que o jovem vai reproduzir na vida social.

**Na sua opinião, há uma correlação entre a violência e a indisciplina escolar com os resultados educacionais obtidos pelos alunos? Em caso afirmativo, poderia exemplificar de que forma isto ocorre?**

A indisciplina é um ponto negativo, as pessoas com essa característica agem desta forma porque estão pedindo ajuda, mas não é a maioria dos alunos, numa sala de 30 alunos 5 são indisciplinados. Aprender a interpretar a indisciplina do aluno como uma dificuldade de educação moral e intelectual do aluno, se ele atrapalha o outro é porque ele se sente incomodado – talvez porque o outro está se sobressaindo ou saiba algo de que ele não saiba -, é preciso ter tolerância para ouvir os problemas dos estudantes para ajudá-los a superar as suas dificuldades emocionais e intelectuais.

**Quais as principais diferenças entre as escolas cívico-militares e as escolas públicas regulares no processo de controle da violência e da indisciplina no ambiente escolar?**

A escola militarizada tem condições de fazer um bom trabalho, mas nem todas apresentam os mesmos resultados, há um desnível nessas escolas, apesar de todo o apoio que recebem do governo e da sociedade. Pela experiência que tenho de 36 anos de magistério, vejo a escola cívico-militar como um modelo excludente e de perfil intimidador, ela não tem como foco o aprendizado do aluno e a valorização do outro. Eu nunca precisei frequentar uma escola militarizada para aprender os meus deveres cívicos como cidadã, a função da escola deve ser fazer com que as pessoas apreciem esses valores da cidadania de uma forma mais livre e autônoma, e não na base da imposição de regras e normas que colocam os alunos numa “caixa”, engessando os alunos. Eu gosto das coisas de forma correta, mas eu não preciso ficar controlando as pessoas o tempo todo para obter este tipo de resultado, é preciso construir a personalidade do estudante. Em termo de aprendizado não há dúvidas de que eles obtêm bons resultados, mas isso ocorre porque eles têm uma série de regalias, nós das regulares não temos os poderes deles, não podemos cobrar uma mensalidade, por exemplo, nem mesmo uma caixa para a escola. No meu ponto de vista alunos de escolas integrais e militarizadas têm a obrigação de se sobressaírem nos estudos, pois eles têm recursos muito maiores, por isso que para mim professore de verdade é aquele que atual nas escolas públicas comuns, porque esses não têm muitos recursos para trabalhar, além de lidar com uma diversidade muito maior de alunos – muitos problemáticos. As cívico-militares têm fartura de recursos materiais, regimento interno diferenciado, sobram funcionários, os pais apoiam a escola, eu não tenho nada disso aqui na minha escola, nós trabalhamos em situação mais precária.

#### Diretora 4

**Em linhas gerais, o que você pensa acerca do problema da violência e da indisciplina dentro das escolas brasileiras atualmente? A sua escola sofre deste problema? Em caso afirmativo, poderia citar os casos de violência e indisciplina mais comuns que ocorrem?**

O nosso colégio trabalha apenas com o ensino médio o que faz com que tenhamos poucos casos de indisciplina e violência, logicamente há alunos mais violentos do que outros, mas não conseguimos contornar a situação dentro da própria instituição na base do diálogo. A indisciplina é um problema social porque frequentemente o aluno vem com



essa indisciplina de casa, como ele não tem a estrutura adequada dada pelos pais, isto acaba refletindo dentro da escola.

**Quais medidas práticas a sua escola vem tomando para prevenir e coibir atos de violência e indisciplina? Como funciona o sistema de regras, punições, recompensas e controle do ambiente escolar?**

A política da escola é tratar os alunos na base do diálogo e do respeito. O fato dos alunos serem mais velhos gera uma baixa participação dos pais na vida escolar dos alunos então cabe a nós mesmos da escola buscar resolver as situações de conflito e educar esses alunos mais agressivos. Recebemos muitos alunos que são transferidos das escolas militarizadas, o nosso receio é que esse aluno tenha sido transferido por ser indisciplinado ou violento, mas não é isso que temos visto ultimamente, a maioria se adapta rapidamente ao colégio e interage bem com os seus colegas.

**Na sua opinião, há uma correlação entre a violência e a indisciplina escolar com os resultados educacionais obtidos pelos alunos? Em caso afirmativo, poderia exemplificar de que forma isto ocorre?**

Uma escola mais controlada com menos bagunça e conversa em sala de aula contribui para a aprendizagem, porém, eu acho que a aprendizagem pode ocorrer em qualquer lugar, quem quer de fato aprender aprende em qualquer instituição. Nos resultados das provas estaduais não parece haver diferença, há escolas regulares com bons resultados educacionais também. Os professores são os mesmos, não há diferença no processo de ensino e aprendizagem.

**Quais as principais diferenças entre as escolas cívico-militares e as escolas públicas regulares no processo de controle da violência e da indisciplina no ambiente escolar?**

O processo de ensino e aprendizagem é o mesmo nas escolas cívico-militares e nas escolas públicas regulares, tanto é assim que os professores das duas redes são os mesmos, o diferencial está na doutrina das escolas, eles têm um controle mais estrito da organização da escola e capacidade de controlar os alunos: uniformização, cantar o hino nacional, formar em fila, levantar quando o professor entra em sala etc., isso nós não podemos cobrar nas escolas regulares. Os alunos da minha escola não gostam de que alguém fique controlando as suas atitudes, encaram como fofoca ou denúncia o fato de

alguém comentar com alguém que ele não está agindo dentro das normas da escola, isso nas militarizadas não ocorre, há toda uma hierarquia de obediência. Nos recebemos muitos alunos inadaptados das escolas militarizadas que não conseguem seguir a metodologias dessas escolas. Os pais preferem as escolas militarizadas porque eles têm uma ideia de que lá não ocorrem brigas, bullying e o ambiente é mais seguro, mas muitos alunos não conseguem se integrar e voltam para as escolas regulares. A alta procura dos pais dos alunos pelas militarizadas é indicativo de que o modelo parece ser bom mas não é o único modelo de sucesso. Seria bom que a nossa escola tivesse um militar dentro ou até mesmo fora da escola para ajudar no aspecto da violência e da indisciplina.

## **ANEXO C: ENTREVISTAS COM OS PROFESSORES DAS ESCOLAS MILITARIZADAS**

### Professor 1

**Em linhas gerais, o que você pensa acerca do problema da violência e da indisciplina dentro das escolas brasileiras atualmente? A sua escola sofre deste problema? Em caso afirmativo, poderia citar os casos de violência e indisciplina mais comuns que ocorrem?**

A violência na escola é reflexo da sociedade brasileira, violência física explícita não há na militarizada, mas há violências menores, sutis (agressão verbal).

**Quais medidas práticas a sua escola vem tomando para prevenir e coibir atos de violência e indisciplina? Como funciona o sistema de regras, punições, recompensas e controle do ambiente escolar?**

O papel do militar é o controle do ambiente escolar, estes circulam pelos corredores (não no sentido de vigiar apenas), mas também visando atender às diversas necessidades dos alunos. A vantagem da presença do militar na escola é que a preocupação do professor passa a ser exclusivamente ensinar e dar aula, não precisa intervir em questões disciplinares. O militar respeita o profissional da educação, e vice-versa, há uma parceria, não existem problemas de convívio profissional. Não há intervenção abusiva por parte dos militares no domínio do pedagógico.

**Na sua opinião, há uma correlação entre a violência e a indisciplina escolar com os resultados educacionais obtidos pelos alunos? Em caso afirmativo, poderia exemplificar de que forma isto ocorre?**

A questão dos conteúdos didáticos e do ensino cabem aos professores e aos gestores pedagógicos da escola, apenas aqueles projetos que envolvem a participação dos militares na execução têm a junção dos dois.

A punição é o que está previsto no regulamento das escolas estaduais de Goiás, não há grandes diferenças entre as regulares e as militarizadas. é um erro pensar que as militarizadas punem mais, o que se faz é cumprir de forma efetiva o regulamento determinado pela secretaria de educação.

Tem uma disciplina chamada “Cidadania”, que trabalha a conscientização dos educandos, sem foco na punição, o objetivo é educar os alunos para que estes tenham atitudes sociais adequadas no convívio com o próximo: aprender a não prejudicar o outro e a mostrar que as ações trazem consequências.

Há também a “ordem unida”: todos os dias os alunos formam no pátio da escola (por sala), cada sala tem um chefe de turma, que reveza toda semana, e o chefe de turma já faz a chamada ali dos alunos presentes (leva um papel e anota o nome dos alunos que faltaram naquele dia). isso é um ganho de tempo enorme. aqueles nomes são repassados aos militares, que já jogam no sistema de presença. então, os professores entram na sala com foco na aula. o professor entra 07:15, o chefe de turma vai na frente da sala, os alunos levantam e ele apresenta a sala ao professor (fala a qtd. total de alunos e quantos estão presentes), isso gera ganho de tempo para o professor.

**Quais as principais diferenças entre as escolas cívico-militares e as escolas públicas regulares no processo de controle da violência e da indisciplina no ambiente escolar?**

Não consigo opinar, porque nunca trabalhei numa escola pública regular.

#### Professor 2

**Em linhas gerais, o que você pensa acerca do problema da violência e da indisciplina dentro das escolas brasileiras atualmente? A sua escola sofre deste problema? Em caso afirmativo, poderia citar os casos de violência e indisciplina mais comuns que ocorrem?**

Trabalha na escola militarizada, na rede pública regular na periferia e na rede particular. Acredita que o problema da violência está ligado à base familiar, principalmente nos alunos de periferia. A falta de uma estrutura familiar adequada que possa dar suporte aos estudos - além do fato de muitos alunos das escolas públicas terem que trabalhar muito cedo ou da família não apoiar os estudos).

Dentro do colégio militar é raro ver casos de violência, o que há são situação de conflito entre adolescentes, também não observa nada ligado a problemas familiares na maioria dos alunos.

**Quais medidas práticas a sua escola vem tomando para prevenir e coibir atos de violência e indisciplina? Como funciona o sistema de regras, punições, recompensas e controle do ambiente escolar?**

O regimento escolar é forte e é cumprido. Todos os dias pela manhã há 20 ou 30 minutos de reunião com a coordenação pedagógica, com constante fluxo de informações entre a direção e os professores sobre os estudantes (problemas de aprendizado, bullying etc.). A violência é quase zero, mas a indisciplina ocorre, porém, em relação às outras instituições é com baixa frequência.

**Na sua opinião, há uma correlação entre a violência e a indisciplina escolar com os resultados educacionais obtidos pelos alunos? Em caso afirmativo, poderia exemplificar de que forma isto ocorre?**

O processo de aprendizagem do aluno necessita de organização, disciplina e planejamento daquilo que vai ser executado. Os resultados do IDEB mostram o sucesso da escola, a cada ano há um aumento da nota. Tanto a parte pedagógica quanto a disciplinar trabalham em conjunto com o objetivo de gerar aprendizagem no aluno: foco, direção e objetivo são produtos da disciplina impostas pelos policiais militares na escola.

**Quais as principais diferenças entre as escolas cívico-militares e as escolas públicas regulares no processo de controle da violência e da indisciplina no ambiente escolar?**

A convivência entre civis e militares é boa. Os professores se sentem confortáveis hoje em relação ao modelo, não há autoritarismo, a metodologia foi mudando ao longo dos últimos 15 anos de existência da escola. Há um mito de que na escola militarizada não há liberdade, o que não é verdade, há liberdade, mas dentro das regras.

### Professor 3

**Em linhas gerais, o que você pensa acerca do problema da violência e da indisciplina dentro das escolas brasileiras atualmente? A sua escola sofre deste problema? Em caso afirmativo, poderia citar os casos de violência e indisciplina mais comuns que ocorrem?**

A militarização da escola é recente, e mesmo antes de ser militarizada, a escola não era violenta. nunca teve problemas com violência e indisciplina.

**Quais medidas práticas a sua escola vem tomando para prevenir e coibir atos de violência e indisciplina? Como funciona o sistema de regras, punições, recompensas e controle do ambiente escolar?**

Os alunos ao ingressarem no colégio tem ciência das regras do colégio. Além de terem interesse em estar lá. Os alunos do colégio querem fazer, querem aprender, querem participar (esse é o principal diferencial dos alunos das escolas militarizadas). Quando é observado que o aluno não quer estar ali, a coordenação pedagógica junto com o comando militar senta com os pais para discutir o futuro do aluno. Isso gera mais dedicação, um comportamento diferente.

**Na sua opinião, há uma correlação entre a violência e a indisciplina escolar com os resultados educacionais obtidos pelos alunos? Em caso afirmativo, poderia exemplificar de que forma isto ocorre?**

Os militares focam basicamente na parte disciplinar, não interferem em nada na parte do pedagógico, o ambiente é democrático. O professor tem muita liberdade e autonomia em sala de aula.

**Quais as principais diferenças entre as escolas cívico-militares e as escolas públicas regulares no processo de controle da violência e da indisciplina no ambiente escolar?**

Poucos alunos e professores pediram transferência para outra unidade de ensino após a militarização da escola. Os professores preferem dar aula na escola militarizada, porque muitos deles acham mais fácil de dar aula, exatamente por essa questão da disciplina que é imposta aos alunos.

#### Professor 4

**Em linhas gerais, o que você pensa acerca do problema da violência e da indisciplina dentro das escolas brasileiras atualmente? A sua escola sofre deste problema? Em caso afirmativo, poderia citar os casos de violência e indisciplina mais comuns que ocorrem?**

Desde que a escola virou cívico-militar houve uma grande queda nos casos de violência. A indisciplina ainda ocorre, mas também vem reduzindo, devido ao estrito cumprimento do regimento, que estabelece punições leves, médias e graves para os alunos, quem não segue as regras é convidado a se retirar da escola. O simples fato de ter a presença dos militares contribui bastante para a melhoria do comportamento dos alunos.

**Quais medidas práticas a sua escola vem tomando para prevenir e coibir atos de violência e indisciplina? Como funciona o sistema de regras, punições, recompensas e controle do ambiente escolar?**

A relação entre os civis e os militares é muito boa, os professores não têm problema com a presença dos militares. A divisão de tarefas é muito clara: os professores cuidam das aulas, a equipe pedagógica cuida da parte pedagógica e os militares cuidam da questão disciplinar dos alunos.

**Na sua opinião, há uma correlação entre a violência e a indisciplina escolar com os resultados educacionais obtidos pelos alunos? Em caso afirmativo, poderia exemplificar de que forma isto ocorre?**

A questão disciplinar executada pelos militares é importante para dar foco ao educador e para o educando, sem disciplina os resultados não aparecem, mas também não é um modelo rígido, o que é exigido é ordem e respeito a uma escola indisciplinada tem dificuldade de progredir. Um aluno baderneiro não permanece na escola cívico-militar, ele sabe como funciona o regime da escola, sabe que precisa se controlar e seguir as regras para permanecer ali dentro, isso gera maior consciência por parte dos alunos, eles aceitam bem e se enquadram ao sistema.

**Quais as principais diferenças entre as escolas cívico-militares e as escolas públicas regulares no processo de controle da violência e da indisciplina no ambiente escolar?**

O colégio teve uma grande aceitação, não houve mudanças drásticas de professores e alunos, após a transição para o modelo cívico-militar. Os alunos e professores que permaneceram foram os que aceitaram o modelo híbrido, o que faz com que não haja insatisfação por parte das pessoas envolvidas com a escola. A ajuda que os militares nos dão é o grade diferencial para as outras escolas, eles impõem respeito e autoridade perante o aluno.

Professor 5

**Em linhas gerais, o que você pensa acerca do problema da violência e da indisciplina dentro das escolas brasileiras atualmente? A sua escola sofre deste problema? Em caso afirmativo, poderia citar os casos de violência e indisciplina mais comuns que ocorrem?**

A nossa sociedade é violenta, e isto afeta a vida do aluno dentro da escola, a militarização ajudou bastante a controlar a violência devido ao forte controle disciplinar. É possível fazer um balanço positivo sobre como a escola era e como é agora na questão da violência. Além da ação rápida e direta dos militares, para que os casos de violência não se acumulem, os responsáveis pela escola mantêm os pais das crianças sempre cientes em caso de ocorrências de violência e indisciplina.

**Quais medidas práticas a sua escola vem tomando para prevenir e coibir atos de violência e indisciplina? Como funciona o sistema de regras, punições, recompensas e controle do ambiente escolar?**

Os professores têm liberdade para ensinar e dar a aula, mas tem que ter um perfil para trabalhar neste tipo de escola, pois o regimento interno é exigente e é cumprido em sua literalidade. Houve casos de funcionários que precisaram se afastar por não se adaptarem ao modelo militarizado, assim como alunos que pediram para sair, mas tudo é depois de muita conversa. São normativas bem rígidas.

**Na sua opinião, há uma correlação entre a violência e a indisciplina escolar com os resultados educacionais obtidos pelos alunos? Em caso afirmativo, poderia exemplificar de que forma isto ocorre?**

Tendo trabalhado em outras escolas, ela vê uma melhoria muito grande com a transição da instituição para o modelo cívico-militar, hoje a escola é mais bem estruturada (sala climatizada, material para trabalho, internet funcionando) e maior bem-estar dentro dessa escola. A evolução dos resultados no IDEB e no SAEB ao longo dos últimos anos mostram que este modelo escolar favorece o processo de aprendizagem dos estudantes.

**Quais as principais diferenças entre as escolas cívico-militares e as escolas públicas regulares no processo de controle da violência e da indisciplina no ambiente escolar?**



Há muita procura e fila de espera para essa escola, a comunidade local aprecia este modelo – principalmente os pais -, pois estes não conseguem educar os filhos no aspecto disciplinar e acabam depositando na escola cívico-militar essa responsabilidade. A escola acaba suprimindo as deficiências da educação doméstica e das escolas públicas regulares.

#### Professor 6

**Em linhas gerais, o que você pensa acerca do problema da violência e da indisciplina dentro das escolas brasileiras atualmente? A sua escola sofre deste problema? Em caso afirmativo, poderia citar os casos de violência e indisciplina mais comuns que ocorrem?**

A escolas refletem a sociedade: desestrutura familiar, desorganização social e econômica. Na escola cívico-militar em que leciona não observa casos de violência, mas há atos menores de indisciplina: bullying e sumiço de materiais pessoais (lápiz, borracha, coisas mínimas).

**Quais medidas práticas a sua escola vem tomando para prevenir e coibir atos de violência e indisciplina? Como funciona o sistema de regras, punições, recompensas e controle do ambiente escolar?**

O diálogo é permanente com os alunos, a questão da presença dos militares contribui muito para o controle da disciplina, eles nunca tomam as decisões sozinhos, há muita conversa com os civis. Relação de parceria com os militares, reuniões semanais para discutir o que houve na semana e a projeção para o futuro. Nada é decidido na individualidade ou por apenas um grupo, a parte pedagógica dialoga bem com os militares.

**Na sua opinião, há uma correlação entre a violência e a indisciplina escolar com os resultados educacionais obtidos pelos alunos? Em caso afirmativo, poderia exemplificar de que forma isto ocorre?**

Vários alunos pediram para sair por causa do sistema de normas da escola militar, mas vários que saíram procuraram novamente a instituição, por que sentiram que a disciplina ajuda na aprendizagem. Quem fica na escola é porque aceita que esse modelo de organização é necessário e bom para si.

A disciplina não coíbe a criatividade, pelo contrário, os alunos também são estimulados à criatividade, de participar dos projetos que a escola ministra, a escola conversa com os alunos e eles participam nos projetos da escola. O que não se pode fazer é confundir bagunça e desordem com criatividade.

**Quais as principais diferenças entre as escolas cívico-militares e as escolas públicas regulares no processo de controle da violência e da indisciplina no ambiente escolar?**

As escolas cívico-militares têm um comportamento diferenciado; os alunos não têm medo dos militares, eles têm respeito. Há muito diálogo entre alunos e militares; há uma confiança na instituição e nos militares. Os pais veem com mais credibilidade esse modelo de escola.

Professora 7

**Em linhas gerais, o que você pensa acerca do problema da violência e da indisciplina dentro das escolas brasileiras atualmente? A sua escola sofre deste problema? Em caso afirmativo, poderia citar os casos de violência e indisciplina mais comuns que ocorrem?**

Desde que virou militar zerou o problema da violência, mas esse problema é recorrente nas outras escolas públicas. a violência da sociedade reflete na escola.

**Quais medidas práticas a sua escola vem tomando para prevenir e coibir atos de violência e indisciplina? Como funciona o sistema de regras, punições, recompensas e controle do ambiente escolar?**

Regimento interno é bastante rigoroso, os alunos quando entram recebem uma agenda com essa informação, cada ato incompatível com a escola está documentado e a sua respectiva infração (para todos os anos da escola). o que está no regimento é cumprido.

Foi uma das últimas escolas de goiânia a ser militarizada. o papel de cada um é bem definido, os militares ficam mais com a parte disciplinar (divisão disciplinar), os militares tomam as decisões em conjunto com o pedagógico (divisão de ensino). não há

imposição na relação, o diretor militar está na mesma linha da coordenadora pedagógica. havia receio, mas acabou sendo algo tranquilo.

Quando virou militar muitos alunos que não tinham identificação com a escola optaram por sair porque não queria seguir as regras, usar o uniforme, mas não foi um número expressivo. os que ficam não saem por não gostarem do modelo da escola. Não há muito rodízio de professores, quando saem é mais por uma questão ligada à Seduc, a maioria dos professores se identificam com o projeto.

**Na sua opinião, há uma correlação entre a violência e a indisciplina escolar com os resultados educacionais obtidos pelos alunos? Em caso afirmativo, poderia exemplificar de que forma isto ocorre?**

A violência e a indisciplina atrapalham o professor a iniciar a aula (10, 15 minutos de atraso), não consegue repassar o conteúdo para ficar chamando a atenção do aluno. quando a disciplina está funcionando a aula rende mais. o aluno que pratica violência corre o risco de perder a vaga e eles têm medo dessa possibilidade.

**Quais as principais diferenças entre as escolas cívico-militares e as escolas públicas regulares no processo de controle da violência e da indisciplina no ambiente escolar?**

Considero os alunos das escolas militarizadas mais autocontrolados, menos violentos e indisciplinados (já trabalhou em outros colégios públicos), a violência na escola é um efeito daquilo que eles vivenciam em casa, na rua, nas militarizadas há mais regras e punições para o desvio de conduta do que nas outras escolas.

#### Professora 8

**Em linhas gerais, o que você pensa acerca do problema da violência e da indisciplina dentro das escolas brasileiras atualmente? A sua escola sofre deste problema? Em caso afirmativo, poderia citar os casos de violência e indisciplina mais comuns que ocorrem?**

Trabalhou em outras escolas públicas, considera a escola militarizada a melhor que trabalhou até hoje, em relação à violência, porque lá ela se sente mais segura: aluno

não chega com faca, não tem assalto etc. em 3 anos de escola ainda não experienciou nenhum caso de violência.

**Quais medidas práticas a sua escola vem tomando para prevenir e coibir atos de violência e indisciplina? Como funciona o sistema de regras, punições, recompensas e controle do ambiente escolar?**

A partir da matrícula os militares já informam aos pais e aos alunos as regras e as punições da escola. quem comanda é o professor, apenas posteriormente que chega no disciplinar para dar a punição (ver os casos: chama o pai, faz uma ata, perde pontos na parte disciplinar- há uma nota nesse aspecto).

Há separação de funções, mas há uma parte que é militar e também pedagógica, a relação é harmoniosa. os professores só conversam com a coordenadora pedagógica, e a ela cabe a função de repassar para os militares.

**Na sua opinião, há uma correlação entre a violência e a indisciplina escolar com os resultados educacionais obtidos pelos alunos? Em caso afirmativo, poderia exemplificar de que forma isto ocorre?**

Se não tiver silêncio e disciplina não dá para aprender matemática (ela é professora de matemática). Quem manda dentro de sala de aula é o professor, fora da sala cabe aos militares.

**Quais as principais diferenças entre as escolas cívico-militares e as escolas públicas regulares no processo de controle da violência e da indisciplina no ambiente escolar?**

Nunca trabalho em escola particular, mas ouve relatos de que há muita indisciplina também (a síndrome do “estou pagando”), a direção tem medo de chamar a atenção dos alunos.

A maioria dos alunos gostam da escola, eles se sentem “poderosos”, os alunos também participam da parte disciplinar (alguns controlam os corredores). quando o pai obriga o aluno a estar lá aí pede para sair. muitos alunos fizeram a opção de forma consciente por estudar nessa escola pela questão da disciplina, não gostavam da escola pública regular.

Professora 9

**Em linhas gerais, o que você pensa acerca do problema da violência e da indisciplina dentro das escolas brasileiras atualmente? A sua escola sofre deste problema? Em caso afirmativo, poderia citar os casos de violência e indisciplina mais comuns que ocorrem?**

Há bullying, racismo, violência velada, não há tanta violência física, mas a indisciplina existe. O sistema de controle das escolas favorece um ambiente mais pacífico.

**Quais medidas práticas a sua escola vem tomando para prevenir e coibir atos de violência e indisciplina? Como funciona o sistema de regras, punições, recompensas e controle do ambiente escolar?**

As salas de aula são monitoradas por câmera e um policial militar fica acompanhando a mudança de professores durante as aulas. Os atritos físico cabem aos militares, quando é mais sério chamam o conselho tutelar, quando o problema é pedagógico resolve com os civis. O militar trabalha no sentido de polícia pacificadora, ou seja, procuram agir antes do problema acontecer, com um perfil mais amigável, de orientação.

A relação com os militares é de respeito de ambos os lados. Os militares não chamam a atenção do professor, essa parte cabe ao pedagógico, eles têm uma disciplina muito séria e rígida que é muito boa, temos muito a aprender com eles. Os professores gozam de total liberdade no pedagógico.

A escola é heterogênea em termos de classes sociais, muitos pais veem a instituição como uma tábua de salvação para a educação dos filhos, mas têm alguns alunos que não tem o perfil da instituição porque não gostam de usar uniforme: não pode usar brinco, o cabelo é no padrão, não pode usar qualquer sapato. A existência de padronização do uniforme é importante porque auxilia na identificação de pessoas estranhas que podem vir a entrar na escola.

A grande maioria dos professores é vinculada por contrato, são comissionados, o que atrapalha a “paz de espírito” dos professores, gera insegurança, pois a equipe é boa. A saída dos profissionais ocorre mais por este motivo.

**Na sua opinião, há uma correlação entre a violência e a indisciplina escolar com os resultados educacionais obtidos pelos alunos? Em caso afirmativo, poderia exemplificar de que forma isto ocorre?**

É impossível ensinar ou aprender sem um mínimo de disciplina, precisamos de espaço limpo, arejado. não adianta ter uma escola bem estruturada, mas com muita indisciplina. Os alunos têm direito de voz, é um erro pensar que não há diálogo. O diretor não falta, está sempre presente, a sala do diretor está sempre aberta para os alunos e ele sempre é o último a sair. Não podemos deixar os alunos fazerem o que quiserem, temos que controlar a anarquia.

**Quais as principais diferenças entre as escolas cívico-militares e as escolas públicas regulares no processo de controle da violência e da indisciplina no ambiente escolar?**

Os militares vieram somar e passar maior segurança aos professores, a chance de agressão é muito pequena nas militarizadas, enquanto nas outras escolas ocorre muito mais violência. A maioria dos alunos que saem querem voltar para a militares porque percebem que o ambiente é melhor.

#### Professor 10

**Em linhas gerais, o que você pensa acerca do problema da violência e da indisciplina dentro das escolas brasileiras atualmente? A sua escola sofre deste problema? Em caso afirmativo, poderia citar os casos de violência e indisciplina mais comuns que ocorrem?**

A violência é um problema da sociedade em geral, as escolas são um reflexo dessa questão. A família é fonte de violência e isso afeta a relação dos alunos com a escola. Os militares procuram aconselhar os alunos individualmente, dão aulas de “projeto de vida”, educam os alunos para pensar no futuro. A relação com os alunos é de amizade, não há autoritarismo, o objetivo ajudar o aluno a se desenvolver como pessoa..

**Quais medidas práticas a sua escola vem tomando para prevenir e coibir atos de violência e indisciplina? Como funciona o sistema de regras, punições, recompensas e controle do ambiente escolar?**

A parte disciplinar cabe ao militares, o regimento interno é claro para os alunos, eles sabem quais são os diretos e deveres inerentes ao seu papel.

**Na sua opinião, há uma correlação entre a violência e a indisciplina escolar com os resultados educacionais obtidos pelos alunos? Em caso afirmativo, poderia exemplificar de que forma isto ocorre?**

Procuram reforçar para os alunos que há o momento de brincar e se divertir, mas a hora de aprender é o momento de prestar atenção. Não há interferência na parte didática e pedagógica, o foco dos militares está na controle disciplinar: regras, punições e formas de tratar o aluno.

Os alunos não têm o hábito de saírem da escola pelo fato do modelo da instituição ser militarizado. Estes se sentem mais seguro dentro de uma escola militar, esta percepção vem do fato de ter trabalhado em outras escolas públicas regulares.

**Quais as principais diferenças entre as escolas cívico-militares e as escolas públicas regulares no processo de controle da violência e da indisciplina no ambiente escolar?**

O que diferencia um colégio militarizado de um não-militarizado é a disciplina, no sentido da persistência e da força de vontade que eles passam para os alunos.

## **ANEXO D: ENTREVISTAS COM OS PROFESSORES DAS ESCOLAS NÃO-MILITARIZADAS**

### Professora 1

**Em linhas gerais, o que você pensa acerca do problema da violência e da indisciplina dentro das escolas brasileiras atualmente? A sua escola sofre deste problema? Em caso afirmativo, poderia citar os casos de violência e indisciplina mais comuns que ocorrem?**

Trata-se de uma questão muito séria que afeta a comunidade como um todo, afeta o processo de aprendizagem e as relações de convivência social, a violência cria desestabilidade e pânico. Esse quadro vem se agravando nas escolas brasileiras, mas é antigo na história, a minha mãe sofria com a palmatória na escola, que é um tipo de violência. Eu sou professora de fundamental e médio, penso que o aluno não deveria passar por esse tipo de situação num momento em que ele está formando a sua personalidade. Eu já atuei em praticamente todas as escolas do meu município, com exceção de uma, e de fato eu vi situações de violência na maioria delas, mas não foram violências extremas, a escola que eu atuo no momento recebe muitos alunos da zona rural, as famílias dessas crianças têm violência no ambiente de casa e isso é trazido para a escola. Percebemos que essas crianças sofrem violência física doméstica e abuso verbal por parte dos pais, há uma certa rudeza na formação deles oriunda do ambiente em que elas crescem.

**Quais medidas práticas a sua escola vem tomando para prevenir e coibir atos de violência e indisciplina? Como funciona o sistema de regras, punições, recompensas e controle do ambiente escolar?**

O regimento escolar é o nosso guia geral para as expectativas que esperamos dos comportamentos dos alunos, mas de nada adianta ter um documento escrito se as pessoas não as cumprem, é preciso que os responsáveis pelas escolas deem o exemplo e trabalhem o regimento de forma prática no processo educativo, cada professor tem autonomia para repassar esse conteúdo do regimento no dia a dia do aluno. A escola precisa se apoiar nas instituições externas como o conselho tutelar e às vezes o Ministério Público. Poderia haver um fortalecimento de políticas públicas que educassem os pais para contribuir com



a escola no processo de educação dos filhos, os pais não sabem educar os filhos, não ensinam os seus filhos a expressar os sentimentos e as emoções.

**Na sua opinião, há uma correlação entre a violência e a indisciplina escolar com os resultados educacionais obtidos pelos alunos? Em caso afirmativo, poderia exemplificar de que forma isto ocorre?**

Uma escola com violência e indisciplina tende a gerar dispersão e tirar o foco dos alunos e dos professores no foco da escola que deve ser a aprendizagem. A violência é um problema mais grave, mas a indisciplina é mais sutil e pode ir minando o processo pedagógico aos poucos, além disso um aluno que aparentemente é muito calado e disciplinado pode não estar se dedicando às tarefas acadêmicas da forma adequada, portanto, é preciso fazer essas nuances ao analisarmos esses conceitos, cada caso é um caso.

**Quais as principais diferenças entre as escolas cívico-militares e as escolas públicas regulares no processo de controle da violência e da indisciplina no ambiente escolar?**

Eu já trabalhei em escola cívico-militar em Brasília, o que eu observei dessa experiência é que muitas vezes a norma vem imposta de cima para baixo e o estado acata esse poder, eles têm mais autonomia e liberdade para gerir a escola do que nas regulares. O fato de expelirem os alunos indesejados facilita muito o processo de gestão da escola e não há nenhuma crítica por parte do governo quanto a esse aspecto, o que na escola cívico-militar é visto como natural, nas regulares é visto como repressão e autoritarismo, nós temos que fazer um esforço para construir o espaço escolar de forma democrático sempre em diálogo com a comunidade e os pais, o que é muito mais difícil e trabalhoso do que impor uma série de regras que devem cumpridas. Mas eu concordo que a disciplina é um aspecto fundamental do processo de aprendizagem, o aluno precisa ter ritmo de estudo e de comportamento, é preciso se organizar para conseguir realizar as atividades escolares de forma satisfatória. A ideia da disciplina nas escolas cívico-militares é valiosa, mas eu também acho que essa disciplina deve ser construída junto com os alunos, os valores devem ser incorporados de forma livre e autônoma. É importante dar protagonismo ao aluno, chama-lo para as suas responsabilidades, ele tem que se sentir parte do processo, e não apenas uma peça de uma engrenagem montada previamente.

Professor 2

**Em linhas gerais, o que você pensa acerca do problema da violência e da indisciplina dentro das escolas brasileiras atualmente? A sua escola sofre deste problema? Em caso afirmativo, poderia citar os casos de violência e indisciplina mais comuns que ocorrem?**

Eu não apenas presenciei como já fui vítima de situações de violência é uma situação trágica a condição das nossas escolas públicas, o governo do estado não se preocupa muito com essa questão. Nós estamos vulneráveis não temos o devido apoio, a violência e a indisciplina afetam diretamente o andamento das aulas e a convivência no espaço escolar, os pais também não ajudam na educação dos filhos e apostam toda as fichas na escola. Temos um problema recorrente com alunos que chegam drogados nas escolas e que ameaçam os alunos e os funcionários. O problema é que eu como coordenador pedagógico não posso ficar o tempo todo observando e controlando o comportamento dos alunos, preciso cuidar do planejamento da escola em primeiro lugar, por isso seria bom se houvesse um policial na nossa escola com esta função disciplinar.

**Quais medidas práticas a sua escola vem tomando para prevenir e coibir atos de violência e indisciplina? Como funciona o sistema de regras, punições, recompensas e controle do ambiente escolar?**

Estabelecemos uma conversa entre diretores, pais, coordenadores e funcionários com o intuito de desenvolver uma política de prevenção, procuramos agir antes dos problemas aparecerem. Eu sou coordenador então eu procuro receber os alunos na porta da escola, faço uma volta fora da escola para verificar se tem aluno matando aula, passo no pátio próximo da escola para ver se tem alunos usando drogas ou bebendo. O nosso regimento interno é organizado de forma a nos ajudar mas nós não temos o mesmo amparo das escolas militarizadas, inclusive no regimento, por exemplo, eles expulsam o aluno, transferem automaticamente, fazem uma triagem dos alunos devido a procura alta que há nessa escolas, então eles ficam aqueles de melhor comportamento e de melhores notas.

**Na sua opinião, há uma correlação entre a violência e a indisciplina escolar com os resultados educacionais obtidos pelos alunos? Em caso afirmativo, poderia exemplificar de que forma isto ocorre?**

Eu sempre prezei pela disciplina, ter uma escola organizada pode ajuda, mas também não podemos colocar o aluno numa forma, não é nosso intuito tirar a liberdade do aluno. Mas ter o controle da escola é fundamental para que a escola gere resultados: frequência dos alunos, faltas dos professores, os pais encaram os profissionais da escola com mais seriedade. Agora, uma disciplina muito rigorosa não cabe mais num modelo de escola contemporânea, hoje nós temos que estar abertos à criatividade, estimular o pensamento criativo do aluno com foco na resolução de problemas e conflitos, a liberdade tem que ser exercida. A escola não pode ser um quartel, a função é educar para a vida, não é nossa função formar soldados.

**Quais as principais diferenças entre as escolas cívico-militares e as escolas públicas regulares no processo de controle da violência e da indisciplina no ambiente escolar?**

Eu penso que as escolas militarizadas na verdade atrapalham ao invés de ajudar as escolas regulares porque eles não fazem questão de manter e trabalhar os alunos mais complicados, os piores alunos ou os inadaptados são enviados para nós, o problema é que nós não temos as mesmas prerrogativas e a mesma estrutura das militarizadas: carga horária diferenciada, cobram mensalidade, podem exigir o uso do uniforme e tem a presença policial que ajuda muito a conter os casos de desvio de comportamento. Eles querem apenas os melhores alunos, isso facilita a vida deles. Nós não temos como ter uma paridade em relação a essas escolas por isso eu acho que a comparação não cabe. Eu até dei uma ideia uma vez para a secretaria de colocar os militares nas escolas regulares ao invés de aglomerar todos em apenas algumas instituições, isso poderia ter um efeito benéfico para nós.

### Professor 3

**Em linhas gerais, o que você pensa acerca do problema da violência e da indisciplina dentro das escolas brasileiras atualmente? A sua escola sofre deste**

**problema? Em caso afirmativo, poderia citar os casos de violência e indisciplina mais comuns que ocorrem?**

Por indisciplina entende-se como aquele aluno insubordinado, que não segue as regras do regimento interno, mas esse tipo de aluno “perfeitinho” que fica calado, não faz bagunça e anota toda a matéria da aula, não existe. Então é natural que os alunos conversem um pouco, usem o celular e façam brincadeiras, ele é um ser humano, nesse sentido a violência e a indisciplina na minha escola são mínimas, o que há são essas situações corriqueiras do cotidiano. A nossa escola é de regime integral, muitos alunos não se adaptam bem a esse tipo de escola num primeiro momento, porque eles não estão acostumados a passar o dia toda dentro da escola estudando, nesse período inicial há maiores casos de violência e indisciplina, mas depois de adaptados não vemos mais a ocorrência de casos. Violência física e verbal raramente ocorrem na nossa escola.

**Quais medidas práticas a sua escola vem tomando para prevenir e coibir atos de violência e indisciplina? Como funciona o sistema de regras, punições, recompensas e controle do ambiente escolar?**

O modelo de escola integral ajuda na prevenção da indisciplina e da violência. Os alunos que são mais violentos e indisciplinados não conseguem ver na escola um lugar propício para a sua realização pessoal de vida, ele não vê sentido na escola, não sabe para quê ele está frequentando a escola. A escola integral com a sua metodologia procura passar para o estudante a capacidade de sonhar e ter objetivos maiores na vida, e quando o aluno tem um sonho ou uma meta, a violência e a indisciplina reduzem drasticamente, assim como fica mais fácil para os gestores da escola chamarem a atenção do aluno para que os erros não se repitam. Na nossa escola procuramos resolver os problemas na base do diálogo jamais na base do grito, damos autonomia ao estudante, focamos no protagonismo e no projeto de vida de cada um.

**Na sua opinião, há uma correlação entre a violência e a indisciplina escolar com os resultados educacionais obtidos pelos alunos? Em caso afirmativo, poderia exemplificar de que forma isto ocorre?**

Um excesso de controle pode gerar uma falsa noção de segurança, disciplina e até mesmo de aprendizagem. Uma escola com uma vigilância mais estrita com câmeras vigiando o tempo inteiro tira a liberdade de escolha do aluno, ele é vigiado a maior parte do tempo, então se não há uma liberdade de escolha não há como saber se o aluno está se

desenvolvendo moralmente ou não. Pode até ser que o controle mais rígido gere melhores notas, mas nós não podemos esquecer que conhecimento não é “decoreba” e cumprimento de regras apenas, é importante educar o aluno para que ele seja capaz de resolver problemas, nisso o rigor não ajuda. Não adianta querer disciplinar os alunos de forma muito rígida na escola porque depois ele vai para a Universidade e encontra um ambiente totalmente diverso, mais arejado, com mais autonomia e liberdade para os estudantes.

**Quais as principais diferenças entre as escolas cívico-militares e as escolas públicas regulares no processo de controle da violência e da indisciplina no ambiente escolar?**

O principal diferencial das escolas militarizadas é a quantidade de recursos, há um maior investimento por parte do governo estadual. Em relação ao modelo pedagógico, eu não aproveitaria quase nada das escolas cívico-militares nas escolas regulares, porque o nosso modelo de educação integral é muito eficiente, na lista do IDEB e do ENEM é possível ver que nós estamos no mesmo nível das cívico-militares em questão de aprendizagem dos alunos. Eu tenho diversos colegas professores que atuam nas escolas militarizadas, a impressão que tenho é que se cria uma falsa sensação de segurança dentro do âmbito da escola, porque os alunos ao saírem dessas escolas não tem mais um regimento para cumprir, isso não forma a pessoa. Ter um policial lhe vigiando o tempo inteiro pode evitar que você cometa infrações naquele momento, mas quando essa situação acabar como é que esse indivíduo vai agir? Eu não acredito na educação baseada em coerção, o regimento interno não é usado como um “porrete”, nós conversamos com os alunos e fazemos um “contrato de convivência” entre todos, sempre na base do diálogo, sem imposição. Quando a pessoa cria a regra para si mesma, ela se sente mais participante do processo e tende a cumpri-la de forma melhor, não apenas dentro da escola, mas também fora. A intenção é formar para a vida, não só para passar num vestibular ou numa prova.

Professora 4

**Em linhas gerais, o que você pensa acerca do problema da violência e da indisciplina dentro das escolas brasileiras atualmente? A sua escola sofre deste problema? Em caso afirmativo, poderia citar os casos de violência e indisciplina mais comuns que ocorrem?**

Nós temos casos corriqueiros de violência na escola, principalmente brigas entre crianças por motivos banais de desentendimento, mas violência mais séria ocorreu apenas uma vez que foi o caso de um aluno que foi até a cantina buscar uma faca para agredir um professor, felizmente nada ocorreu. Nacionalmente, no Brasil, eu tenho a impressão de que as escolas brasileiras são bastante violentas sim.

**Quais medidas práticas a sua escola vem tomando para prevenir e coibir atos de violência e indisciplina? Como funciona o sistema de regras, punições, recompensas e controle do ambiente escolar?**

A primeira medida é chamar para conversar e fazer uma advertência verbal, caso ocorra novamente situação fazemos uma advertência escrita, em caso de persistência chamamos os pais para conversar e em ultimo grau pedimos o conselho tutelar para intervir e ver quais encaminhamento devemos tomar para solucionar a situação. No caso de violência física damos uma suspensão, com o consentimento dos pais, e também acionamos o conselho tutelar.

**Na sua opinião, há uma correlação entre a violência e a indisciplina escolar com os resultados educacionais obtidos pelos alunos? Em caso afirmativo, poderia exemplificar de que forma isto ocorre?**

A disciplina ajuda, mas eu vejo que os alunos vêm com uma bagagem problemática de casa, os pais não ensinam as regras básicas de conduta moral e social, muitos alunos têm uma postura agressiva e acham aquilo natural porque os pais deles agem daquela forma. A escola vira um receptáculo dos problemas familiares dos alunos: apanham em casa, o pais fala que vai quebrar a boca da criança, são atitudes dos pais que afetam a formação da criança, o aluno acaba repetindo essa postura na escola.

**Quais as principais diferenças entre as escolas cívico-militares e as escolas públicas regulares no processo de controle da violência e da indisciplina no ambiente escolar?**

Eu aprecio o modelo cívico-militar, inclusive a minha filha estuda numa dessas escolas, tem uma disciplina rígida, mas eu vejo que eles fazem uma seleção dos alunos que eles querem que permaneça na escola. Quando o aluno é “difícil”, eles enviam para uma pública regular, isso faz com que o ambiente deles seja mais elitizado, essa autonomia facilita a vida deles, nós das regulares não podemos fazer isso, temos que tentar melhorar o aluno, não podemos rejeitá-lo. Se nós expulsarmos um aluno o

Ministério Público pode intervir e os pais dos alunos vêm reclamar na escola, as escolas cívico-militares não passam por essa situação.

Professor 5

**Em linhas gerais, o que você pensa acerca do problema da violência e da indisciplina dentro das escolas brasileiras atualmente? A sua escola sofre deste problema? Em caso afirmativo, poderia citar os casos de violência e indisciplina mais comuns que ocorrem?**

A questão da indisciplina é presente na nossa escola, principalmente no período vespertino, em que há muitos pré-adolescentes. Uma coisa interessante que passa despercebida é que há muitos casos de indisciplina envolvendo meninas; a violência é menor, mas também existe. A nossa estratégia é conversar com os alunos e os pais e a partir do diálogo tentar resolver as divergências.

**Quais medidas práticas a sua escola vem tomando para prevenir e coibir atos de violência e indisciplina? Como funciona o sistema de regras, punições, recompensas e controle do ambiente escolar?**

Nós fazemos um processo de orientação envolvendo os coordenadores, o diretor e os pais dos alunos, também passamos alguns trabalhos para os alunos refletirem em casa sobre o comportamento que é esperado na escola, o que é adequado ou inadequado fazer dentro do ambiente escolar, e em último caso chamamos o Conselho Tutelar para situações mais graves. A escola não tem um poder de punição tão grande quanto outras instituições externas como o Conselho Tutelar, o máximo que nós podemos fazer é buscar orientar os alunos para que mudem o seu comportamento.

**Na sua opinião, há uma correlação entre a violência e a indisciplina escolar com os resultados educacionais obtidos pelos alunos? Em caso afirmativo, poderia exemplificar de que forma isto ocorre?**

A escola tem que ser um espaço de construção, é evidente que a indisciplina atrapalha a evolução da aula e o aprendizado do aluno, e um ponto recorrente é que os alunos mais indisciplinados da escola são quase todos repetentes. Esses alunos mais problemáticos costumam vir para a escola obrigados pelo pai e a mãe porque não aguentam mais cuidar da criança então a escola tem que buscar transformar o caráter

desses alunos, nós gastamos muita energia nesse processo porque não há apoio da família, o que dificulta a tarefa da escola. Um problema que nos preocupa muito é a má influência que os alunos indisciplinados têm sobre os alunos mais interessados e com melhor comportamento, pois a postura deles atrapalha o rendimento dos outros.

**Quais as principais diferenças entre as escolas cívico-militares e as escolas públicas regulares no processo de controle da violência e da indisciplina no ambiente escolar?**

As escolas cívico-militares têm todas as regalias que uma escola pode ter, principalmente porque tem gente sobrando na equipe, na minha escola eu tenho um coordenador de turma para cada 250 alunos, na militarizada do meu município há três coordenadores de turma para a mesma quantidade de alunos, ou seja, só por este aspecto já há uma grande discrepância na qualidade da gestão escolar. Outro ponto relevante é que as cívico-militares absorvem os melhores alunos, eles não aceitam alunos indisciplinados dentro da escola, frequentemente transferem os piores alunos para as regulares, eles “pescam no aquário”, retêm somente aqueles alunos que não vão dar trabalho e cumprirão estritamente as normas e as regras escolares. Os alunos das cívico-militares costumam ter uma base familiar melhor e um nível socioeconômico mais elevado até porque se os pais forem relaxados com o aluno da cívico-militar isto vai se refletir no desempenho do aluno e ele será convidado a se retirar. Então é muito desigual a comparação o modelo cívico-militar é bem específico, não é o modelo padrão das escolas públicas, não serve de exemplo para nós porque eles têm uma série de regalias.

Professora 6

**Em linhas gerais, o que você pensa acerca do problema da violência e da indisciplina dentro das escolas brasileiras atualmente? A sua escola sofre deste problema? Em caso afirmativo, poderia citar os casos de violência e indisciplina mais comuns que ocorrem?**

Eu parto do princípio de que esse problema da violência na escola parte de problemas pessoas que vêm de fora do sistema escolar, principalmente por conta das relações familiares conturbadas, o nosso colégio não tem grandes problemas com violência e indisciplina, mas quando ocorre normalmente está ligado ao contexto familiar.



Violência simbólica, violência física, assistir agressão (verbal ou física) entre pai e mãe, tudo isso contribui para que o aluno chegue à escola mais violentos e menos disciplinado. Os casos de violência ocorrem mais no início do ano ou no início do segundo semestre, que é quando nós recebemos alunos de outras escolas, muitas vezes esses alunos não estão acostumados ao ambiente de uma escola integral, o que gera conflitos iniciais, mas são casos fora da regra.

**Quais medidas práticas a sua escola vem tomando para prevenir e coibir atos de violência e indisciplina? Como funciona o sistema de regras, punições, recompensas e controle do ambiente escolar?**

O mais importante é desenvolver um ambiente de respeito, ensinar aos alunos que é importante aprender a lidar com as diferenças, não fazemos um controle rígido, o nosso foco é dialogar com os alunos. Procuramos não trabalhar com questões punitivas e de castigo, há um fluxo de intervenção em caso de comportamento inadequado: primeiro o professor-tutor intervém, depois entra a figura do coordenador e, em casos mais graves, recorremos à direção. Procuramos sempre trazer a família para dialogar com a escola. Também costumamos recompensar os alunos com elogios para que eles se sintam estimulados a prosseguir no bom comportamento, não há medalhas, premiações ou distintivos.

**Na sua opinião, há uma correlação entre a violência e a indisciplina escolar com os resultados educacionais obtidos pelos alunos? Em caso afirmativo, poderia exemplificar de que forma isto ocorre?**

Alunos indisciplinados costumam ter rendimento escolar mais baixo, o que a gente procura fazer é acolher este aluno e educá-lo para que ele saiba usar o espaço da escola de forma adequada, mostrando que o objetivo é uma sociabilização saudável e com foco no estudo, não é um local para algazarra, violência ou depredação.

**Quais as principais diferenças entre as escolas cívico-militares e as escolas públicas regulares no processo de controle da violência e da indisciplina no ambiente escolar?**

Eu penso que trabalho com um foco menos coercitivo pode gerar resultados educacionais melhores. Um modelo muito rígido, que controla demais o comportamento do estudante, que fica o tempo todo dizendo “faça isso, não faça aquilo”, não é tão eficaz

quanto ensinar ao estudante que ele deve aprender a usar a sua liberdade de escolha nas diversas situações da vida. É preciso mostrar para o aluno que a formação moral dele não serve apenas dentro do ambiente escolar, mas é algo que ele deve levar para toda a vida. As escolas militarizadas controlam o ambiente na base do medo da punição, isso tira a autonomia do aluno, gera medo e não educa para a vida, a escola tem a missão de ensinar o certo e o errado, mas sempre dando opção de escolha para o aluno, estimulando a reflexão.

#### Professora 7

**Em linhas gerais, o que você pensa acerca do problema da violência e da indisciplina dentro das escolas brasileiras atualmente? A sua escola sofre deste problema? Em caso afirmativo, poderia citar os casos de violência e indisciplina mais comuns que ocorrem?**

Todas as unidades escolares do Brasil sofrem com esse problema da indisciplina e no nosso caso não é diferente, felizmente os casos de violência são bastante raros, o problema maior está na indisciplina: xingamento, falta de educação, *bullying*. A escola procura fazer projetos educativos temáticos para amenizar esses problemas comportamentais dos estudantes, mas adolescente não é fácil. Quanto menor a idade, maior o problema de indisciplina, sofro com maiores problemas neste aspecto nas aulas vespertinas que são as turmas com alunos mais crianças (6º ao 9º ano do fundamental).

**Quais medidas práticas a sua escola vem tomando para prevenir e coibir atos de violência e indisciplina? Como funciona o sistema de regras, punições, recompensas e controle do ambiente escolar?**

Costumamos seguir a linha da advertência, principalmente em casos de agressão verbal, porque a expulsão é um procedimento traumático tanto para escola quanto para o aluno, porém, em casos de violência física mais explícita nós convidamos o aluno a se retirar. Quando a advertência é insuficiente solicitamos que o aluno fique em casa durante 3 dias e só retorna para a escola com a presença do responsável familiar, que deve assinar um termo assumindo responsabilidade pelo estudante.

**Na sua opinião, há uma correlação entre a violência e a indisciplina escolar com os resultados educacionais obtidos pelos alunos? Em caso afirmativo, poderia exemplificar de que forma isto ocorre?**

Violência atrapalha o processo de aprendizagem, apesar de ser menos recorrente, mas o problema maior é a indisciplina, que sem dúvida não ajuda no processo de ensino e aprendizagem, porque o aluno indisciplinado não tem foco, isso dá mais trabalho ao professor para conseguir repassar o conteúdo. Alunos que atrapalham o andamento das aulas fazem com que os professores tenham que perder tempo chamando a atenção e tomando medidas disciplinares, além de atrapalhar os outros colegas de turma que estão tentando prestar atenção.

**Quais as principais diferenças entre as escolas cívico-militares e as escolas públicas regulares no processo de controle da violência e da indisciplina no ambiente escolar?**

Eu nunca trabalhei em escola cívico-militar, mas já tive conversas com alguns professores dessas escolas, a minha percepção é de que só de ter policial na escola ameniza a situação de conflito dentro da escola e pacifica a situação. Os militares não tem muita paciência com os alunos que não se adequam ao sistema, eles são rapidamente convidados a se retirar e são enviados para alguma escola regular, esse tipo de atitude nós das regulares não podemos tomar, o que cria um desnível entre os dois modelos institucionais. Os militares têm mais autonomia e poder coerção do que os professores e diretores de outras escolas, isso facilita o trabalho deles, então nós recebemos os alunos mais problemáticos ao mesmo tempo que não temos os instrumentos coercitivos que eles têm. Eu penso que deveria ser o contrário, os alunos problemáticos deveriam ir para as escolas militarizadas para serem ressocializados e deixar os melhores alunos nas redes regulares.

#### Professora 8

**Em linhas gerais, o que você pensa acerca do problema da violência e da indisciplina dentro das escolas brasileiras atualmente? A sua escola sofre deste problema? Em caso afirmativo, poderia citar os casos de violência e indisciplina mais comuns que ocorrem?**

Vejo que há por parte dos alunos uma certa oposição à escola, oposição contra as autoridades escolares, oposição contra as exigências da escola, também há uma falta de preparação e formação por parte dos professores, a nossa situação é muito precária. Os professores levam as aulas de forma muito básica e simplista, não tem o domínio adequado da técnica pedagógica, isso não dá respaldo ao aluno. O adolescente já tem por temperamento uma necessidade de autoafirmação e de bater de frente com os adultos, quando esta situação se junta à falta de formação, a combinação é explosiva: brigas, bagunça, desrespeito ao professor, *bullying*, não colaboração com as atividades escolar, agressão verbal e física, essas são as consequências. Eu trabalho no período matutino e noturno, em ambos os períodos são todos adolescentes, no período noturno há mais propensão à violência porque os alunos são mais independentes e autônomos, o desafio é muito maior no noturno.

**Quais medidas práticas a sua escola vem tomando para prevenir e coibir atos de violência e indisciplina? Como funciona o sistema de regras, punições, recompensas e controle do ambiente escolar?**

A alternativa mais comum é conversar, depois advertimos e em casos mais graves partimos para a punição – convidamos o aluno a se retirar, porque não podemos expulsar o aluno -, mas, no meu ponto de vista, a melhor ação deve ser a conquista do aluno, nós temos que convencê-lo de que a adequação às normas é importante para a vida dele para depois da vida escolar. O que é muito perceptível em adolescentes é a necessidade de adequação ao grupo de colegas, em geral os bagunceiros andam em grupos de bagunceiros, e para não desagradar ao grupo esses alunos agem de forma mais indisciplinada. O aluno precisa compreender a função da escola na sociedade e a sua função de aluno dentro da escola, entender a importância da educação e da escola como um todo, ele precisa compreender o projeto da escola na vida dele, isso demanda projetos temáticos e muito diálogo. Não sou a favor de punição exagerada e coerção, o melhor método é educar o aluno.

**Na sua opinião, há uma correlação entre a violência e a indisciplina escolar com os resultados educacionais obtidos pelos alunos? Em caso afirmativo, poderia exemplificar de que forma isto ocorre?**

A disciplina é fundamental não apenas na escola, mas em todos os aspectos da vida das pessoas, mas é importante não confundir disciplina com uma punição excessiva,

o nosso trabalho é mostrar para o aluno que cada situação exige uma postura específica: há o momento de falar, de brincar e o de estudar. Não acho que seja preciso marchar ou cantar o hino nacional para desenvolver isto no aluno, é possível desenvolver a disciplina de forma menos rígida, mas não é fácil. Na escola pública regular quem desobedece não pode ser expulso da escola, nós somos obrigados a ficar e trabalhar com esses alunos, as militarizadas não têm este problema.

**Quais as principais diferenças entre as escolas cívico-militares e as escolas públicas regulares no processo de controle da violência e da indisciplina no ambiente escolar?**

Eu nunca dei aula em colégio militar, a minha visão vem da opinião de colegas, nesse sentido me parece que não tanta diferença assim no processo de controle de violência e indisciplina. As escolas militarizadas trabalham com o conceito de vigiar e punir, o que não me agrada, além disso eles têm um forte processo de seleção que expelle os alunos indesejados que não se adequam às normas escolares. A figura dos oficiais ajuda a impor mais respeito do que a presença do professor, podemos falar até em medo do aluno, não há como comparar a capacidade de impor a autoridade de um policial e um professor. O professor precisa conquistar o aluno pelo diálogo democrático, já os militares podem se impor de forma mais repressiva e coercitiva. Acho mais importante educar o aluno para pensar nas suas atitudes sem uma coerção restritiva, é preciso desenvolver no aluno a sua consciência crítica, ensiná-lo a refletir e a aprender a tomar as decisões de forma livre. Nas militarizadas há menos liberdade, moldam todos de uma única maneira, isso me parece prejudicial para a formação do sujeito.

## ANEXO E: ITENS DO QUESTIONÁRIO DO SAEB (2017) – DIRETORES

VISÃO SOBRE OS PROBLEMAS DA ESCOLA E DIFICULDADE DE GESTÃO - Gostaríamos de saber a sua opinião sobre os principais problemas desta escola e as dificuldades que você encontra na gestão escolar.				
Comando das Questões 67 a 76	O FUNCIONAMENTO DA ESCOLA FOI DIFICULTADO POR ALGUM DOS SEGUINTE PROBLEMAS?			
	Não.	Sim, pouco.	Sim, moderadamente.	Sim, muito.
73. Alto índice de faltas por parte dos professores.	A	B	C	D
74. Alto índice de faltas por parte dos alunos.	A	B	C	D
75. Alta rotatividade do corpo docente.	A	B	C	D
76. Indisciplina por parte dos alunos.	A	B	C	D

VIOLÊNCIA NA ESCOLA - Gostaríamos de saber sobre a ocorrência de fatos que afetam a segurança nesta escola.		
Comando das Questões 90 a 99	SOBRE OS FATOS LISTADOS ABAIXO, DIGA SE ELES ACONTECERAM OU NÃO ESTE ANO, NESTA ESCOLA:	
	Sim.	Não.
90. Agressão verbal ou física de alunos a professores ou funcionários da escola.	A	B
91. Agressão verbal ou física de alunos a outros alunos da escola.	A	B
92. Você foi vítima de atentado à vida.	A	B
93. Você foi ameaçado por algum aluno.	A	B
94. Você foi vítima de furto (sem uso de violência).	A	B
95. Você foi vítima de roubo (com uso de violência).	A	B
96. Alunos frequentaram a escola sob efeito de bebida alcoólica.	A	B
97. Alunos frequentaram a escola sob efeito de drogas ilícitas.	A	B
98. Alunos frequentaram a escola portando arma branca (facas, canivetes etc.).	A	B
99. Alunos frequentaram a escola portando arma de fogo.	A	B

Comando das Questões 100 a 108	NESTA ESCOLA, HÁ PROJETOS NAS SEGUINTE TEMÁTICAS:	
	Sim.	Não.
100. Violência.	A	B
101. Os malefícios do uso de drogas.	A	B
102. Racismo.	A	B
103. Machismo e homofobia.	A	B
104. Bullying.	A	B
105. Sexualidade e gravidez na adolescência.	A	B

## ANEXO F: ITENS DO QUESTIONÁRIO DO SAEB (2017) – PROFESSORES

PROBLEMAS DE APRENDIZAGEM - Gostaríamos de conhecer sua percepção sobre as causas dos possíveis problemas de aprendizagem nas turmas em que você leciona NESTA ESCOLA.		
Comando das Questões 70 a 82	NA SUA PERCEPÇÃO, OS POSSÍVEIS PROBLEMAS DE APRENDIZAGEM DOS ALUNOS DA(S) SÉRIE(S) OU ANO(S) AVALIADO(S) OCORREM, NESTA ESCOLA, DEVIDO À/ÃO(S):	
	Sim.	Não.
78. Falta de assistência e acompanhamento dos pais na vida escolar do aluno.	<input type="radio"/> A	<input type="radio"/> B
79. Baixa autoestima dos alunos.	<input type="radio"/> A	<input type="radio"/> B
80. Desinteresse e falta de esforço do aluno.	<input type="radio"/> A	<input type="radio"/> B
81. Indisciplina dos alunos em sala de aula.	<input type="radio"/> A	<input type="radio"/> B
82. Alto índice de faltas por parte dos alunos.	<input type="radio"/> A	<input type="radio"/> B

VIOLÊNCIA NA ESCOLA - Gostaríamos de lhe perguntar sobre ocorrências de violência nesta escola.		
Comando das Questões 83 a 92	SOBRE OS FATOS LISTADOS ABAIXO, DIGA SE ELES ACONTECERAM OU NÃO NESTE ANO, NESTA ESCOLA:	
	Sim.	Não.
83. Agressão verbal ou física de alunos a professores ou a funcionários da escola.	<input type="radio"/> A	<input type="radio"/> B
84. Agressão verbal ou física de alunos a outros alunos da escola.	<input type="radio"/> A	<input type="radio"/> B
85. Você foi vítima de atentado à vida.	<input type="radio"/> A	<input type="radio"/> B
86. Você foi ameaçado por algum aluno.	<input type="radio"/> A	<input type="radio"/> B
87. Você foi vítima de furto (sem uso de violência).	<input type="radio"/> A	<input type="radio"/> B
88. Você foi vítima de roubo (com uso de violência).	<input type="radio"/> A	<input type="radio"/> B
89. Alunos frequentaram as suas aulas sob efeito de bebida alcoólica.	<input type="radio"/> A	<input type="radio"/> B
90. Alunos frequentaram as suas aulas sob efeito de drogas ilícitas.	<input type="radio"/> A	<input type="radio"/> B
91. Alunos frequentaram as suas aulas portando arma branca (facas, canivetes etc.).	<input type="radio"/> A	<input type="radio"/> B
92. Alunos frequentaram as suas aulas portando arma de fogo.	<input type="radio"/> A	<input type="radio"/> B

USO DO TEMPO - Nesta seção, gostaríamos de lhe perguntar sobre a forma como utiliza o tempo em sala de aula.		
Comando das Questões 102 a 104	PARA ESTA TURMA, QUAL O PERCENTUAL DO TEMPO DE AULA QUE VOCÊ USUALMENTE GASTOU REALIZANDO CADA UMA DAS SEGUINTE ATIVIDADES:	
<b>102. REALIZANDO TAREFAS ADMINISTRATIVAS (EX.: FAZENDO A CHAMADA, PREENCHENDO FORMULÁRIOS ETC.).</b> <input type="radio"/> A Menos de 10%. <input type="radio"/> B De 10% a menos de 20%. <input type="radio"/> C De 20% a menos de 40%. <input type="radio"/> D De 40% a menos de 60%. <input type="radio"/> E De 60% a menos de 80%. <input type="radio"/> F 80% ou mais.	<b>103. MANTENDO A ORDEM/DISCIPLINA NA SALA DE AULA.</b> <input type="radio"/> A Menos de 10%. <input type="radio"/> B De 10% a menos de 20%. <input type="radio"/> C De 20% a menos de 40%. <input type="radio"/> D De 40% a menos de 60%. <input type="radio"/> E De 60% a menos de 80%. <input type="radio"/> F 80% ou mais.	<b>104. REALIZANDO ATIVIDADES DE ENSINO E APRENDIZAGEM.</b> <input type="radio"/> A Menos de 10%. <input type="radio"/> B De 10% a menos de 20%. <input type="radio"/> C De 20% a menos de 40%. <input type="radio"/> D De 40% a menos de 60%. <input type="radio"/> E De 60% a menos de 80%. <input type="radio"/> F 80% ou mais.

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS - Nesta seção gostaríamos de lhe perguntar sobre as estratégias pedagógicas que você utiliza com os alunos DESTA TURMA.
<b>106. QUANTO DO CONTEÚDO PREVISTO VOCÊ CONSEGUIU DESENVOLVER COM OS ALUNOS DESTA TURMA NESTE ANO?</b> <input type="radio"/> A Menos de 20%. <input type="radio"/> B De 20% a menos de 40%. <input type="radio"/> C De 40% a menos de 60%. <input type="radio"/> D De 60% a menos de 80%. <input type="radio"/> E 80% ou mais.